

Tratado vigesimo sexto

do Ceo se logrão ; ja que em mim não ha forças naturaes , nem industria humana, que possa produzir, & a fermosear a açucena da pureza ; vos Senhor com o rayo de vossa diuina graça a criai no jardim de minha alma ; vós a vesti de candura celestial; vós a orualhai com vosso precioso sangue , pera que recendendo primeiro com exemplo della na terra, seja em fim transplantado com ella, & por ella ao jardim do Ceo.

§ Exemplo pratico do voto da Obediencia.

Gen. 3:

TOdo poderoso, & eterno Deos, pois tanto estimais a virtude da obediencia, que sendo offendido dos homẽs por peccado contrario, & tendo dado sentença de morte contra elles, vos aplacastes pella obediencia de vosso vnigenito Filho, & por meyo da mesma obediencia me offereceis o remedio da saluação, desejo eu de me salvar, de vos servir, & contentar, faço voto a vossa diuina magestade de obediencia perpetua nesta sagrada religião por vós aprovada, & confirmada; & prometo de regular minha vida em tudo pella vontade, & mando dos superiores, que nella em vosso nome, & lugar me governarem. Sei muito bem Senhor, & Deos meu a inconstancia de minha natureza; a facilidade com que deixo os meyoos que hũa vez tomei de minha saluação: por este de obediencia me quero atar, & obrigar de maneira, que guiado por ella, nem possa errar com entendimento, nem tornar atras com a vontade. Aqui me tendes Senhor d'oje em diante preso com esta cadeia d'ouro, que fazendome catiuo vosso, sem duuida me não priua da verdadeira liberdade digna do homem; mas acrescenta merecimento a merecimento. Se me vejo atado a vossa vontade, tambem me vejo liure da minha propria, que he o mór catiuo da vida.

Auc. 22.

Mas pera que busco eu outros motiuos, ô bom IESV, que o exemplo de vossa vida, que foi toda hũa perpetua obediencia; & em grao tão subido, que vendouos cercado de temores, & angustias da morte, antes escolhestes morrer, que desobedecer; dizendo. *Non mea voluntas, sed tua fiat.* E pois vós cabeça minha sem differença algũa obedecestes por amor de vosso eterno Padre a bõs, & maos, & tyranos executores de vossa morte; eu membro vosso me dou por obrigado por virtude de meu voto a obedec-

obedecer a qualquer superior, que me puserdes, amigo, inimigo; letrado, idiota; mais nobre, menos nobre; santo, ou pecador; pois todos estão em vosso lugar, & mandão com vossa authoridade. Lá não sou meu, ô bom IESV, mas todo vosso, & do Prelado a quem por vosso amor me entreguei; sem sua vontade nada farei de mim; por sua vontade tudo governarei. Regras de religião, preceitos particulares debaixo de obrigação de obediência guardarei de maneira, que nunca admita pecado contra o voto que fiz. Assim reuerenciarei qualquer ordem, & preceito de meu superior, como se fora ordenado immediatamente por vós.

Nem somente obedecerei em tudo o que expressamente se me ordenar, mas em qualquer cousa, que por finais, ou acenos entender he vontade de meu superior. Não ponho termo à minha obediência, os limites de obedecer, serão os de merecer, & a altura, que pedir a virtude da Charidade; a essa farei por subir com a virtude de obediência; imitando nesta parte quanto for possível vossa mãy santíssima, a qual não tendo obrigada à ley da purificação; pois era mãy por obra do Espírito Santo; com tudo acabados os quarenta dias de vosso nascimento, conformandose com vossa diuina vontade, vos leuou ao Templo, & cumprio a ley, como as demais mãys. Não esperarei, que me mande o superior, que diga palavra, ponha preceito, dê rezão do que manda; bastará pedir como amigo, dar final como Senhor; significar sua vontade como Deos, pera logo com suma prontidão obedecer. Luc. 2.

Acompanharei pera este effeito minha obediência primeiramente com boa vontade, vencendo, & escondendo toda repugnancia que se offerecer, não admitindo a minha natureza deprauada, & amor desordenado escusas, & murmurações, que no comprimento de vontade alhea costumão fazer. Ajuntarei simplicidade sem disputar, ou inquirir os porques da obediência, pois são lingoagés da serpente infernal, com que enganou nossos primeiros pays. Seguirei a obediência, como segue a ovelha seu Pastor; como se deixa menear o instrumento da mão, & impulso do artifice. Da qui nacerá alegria em obedecer, que he a melhor companhia que posso dar à obediência, pois he sacrificio, segundo vosso Apostolo pede dador alegre. Apartarei de mim to- Gen. 3.
2. Cor. 9.

Vuu

da

Tratado vigesimo sexto

da tristeza interior, & exterior; porque nem a couarde o superior em me mandar, nem desedifique meus Irmãos em me imitar. As primicias de minha obediencia será alegria com que obedeceis; por alegria começarei, por alegria acabarei esperando o ultimo premio de gozo, & vitoria, que aos bemaventurados tendes prometido. Apôs alegria seguirá presteza, & diligencia sem demoras, nem tardanças, como fez o obediente Zacheo, que mereceo teruos por hospede em sua casa, & ouvir da vossa boca: *Salus huic domui facta est.* Deixarei Senhor letra começada; imitarei a presteza de Ioseph, que auisado de noite se partisse com vosco, & com vossa santíssima mãy a Egypto, não esperou pella manhã: a diligencia dos Magos em seguir a Estrella; farei em fim por imitar a ligeireza dos Anjos, que em hum ponto se poem do Ceo na terra, & da terra no Ceo por obedecer.

Se a materia da obediencia for ardua, & difficiliosa; se o modo de mandar aspero, & alheo da suavidade religiosa; se se atrauessarem tentadores, que pretendão malquistar o que se manda; eu me armarei de fortaleza, lançando de mim toda pusillanidade, conforme ao conselho do vosso Profeta. *Viriliter agite, & confortetur cor vestrum omnis, qui sperat in Domino.* Antes de tão difficiloso modo de obedecer cobrarei esperança de mór merecimento; & de alcançar cada dia mór facilidade no cumprimento, & execução do voto com que me obriguei. Porque as vitorias desta fortaleza me não leuitem com vã soberba, farei sempre por me acompanhar da virtude da humildade, tomando com mayor prontidão obediencias de occupações humildes, recusando Prelasias quanto em mim for, & tendo-me por inepto pera cousas grandes, & honrosas da religião.

Pera assegurar os quilates de tão alta obediencia trabalharei Senhor sempre de fazer minha a vontade do superior de modo que não só obedeça com effeito da obra, mas cõ affeito do coração. Se me sentir affeçoado a algũa cousa, & recorrendo ao superior o achar affeçoado ao contrario, logo farei por conformar minha vontade com a sua querendo o que elle quer; & dizendo como vos dissestes; *non mea voluntas, sed tua fiat.* Mas por que a perfeita obediencia não só pede cõformidade da vontade, mas tambem do entendimento: eu Senhor inclinando a cabeça á magestade, & diuidade da obediencia a o que o superior julgar por

Luc. 19.

Matt. 26

Thi. 4.

Ps. 36.

por melhor, & mais acertado tambem farei por julgar, ainda q̃ dantes tiuesse parecer contrario: & posto que finta difficuldade em mudar minha opinião, buscarei rezoões, & argumentos com que me persuada a sentir o q̃ meu superior quer, & sente, onde não se offerecer materia de pecado manifesto. Cõ esta obediencia cega espero Senhor alcançar olhos com que neste mundo veja os meyoys de minha saluação; & em fim a vós de rosto a rosto em vossa gloria, que a obedientes como terra de promissão tendes prometida; assi como desobedientes, a quem com o pome vedado se abriram os olhos, lançastes fora do paraíso terreal. *Cec. 2.*

Farei em fim por coroar tudo com a virtude da perseverança, sem a qual logo se faz naufragio da riqueza das mais virtudes. Nem da idade, nem de merecimentos tomarei licença para me dar por aposentado em materias de obediencia até a morte a vosso exemplo, ô bom IESV, de quem diz vosso Apostolo. *Factus obediens usque ad mortem; mortem autem Crucis.* Que perseverastes na obediencia até a morte, & morte de Cruz, *Ad Philip. 2.*

§ Exemplo pratico da Profissão de perfeição religiosa.

POr virtude dos tres votos Senhor que fiz a vossa divina magestade me dou por obrigado a guardar não só pobreza, castidade, & obediencia, mas as mais virtudes que pede o estado desta religião sagrada em que os fiz, & sem as quaes não os mesmos votos se podem guardar, nem eu na religião perseverar. A primeira seja virtude da Penitencia, com ella chorarei interiormente pecados da vida passada, & exteriormente com castigo do corpo assegurarei da manciça que posso vida futura. Pera este effeito não me contentarei só com o peso, & mortificação que cõsigo traz o jugo da religião, de clausura, recolhimento, priuação de liberdades, & recreações dos sentidos; mas acrecentarei jejús, disciplinas, cilícios, & outras molestias da carne, que conquistão a sensualidade, & fazem segura companhia á pureza. A segunda será humildade com a qual desprezando honras, fugindo dignidades assegurarei principalmente pobreza, que entre ellas, mal se pode librar do uso, & amor das riquezas de que sempre andão acompanhadas. Escolhendo com a mesma humildade, não ser conhecido, viuer apartado, *Vuu a* andar

Tratado vigesimo sexto

andar malvestido, & desprezado de todos, fugirei da soberba, & altiveza d'espírito, que he mãy da sensualidade, & das ocaſiões, de conuerſações de homẽs maos, entre os quaes a Caſtidade q' votei não ſe pode conſervar, nem guardar. Por eſta meſma virtude eſpero Senhor alcançar a perfeita guarda do voto da obediencia; pois não he poſſivel, que abatendo com humildade o appetite da propria excellencia, & eſtimandome por minimo de todos, & indigno de todo bem, não me ſoſcite de boa vontade ao governo dos que me daiſ por ſuperiores em voſſo lugar na terra. A voſſa humildade attribue Senhor, voſſo Apolto a obediencia, em que viveſtes até morte, quando diz. *Humiliauit ſemetipſum factus obediens uſque ad mortem.* Com humildade pois me abraçarei pera viver, & morrer obediente a voſſo exemplo.

Ad Philip. 2.

A humildade juntarei a virtude da paciencia, com que leue animoſamente, & com igualdade de coração, & ſem moſtrar exteriores de meos ſoſrimento todas as injurias, contumelias, afrontas, reprehensões, diſfauores, que na vida religioſa de neceſſidade ſe offerecem; com paciencia farei por cumprir, & levar ao cabo todas as occupaões difficuloſas, & repugnantes à natureza, que me poſerem, por mais fraco, & debilitado que me ſinta, porque aſſi meſeca titulo de verdadeiro obediente.

Com Temperança, & ſobriedade refrarei demaſias do goſto, tomando ſo o neceſſario pera ſuſtentar a vida; & ſerá o regimento com que vencerei o appetite da ſensualidade, & alcançarei a virtude da pureza. Com fortaleza d'animo ficarei mais animoſo, que os grandes capitães nas guerras corporaes; vencendo carne, encontrando appetites, mortificando delicias deſta vida, desprezando riquezas, piſando mimos do corpo, conquiſtando temores da natureza fraca, & pellos premios eternos amando, & buscando todo o aſpero, & difficuloſo da vida, com que fique a verdadeira pobreza triumphadora, & ſenhora do mundo.

Pregados os olhos da fẽ no Ceo, dando as azas da Eſperança, desprezarei bẽs preſentes, que vejo, por auſentes, que não vejo; temporaes, por eternos; & confiado na certeza, & riqueza delles facilmente darei de mão, com voto de pobreza a bẽ da fortuna; aborrecerei com voto de caſtidade goſtos do corpo; vencerei com voto de obediencia inclinações da propria vontade

tade. Tudo governará como Rainha a Charidade, que como ardente fogo ateado em vossa bondade, & fermosura consumirá riquezas, & apetites, & gostos, & com suas forças immortaes levará todas as difficuldades, & trabalhos sem cansar: em fim como caudalosa fonte correndo do alto de vosso amor ao baixo dos próximos, acodindo a suas necessidades, compadecendo-se de seus trabalhos, & grangeandoos para a gloria, reinará como senhora em minhas potencias, sentidos, alma, & corpo, pensamentos, palavras, obras, até me por a vista clara de vosso rosto.

Por guia de todo este exercito, & esquadrão de virtudes bem ordenado, ita a oração; pois vós mesmo em vosso Evangelho Senhor dizeis. *Domus mea, domus orationis est.* Que a oração tem Matt. 23 a seu cargo vossa casa, que he vossa religião, & por conseguinte, tudo o que nella vive, que são todas as perfeições, & virtudes d'alma. Com oração subirei meu Deos hũa vez ao alto de vossa diuindade, pondome a pratica com vós; outras ao baixo de vossa humanidade, correndo os mysterios de vossa vida, paixão, & morte. Com oração falarei com a Virgem vossa mãe, & vossa, & com os mais santos da gloria. Com oração dormirei, com oração vigiarei, com oração farei todas as obras de religião; em fim viuirei, & morrerei, pera que viuendo acompanhado de todas as virtudes, morra acompanhado de todo merecimento dellas. Mas porque a perfeição religiosa não consiste tanto nas boas obras, quanto no primor dellas, farei muito caso de coizas pequenas, em que este primor mais se deixa ver. Em ouuindo pella manhã o sinal de obediencia sem dar mais volta me levantarei. O mesmo me achará ja no lugar da oração, que farei com todos preludios, & policias spirituaes, que tendes ensinados, sem rusticidades de encostar, dormir, & olhar, que inuenta a rudeza do amor proprio. Em materias de pobreza, nem de hum alfinete vsarei sem licença, & como outro Nazareo, até de tocar hũ bago d'voas me guardarei. Nas de castidade farei tão exacto, que como Anjo nem em mim, nem em outrem saiba que coisa he sentido do tacto, nem hũa breue vista pouco modesta consinta. Nas da obediencia até a letra começada deixarei por acodir ao que se mandar. Em todas as mais procurarei ser tão mortificado, & apontado, que nem hum minimo jota falte de perfeição.

Tratado vigesimo sexto

Exemplo pratico da entrega, que de sy faz o Religioso.

NÃO contente sò da obrigação, que tomei de pobreza, castidade, & obediência pellos tres votos, quero fazer Senhor de mim entrega, & doação real a meus superiores pera ficar sogeto a elles do modo, que he o escravo a seu Senhor; & ainda com mais rigoroso cativo; pois nem liberdades, que tem escravos de seus senhores quero eu de meus superiores. Já não sou meu, ja nada tenho; até de mim mesmo estou, Senhor, por amor de vòs desapossado. Liure nasci, liure vivi até agora, ja sou cativo da religião, ja até a morte estou obrigado viver à vontade doutrem; & não discrepar do mandado de meus superiores. Deste cativo liure, & liberdade cativa destes Senhor primeiro exemplo, pois sendo liure, Rey, Senhor, & a mesma liberdade vos abatestes, aniquilastes: *formam serui accipient*; tomando forma de escravo; até chegardes a ser vendido por amor de mim; de modo que se viuestes servindo, servindo morrestes tão desemparrado, que nem húa mortalha tiuestes pera ser sepultado.

Ad Philip. 2.

E ainda que não fora vosso exemplo; que muito he fazer-se escravo vosso, & de vossos servos na religião, quem no mundo vive toda a vida escravo do demonio? como eu vivi com mais torpe servidão que a dos escravos dos homens, pois esta he de corpos; & a minha era de alma; esta poem ferrete no rosto, a minha no coração. Esta prende o corpo com ferros, a minha prendia a alma com pecados; de modo que não era escravo de hum sò Senhor, mas de tantos, quantos erão os pecados a que me fogueitava. O estado bemanenturado este em que me vejo, pois ja não sou escravo da sensualidade, mas da pureza, ja não sirvo a ambição, mas a humildade, ja não obedeco a tyranos do inferno, mas a serafins do Ceo, antes a vòs mesmo, o bom I E S V, a quem servir, he reinar. Com mais razão me posso prezar de titulo de senhor que de escravo, depois que a vòs entreguei minha liberdade.

E pois esta he a natureza, & felicidade de minha servidão; eu quero Senhor crescer cada dia mais nella, não sò me não farei ao trabalho da religião, mas buscarei toda a ocasião de

mais

mais o acrescentar, & de me auantejar nos titulos, & condições de escravo. Se o escravo não he seu, mas do senhor; aqui me tens, ô bom IESV, todo vosso; ja não tenho liberdade pera fazer o que quizer, mas o que quizerdes. Se não serue por selario, nem jornal, mas por ser obrigado, assi seruirei por mais, que me respondais com açoutes, injurias, cadeas, depois de cumprir como seruo inutil com a pensão de meu seruiço. E pois o escravo não logra, nem pode tomar pera sy os fruitos de seu seruiço, tudo he de seu senhor, daqui vos offereço todas minhas obras, & seruiços, não pretendo delles outro galardão, que vossa honra, & gloria; nem a vós sò seruirei Senhor, mas como escravo a todos os de vossa casa, pois todos tem direito pera me mandar, & eu obrigação de servir no que mandarem, depois que húa vez a vós me entreguei. Nem seruirei sò ao olho como fazem escravos da terra, mas em toda a parte, todo tempo, & lugar, pois sempre tẽdes os olhos em mim, como Senhor vniuersal do mundo todo.

Ley era vossa antiga, que o escravo que no anno de Jubileu Exod. 25. com amor de seu senhor, & casa estimasse mais catiueiro, que liberdade, com orelha furada ficasse toda a vida catiuo; esta com mais alta cerimonia quero eu Senhor guardar. Catiuo de vosso amor, & casa a que me trouxestes; mais quero ser escravo vosso, que no mundo Rey, & Principe. Abri Senhor meus ouvidos, pera que nunca os tenha fechados, & surdos ao imperio, & mando de meus senhores, que são meus superiores elles mandem; eu obedeça; o imperio sobre mim seja seu; a execução da obediencia seja minha.

E pois por amor de vós Senhor me entreguei a elles, & não sou men, mas seu; ja sem sua vontade, & ordem nada será licito fazer de mim; porque não encorra em crime, & penas de quem toma o alheo, & assi mereça castigos, com que ameagastes o seruo impio, & indiuidado, que alcançastes em diuida de dez mil talentos. *Loquere Domine, quia audit seruus tuus.* Mandai Senhor, aqui está o escravo pera executar o que mandais: seja alto, seja baixo, seja honroso, seja afrontoso, seja conforme a natureza, seja repugnante ao appetite, seja acomodado pera a vida, seja risco, & perigo da propria morte.

Matth. 23.

1. Reg. 3.

TRATADO XXVII

Das especies 11. 12. 13. 14. da virtude da
Religião, que são Iuramento, Adiura-
ção, Culto de Sacramentos,
& Sacramentaes.

CAPITULO I.

Do Iuramento.

2.2. q. 89.

Cerna. 28.

HE Iuramento, segundo Santo Thomas, & Douto-
res, inuocação do nome diuino em testemunho, &
confirmação d'alguã verdade. Donde disse Santo
Agostinho. *Quid est iurare per Deum, nisi testis est
Deus.* Este diuino testemunho se tomã hûas vezes
pera confirmar a verdade de cousas passadas, & presentes, & se
chama Iuramento assertorio, outras pera confirmar verdade de
cousas futuras, & se chama promissorio.

He Iuramento acto licito, & honesto, quando nelle concorre
verdade, justiça, & juizo. Porque sendo Deos primeira, &
summa verdade, fora grande injuria de sua diuina Magesta-
de, se se alegara seu nome em confirmação de mentira. A
Justiça que he o mesmo que honestidade de virtude, ou seja
propriamente justiça, ou qualquer outra, como Fortaleza, Tem-
perança, & c. se requiere da parte da materia sobre que cabe o iu-
ramento, juizo, prudencia, & consideração he circumstancia, que
ainda que acompanhe os actos das mais virtudes particularmẽ-
te entra no Iuramento pella reuerencia de Deos, & fraqueza
da lingua humana, que nelle concorrem.

Deuter. 6.

Tomado Iuramento desta maneira he especie verdadeira da
virtude de religião, como diz S. Thomas, Caietano, Soto, & mais
Doutores. No Deuteronomio, capitulo sexto diz Deos. *Domi-*

num

num Deum tuum timebis, & illi soli servies, ac per nomina illius iurabis. Onde juramento se manda como acto de caridade, & caridade devida a Deos. E o mesmo se colige do segundo precepto do Decalogo; quando se prohibe juramento falso, & he como aprovação do verdadeiro, tudo em honra, & culto de Deos; do qual, como a elle por todos os titulos devido, nasce, que quando se de jurar, seja por Deos verdadeiro, para que não se dê a Deos falsos, ou criaturas, o que a elle só se deve.

Mas como nosso intento he tratar das espécies da religião por ordem à oração; que imos explicando, não iremos avante com o juramento; porque ainda que he acto honesto, tomado com as circumstancias q̃ dissemos, não he acomodado ao exercicio da oração, que pretendemos. Porque ou seja assertório, ou promissório a homẽs, só se contenta com a confirmação da verdade, para fazer fê aos mesmos homẽs, & não passa avante na inuocação do nome divino, em que de algum modo se vê a subida da alma a Deos, que he a definição, & natureza da oração. E se o juramento for promissório a Deos; como jurandose guarda de pobreza, castidade, & obediencia, sem duvida corre o mesmo nesta parte, que no voto de que ja tratamos; por onde não he necessario tratado de novo, para effeito de dilatar por elle novos documentos, & descobrir novas riquezas de oração.

CAPITULO II.

Da adiuração.

A Diuração cõta santo Thomas entre as espécies externas da virtude da religião. He acto que tem semelhança com o juramento; así no vocabulo; como na inuocação do nome de Deos. E así adiurar, ou esconjurar, he requerer, mandar, & com força rogar em nome de Deos alguma coisa. Neste sentido disse Laetancio Firmiano, falando da virtude da Cruz. *Quanto* 2.2.9.90.
furori sit demonibus hoc signum sciet, qui viderit, quatenus adiurati per Christum, de corporibus, quae obsederint, fugiant. A pressa Lib. 4. c. 27.
com que demonios fogem esconjurados no nome de Christo, mostra bem a força do final da santa Cruz.

Entrão no acto de adiuração três pessoas. Primeira, que faz o acto de esconjuracao. Segunda, que se esconjura. Terceira, por cujo nome, & authoridade se faz a esconjuracao. De modo, que sempre a pessoa em cujo nome se faz a esconjuracao tenha mais authoridade, que a que esconjura; pera que fazendo se ambas em hum corpo, & acrescentando se a menor authoridade da que esconjura com a mayor por quem se esconjura, se moua a esconjurada a fazer o que se roga, ou manda. He adiuracao a sig' honesto, & virtuoso, se concorrem circumstancias necessarias; como materia licita, em que a pessoa esconjurada se induza a obra, ou omisso de sy boa. Modo acomodado; quaes são, rogar, pedir amigavelmente, mandar, constranger, reprehender, conforme as pessoas que se esconjurão, & authoridade com que se esconjurão, como logo se dirá em particular. Causa justa, & racionauel, que em toda acção, & negocio se pede. Respeito, & reuerencia deuida à pessoa por cuja authoridade se faz a adiuracao.

He adiuracao tambem acto, ou especie de religião, não em comparação da pessoa, que se esconjura, que ordinariamente he criatura, mas em comparação da pessoa em cujo nome se faz a esconjuracao, que he Deos, ou factos: pera cuja honra olha a virtude da religião: & como na adiuracao se ache modo particular desta honra distinto das mais especies; bem se segue, que he especie particular diuersa das outras, que até aqui dissemos, & ao diante diremos. E do juramento com que mais se parece, se distingue; porque no juramento assertorio nos ajudamos da verdade diuina, pera confirmar o que dizemos: no promissorio da Magestade, & authoridade diuina, pera firmar o que prometemos. Na adiuracao nomeamos a Deos sô como motivo de amor, ou de temor com que se moue a pessoa esconjurada a fazer o que pretendemos.

A pessoa que pode esconjurar ha de ser criatura racional, ou intellectual, como homẽ, Anjo, & os proprios demonios, como fez o que refere São Marcos no capitulo quinto, que esconjurou a Christo, dizendo. *Adiuro te per Deum, ne me torqueas*. Antes o mesmo Deos tambem pode esconjurar, como logo veremos. A razão desta verdade he: porq' na adiuracao concorre imperio, petição, ameaça, que são actos de entendimento.

A pessoa

De quatro seguintes especies da Religião. 526

A pessoa que se esconjura, principalmente, ha de ser diuersa da esconjurante; porque como ninguem pode rogar a sy mesmo, assi, nem esconjurar. Vindo ao particular: primeiramente podemos de algum modo esconjurar a Deos, como diz Santo Thomas; & ainda q̃ não possa, ser por adiuração imperatiua, pois de Deos he mandar; & não ser mandado; pode com tudo, ser por adiuração, deprecatiua; porque como podemos pedir simplesmente algũa coisa a Deos, assi podemos representar ao mesmo algum motiuo devido; por cujo amor, & merecimentos conceda o que pedimos: como fazião Moyses, & outros Profetas, que pedião a Deos por elle mesmo; por sua propria bondade, & misericordia; & por Abrahão, Isaac, & Iacob, & outros serubs seus. E a própria Igreja sempre pede por Christo nosso Senhor com cujo nome, & authoridade conclue, & remata suas orações. Concorrendo pois neste acto, pessoa, que esconjura, pessoa esconjurada, que he Deos, & pessoa por cujo nome, & authoridade se esconjura, que he o mesmo Deos, ou outra, que com elle tenha mais valia, que nós mesmos, quem, duvida que he verdadeira adiuração?

Mas nós parece que nesta parte confundimos hũa especie de religião com outra; porque no principio desta obra, fizemos este acto explicado desta maneira terceira especie, que chamamos obsecração. Respondo, que este modo de orar por diuersos respeitos se pode contar em diuersas especies de religião. He Obsecração, em quanto com a inuocação da pessoa, porque se pede pretendemos dar forças, & vigor á oração. He Adiuração, em quanto pretendemos dar a mesma reuerencia, & culto que por esta via se deue.

O que dissemos de Deos corre a seu modo tambem nos Anjos, & homens santos, & bemaventurados, que reinão com Christo no Ceo. Assi pedimos á Virgem por seu filho, & pella naccença, Assumpção, & mais mysterios da mesma Virgem; aos santos por seus martyrios, merecimentos, & almas, que os seruem com deução. O que tudo he obsecração, & adiuração deprecatiua conforme a differentes respeitos, que podem concorrer.

Aos homens mortaes nesta vida podemos esconjurar, primeiramente, pedindo, & rogando, como faz o pobre ao rico, pedindo esmola por amor de Deos; o amigo ao amigo, se corro nos trabalhos

D. Th. 2.ª. q.
83. art. 17.º

4.ª. Sum. T. 3.

2.ª. Sum. T. 3.

2.ª. Sum. T. 3.

lhos

hos pela Virgem nossa Senhora. Segundo modo, será mandando; e do modo que pode ser contrahendo; e neste he necessario auer authoridade; e mando da parte da pessoa que esconjurá; d outra maneira cometerá peccado de injustiça, usurpando jurdição, e poder que não tem. Esta vzou São Paulo ascreuendo a Timotheo no capitulo quarto da segunda epistola. *Iustificor coram Deo, & Christo Iesu per sanguinem ipsius, & regnum eius, prædica verbum, &c.* Esta pretendeo Cayphas com Christo, quando disse: *Adiuro te per Deum vnum, ut dicas nobis si tu es Christus*; mas como não concorreraõ as circumstancias devidas, por muitos titulos pecon. O primeiro, por cudar podia obrigar a Christo a responder como reo em legitimo juizo. Segundo, porque o fez, não pera conceder a verdade, mas pera pescar occasião de condemnar a Christo.

Licitamente se podem esconjurar demonios, concorrendo condiçoões requisitas, como a se ensina, & a Igreja sempre vzou, & oje vza com particular grao de ordens menores, pera fazer exorcismos a demonios, que he o mesmo que adiuração. Pera ser esta adiuração licita; o fim primeiramente ha de ser lançar, & afugentar o demonio, não alcançar algũa coisa d'elle, ou pretender sua familiaridade, conforme a licença de Christo. *Eccce dedi vobis potestatem calcandi supra serpentes, &c.* O modo ha de ser não rogando, nem pedindo, mas mandando, & contrahendo; porque como he obstinado, & nada faz por amor de Deos, debalde ferra esconjuracão de precatória por Deos, & o esconjurante peccaria neste modo de familiaridade prohibida com quem tudo faz por odio de Deos, & mal dos homens. Advirtasse, que esconjuracão solene, & publica com ceremonias da Igreja, sã podem fazer ministros Ecclesiasticos, pera este officio deputados. Esconjuracão particular podem fazer pessoas particulares, invocando o nome de Iesu, & armados com a fe, que tem de Deos verdadeiro, assi pera lançarem demonios de corpos, como das almas em tempo de tentação.

Quanto a criaturas irracionais, se ha de dizer, que por sy todas não se podem esconjurar; mas em outrem sy, por modo de hũa efficacia milagrosa, & transordinaria, como diz Santo Thomas. A prova desta doutrina seja, que adiuração consiste como vimos, em mando, imperio, petição, de q não sã capazes

criaturas irracionais, pois carecem de entendimento; mas porque juntamente he certo, que não empecem aos homens, senão por mando, ou permissão divina; & muitas vezes as tomão os demonios por instrumentos de nos fazerem mal, daqui nasce, q̃ as podemos lançar, & afugentar, esconjurando, ou a Deos, que as permite; ou demonios, que as armaõ contra nõs; & neste sentido dizemos, que se podem esconjurar em outrem. E assi adiuração divina he o mesmo, que obsecração, com que a Igreja costuma pedir a Deos liure a terra de ares pestilentes, serene o Ceo, mate a praga de vinhas, & sementeiras; o que tudo conclue. *Per Dominum nostrum Iesum Christum.* que com elle tem toda a força de amado filho. E isto chama exorcismos, de que tambem vza no sal, agoa, ramos, cirios bentos, pedindo a Deos conceda particular virtude a estas criaturas, pera effectos saudaveis a corpo, & alma.

Se estas esconjuracões se fazem directamente a demonios, leuão imperio, não petição, como ja dissẽmos, & por ellas como por exorcismos, & censuras, os afugentamos, mandando com authoridade Ecclesiastica, que não fação dano aos fieis por meyo destas criaturas; o que tambem se pode fazer a Deos adiurando o seu diuino poder, pera que mande aos mesmos demonios não vzem de semelhantes criaturas contra nõssas almas, corpos, & bẽs temporaes.

Ultimamente se aduirta, que pode auer adiurações directamente dirigidas às mesmas criaturas irracionais, o que sem duvida a Igreja sempre faz com imperio, não porque ellas o conheção, ou se mouão por elle; mas porque como diz S. Ieronimo sobre o oitauo capitulo de S. Matheos, todas sentem a força de seu criador, & a Magestade do author da natureza; & por esta causa as criaturas, que a nõs são insensiveis, a elle são sensitiuas, as que a nõs irracionais, a elle racionais, & neste sentido explica adiuração, que o Senhor fez ao mar, & ventos na tempestade, & a promptidão có que obedeceram, demodo, que admirados os presentes disseram. *Qualis est hic, quia venti, & mare obediunt ei.* O que então fez Christo por virtude propria, podẽ sem duvida fazer seus seruos nelle confiados, podem esconjurar hum monte, & hũa penha, que se mude de hum lugar pera outro, & assi fera, & pragas, & animaes nocuos, q̃ de safoquem vinhas, sementen-

Matth. 8.

Tratado vigesimo setimo

fementeiras, & obedecerão. E fica verdadeira esconjuracão em respeito destas criaturas a que se intima o imperio de Christo, não porque o sintão, mas porque o executão.

Explicadas as pessoas que se podião esconjurar, resta explicar por quaes se pode fazer a esconjuracão. E primeiramente he certo, que podemos adiurar a Deos por elle mesmo, & seus attributos, & por Anjos, & santos, não sô bemaventurados, mas ainda mortaes, & viandantes que temos por taes. E aos mesmos segundariamente podemos adiurar por Deos, & por outros santos, como mais largamente se disse quando tratamos da obsecracão. Demonios não se podem esconjurar senão por Deos, por Christo, & pella Cruz: & se a Igreja esconjura pelos santos, não he pella virtude que tem, & com que são santificados; mas pella que Deos particularmente pera este effeito dá. Por onde sempre se ha de dizer que he por Deos.

Do que até aqui dissemos, se deixa bem ver, como de todos os modos de adiuracão; hús são acomodados pera exercicio de oracão, outros não. Adiuracão diuina com que adiuramos a Deos, & santos, como dissemos, he o mesmo que obsecracão; & por conseguinte verdadeira oracão. Adiuracão a homens santos desta vida, & criaturas irracionais, así pella limitacão que tem da inuocacão de nome diuino, como pella materia em que se ocupa, & obiectos a que se dirige, não se pode muito dilatar, & estender a exercicio, & fruito da oracão. Adiuracão a demonios, como a inimigos de corpo, & alma se pode contar no numero dos actos de oracão, ou quando actualmente com imperio exterior se mandão sahir dos corpos, & cessar das tentações da alma, como faz a Igreja em seus exorcismos, & cada hum pode fazer em particular, ou quando se finjaõ presentes, como combatendo a alma, & com imperio, & afeitos interiores em exercicio da oracão se conquistaõ, o que não será sem grande fruito spiritual, pois horas gastadas em taes santos actos, como em alardo, afoutão a alma, & atemorizão os inimigos pera o tempo da verdadeira batalha, o que tudo se verá por exemplos, onde tambem poremos adiuracão á propria alma quando se quer partir desta vida, como a criatura racional, & santa.

De quatro seguintes especies da Religião. 528

Exemplo pratico da adiuração a demonios, em tempo de tentações da alma.

EXurgat Deus, & dissipentur inimici eius, & fugiant qui oderunt eum à facie eius. Sicut deficit fumus deficiant; sicut fluit cera à facie ignis, sic pereant peccatores à facie Dei. Spirito torpe, charco de toda immundicia; inimigo da fê, autor da morte, destruidor da vida; assolador da virtude; raiz de todos os males; pay de vícios, & mentiras; enganador dos homês; traidor das almas; inuentor da inueja; causa de discordias; principio de dores, & tormentos; eu te esconiuero em nome de Deos, que he espirito puro; fonte de santidade, obiecto de fê; autor da vida; destruidor da morte; reparador da virtude; raiz de todos os bês; pay da verdade; amador dos homês; alumiador das almas; causa da paz, reconciliador da concordia; aliuio de dores; principio de contentamentos. Em nome deste Senhor te mando, te apartes de mim, & deixes viuer em paz do Spirito santo esta alma, criada à sua imagem, & semelhança. O drágrão infernal, serpente antiga, enganadora de nossos primeiros pays, peste venenosa do mundo, hũa, & outra vez te coniuero pelo supremo juiz de viuos, & mortos, por teu proprio Criador, que tem poder pera te mandar recolher nas masmorras do inferno, que me deixes; não me combatas mais com tentações; não representes a minha imaginação pensamentos de tua torpeza, & de minha perdição. Apartate, apartate de mim maldito, não por virtude minha; mas de Christo, q em sua paixão, & Cruz te vêceo. Tem respeito às preciosas chagas; às mãos encruadas com duros cravos; sejaõ elles, & os espinhos da sagrada coroa lanças de arremesso, que ati atrauessem, & a mim liurem.

Deixa peruerso inimigo o lugar que he de Christo I E S V, a quẽ nunca pudeste arguir de pecado, que venceo tuas forças cõ suas forças, & atado cõ cadeas de seu poder, te lançou nas trevas exteriores, donde nunca sahirás por toda eternidade. Em nome deste innocente cordeiro, que tirá os pecados do mundo; passeia sem lesão sobre aspides, & basiliscos; & piza leões, & dragoões, te mando basilisco infernal, q cõ toda pressa te ponhas em fugida, & te apartes da face da suprema Magenta-

Psalm. 67.

Psalm. 67.

Tratado vigesimo-setimo.

Isaia. 6.

Luc. 8.

Matt. 4.

de, de que o inferno treme; a quem reuerencião os Poderios, & Dominações celestiaes; a quem de continuo louuão os Cherubins, & Serafins da gloria, cantando, & dizendo. Santo, santo, santo, Senhor dos exercitos. O Verbo eterno feito carne, nascido da Virgem te manda cessar das imaginações torpes, cõ que perturbas minha alma, & dos importunos estímulos da carne, com que inclinas meu corpo, & appetites a maldade, & pecado. Iesu Nazareno, que a ti mesmo prostrado, & derribado por terra te mandou sahir do corpo, que auxauas, & deu licença pera entrar em porcos immundos, semelhantes a ti, manda com seu poder, & virtude te apartes de meu corpo, & alma, que aborrece tuas immundicias, & deseja imitar a pureza dos Anjos. Tu es o Satanas tentador, que ao filho de Deos extenuado com jejum no deserto onustaste offerecer pedras, pera dellas fazer pão, & comer; & leuandoo ao pinaculo do Templo, não tiueste pejo de persuadir se lançasse abaixo com aplauso da gente. En alto do monte, dando vista dos reinos do mundo, temerariamente pediste te adorasse. Eu te esconiuero pella virtude, & poder, com que este Senhor te venceo, & lançou de sy, não ouses mais cometer minha alma com gulas, & appetites do corpo, com soberbas, & vaidades do mundo, com cobiças de bẽs temporaes, & reinos da terra. Tem respeito inimigo cruel, não a minha fraqueza, & ignorancia, mas a imagem de Deos todo poderoso, que em mim resplandece; & de mim quer fazer templo, em q̃ seja honrado, & não coua de ladroes infernaes, em que seja injuriado. Vaite de mim maldito ao fogo eterno, que do principio do mundo está aparelhado pera abraçar a ti, & tua quadrilha; dá lugar a meu Senhor Iesu Christo, que por mim derramon seu precioso sangue; & no diuino Sacramento me costuma visitar, & consolar: dá lugar ao Spirito santo, que cõ sua luz quer afugentar tuas treuas; com suas corrétes lauar as immundicias, que em mim pretendes causar; com sua viração abrandar as chagas com que me abraças; cõ sua medicina sarar as chagas que em mim abres; com sua vida liutar da morte, com que ameaças.

Psal. 39.

*Confundantur, & reuereantur, qui querunt animam meam;
Aueriantur retrorsum, & erubescant cogitantes mihi mala.
Fiant tanquam puluis ante faciem venti, & Angelus Domini
coarctans*

De quatro seguintes especies da Religião. 529

coardians eos. Spirito enganador, tem pejo de persuadir com astucia luciferina tuas mentiras á vista do Senhor, que com sua diuina sabedoria as conhece, & condena. Teme Spirito temerario o braço poderoso de Deos, que pode pôr em fugida teus exercito, & desfazer em pô as armas, estratagemas, & maquinas de teus reaes. Torna pera tras, não vãs adiante, teme o golpe da espada com que o supremo Cherubim do Ceo Christo IES V filho de Deos te ameaça, & toma a passagem pera ella alma que elle quer guardar, & ornar como paraizo terreal de suas delicias. *Deus Dominus fortitudo mea, & ponet pedes meos quasi ceruorum, & super excelsa mea deducet me victor in psalmis canentem.* Em nome de Deos minha fortaleza, enfraqueção tuas forças, creção as minhas; á vista da fermosura diuina se solte minha lingua em Hymnos, & lououres do Ceo; a tua em brámidos, & vyuos infernaes; eu leuado nos braços do bom IES V, fique liure de tuas mãos, & como veado ligeiro escape de tuas ciladas; tu ferido com as setas penetrantes do arco do filho de Deos, pizado com seus pés, metido por grutas da terra não pares até não ser sepultado no inferno.

Cenel. 3;

Abach. 30

Exemplo pratico da adiuração á propria alma, & demonios tentadores da hora da morte.

Profiscere anima Christiana de hoc mundo in nomine Dei Patris omnipotentis, qui te creauit; in nomine Iesu Christi filij Dei viui, qui pro te passus est; in nomine Spiritus sancti, qui in te effusus est. Acaba ja de sahir alma minha deste mundo a outro melhor mundo, acaba de te desfatar, & soltar das cadeas deste corpo, pera entrar na liberdade dos filhos de Deos, em nome de Deos Padre todo poderoso, que te criou; em nome de Iesu Christo filho de Deos, que te redimio; em nome do Spirito santo, que te santificou.

Ecclef. of.
fic. coméd.

Que esperas monstro infernal em tão perigoso transe; que pretendes em tão duuidosa sahida? Eu te esconjuro em nome do mesmo Padre, não ouses perturbar a fê desta criatura, que elle fez a sua imagem, & semelhança; em nome do mesmo filho não intentes desanimar a esperança desta alma, que elle com seu sangue animou. Em nome do Spirito santo, não pretendas

apagar a Chãridade deste espirito que elle com seu diuino fogo acendeo.

Animate alma minha com a vista de teu Senhor crucificado, por teu amor; com a presença da Virgem Maria, que na vida te perfilhou; acomete este difficuloso caminho com grande confiança; passa este mar tempestuoso, com alegria, & fortaleza que passaram os filhos de Israel o mar roxo a pé enxuto, esperando de logo te ver liure da banda dalem, cantando em coro com os habitadores da terra de promissão. *Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est, equum, & ascensorem proiecit in mare.*

Exod. 07.

Entre tanto a ti Pharaó Rey barbaro infernal, em virtude de Deos libertador, mando não vás adiante no alcance deste filho de Israel, que espera sahir liure de teu catiueiro; fica miseravel afogado no mar roxo do sangue de Iesu de Nazareth com teu exercito, & companhia, & com o pezo de tua maldade deçe ao profundo, pera nunca sahir do lugar de teus tormentos.

Por virtude dos sacramentos de que sahes armada te amocto alma minha, não temas o encontro dos inimigos do outro mundo. Alegrate com a vista de teu capitão IESV Christo, que como outro David anda em campo por ti, & armado com o baculo da Cruz, & cinco pedras de suas chagas promete victoria do gigante do inferno. O môstro cruel que de tua mocidade, do principio do mundo sempre andas em batalha com o genero humano; & pretendes destruir o pouo de Deos; em nome deste grande Emperador, te mando não ouses contradizer, nem empêcer a esta alma, cahe desventurado do tiro que a verdadeira pedra Christo faz a tua cabeça, & prostrado por terra te confessa por vencido, perdida ja a esperança de me tragar, & fogueitar a tua infernal tyrania, como presumias.

2R. 02. 27.

Liure das agoas do diluio, das agoas deste corpo mortal, & appetites brutaes dá as azas pombinha minha branqueada com o sangue do cordeiro immaculado, & animada com a inspiração, & ventos do Spirito santo, não pares até não te pôr de hui voo, no mais alto do Ceo Empirio. E tu animal immundo, & torpe, que logo do principio começaste corromper com tua soberba, & maldade, os caminhos de tua vida; por justa ira, & vingança do Deos que offendeste, fica afogado no diluio, não da agoa, mas de fogo de teus tormentos, pera nunca ver a

luz

luz do Ceo, nem gozar da serenidade, que gozaremos estue
liures de tuas immundicias descansarmos como arca de Noé Gênes. 8.
no mais alto dos montes, não de Armenia, mas do paraizo.

Em nome da obediencia, que deues alma minha ao grande
Deos te peço fayas alegre, & contente da infame Cidade deste
mundo; não olhes pera tras, como a mulher de Loth, mas como Gênes. 19.
o mesmo Loth, *saia te in monte*. Sube ao alto do Ceo, onde não
chega faísca de concupiscencia carnal, mas tudo resborda
com delicias de spirito. Em nome da mesma obediencia te
mando morador infame de Sodoma, que não oues tocar, nem
pôr macula na fermosura, & pureza de meu spirito em quanto
elle vay subindo como aurora da maphã. Tu miseravel fica em
noite escura ardendo nas chamas abrazadoras de tuas torpe-
zas, & penas a ellas devidas.

Em fim a hora he chegada, entremos em arrigo de morte.
Sahe alma minha em nome da santissima Trindade: sahe ao
encontro do resplandecente coro de Anjos, que te espera; sahe
a receber a alegre sentença do Senado Apostolico, que te vem
buscar; os vijas do exercito triunfador dos martyres, que te
vem honrar; os louvores de Confessores, que te vem acôpanhar:
sahe a ouvir as musicas das virgões, que com capelas de flores
te vem festejar; sahe a gozar os apraziveis abraços do benigno
Iesu, que com os braços abertos está esperando pera te meter
entre os coros dos Serafins, q'o cercão, & acõpanhão, pera
que liure do medonho, & profundo lago do inferno, do fogo, &
penas com que os maos são atormentados, com elle viuas, &
reines em delicias eternas, Amen.

CAPITULO III.

Do culto dos Sacramentos.

Concorrem nos sacramentos alem da própria essencia cer-
tas ceremonias exteriores, que os Doutores chamão Sa-
tramentaes: & seruem de se vsarem, administrar, & recebe-
rem com mayor respeito, & reuerencia da gente, que ordina-
riamente se governa p'or sentidos, & tem necessidade de sinais
pera crer, & venerar os mysterios, que estão escondidos em

Tratado vigesimo setimo

criaturas, que Deos toma, & alenanta pera effeitos da graça. Consistem estas ceremonias em acções humanas, & religiosas, que se exercitam nas qualidades, tempos, lugares, materia, forma, & aparato com que se crião, ou vsão os sacramentos; como são vñções, exorcismos no Baptismo; vso de ornamentos, inclinações, reuerencias na Eucharistia, &c. E ainda que immediatamente se dirigem, & ordenão ao culto dos sacramentos, vltimamente se rematão no culto, & honra de Deos author dos mesmos sacramentos: por onde são actos verdadeiros da religião, como diz Soares, tomo terceiro *De sacrament. disput. 18. sect. 1.*

Soar. tom. 2.

Conc. Trid.

Sess. 7. Can.

13.

São estas ceremonias, não inuensões, & superstições humanas, como tem hereges de nossos tempos, mas deuacões pias, & proueitosas, como diz o Concilio Tridentino, cujos effeitos são estes: primeiro, grangear honra, & respeito aos sacramentos, como disse os, causando nos fieis conceito dos mysterios, que nelles estão encerrados. Segundo, trazer à memoria os artigos principaes da fê; como he a cerimonia do final da Cruz, que entra quasi em todos os sacramentos; & significa, que da morte de Christo, sahio a força toda dos sacramentos, & no Baptismo os exorcismos, & inspiraçoës, que denotão o peccado original, & poder do demonio, em que crianças estão antes de serem baptizadas. Terceiro effeito he, causar, & consenar deuacão interior, & exterior, & affeito pio nos animos dos fieis; que com obiectos seculares, & mundanos viuem distraidos, & com estas ceremonias se compungem, & recolhem. Quarto effeito destas ceremonias, he fazerem diuisão, & distincção do pouo Christão & infieis, & mostrarem a vuidade, & conformidade da Igreja Catholica, que he a causa porque ella mesma com tanta cautela pretende euitar toda semelhança, & apparencia das ceremonias Iudaicas, & Gentilicas na obseruancia das suas; como notou S. Agostinho, epistola 119. capitulo 11. Algũas destas ceremonias forão introduzidas à imitação, & exemplo de Christo; como he misturar agoa cõ vinho, & vzar de pão asmo na materia do Sacramento da Eucharistia; outras por faculdade, & poder do mesmo Christo; introduziram os Apostolos, & mais successores da Igreja; como cõsta do Concilio Trid. *De sacram. in genere*, & de S. Dionysio Arcopagita de *Celest. Hierarch.* & outros.

S. Agosti

Conc. Trid.

Sess. 7. Can.

13.

Resta

De quatro seguintes especies da Religião. 531

Restava dizer dos effeitos spirituaes, que estes sacramentos, & ceremonias religiosas podem causar; mas de proposito guardamos a resolução para o capitulo seguinte, onde faremos mais larga diuisão de sacramentaes, & diremos o que nelles se pode vzar, & merecer. Entre tanto mostraremos segundo nosso costume o exercicio da oração dilatado pelo culto de sacramentos em que estamos; que ainda sem elles se administrarem actualmente, só no interior da alma com grande merecimento se pode fazer; pois a força da oração he tal, que ainda os que não tem poder, nem grao para administrar sacramentos pode apresentar a Deos administrandoos interiormente com o culto devido; & aços verdadeiros desta especie de religião. E ainda sacramentos, que só húa vez se podem tomar, como Bautismo, Confirmação, &c. a oração os pode reiterar tantas vezes, quantas com este acto apparecer diante de Deos.

Exem. pratico do culto do Bautismo, recebido por adulto por
o de dialogo, entre Christo, & peccador, tirado do

Ritual Romano.
Chr. Peccador até aqui metido nas trevas de teus erros, & ignorancias, que pretendes? que desejas?

Peccad. *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus.* Como cervo abrazado com
peçonha das serpentes, que come, apetece as fontes das agoas; Psalmo 42.
assi eu o fonte de toda bondade, apeteço, & desejo chegar á
salutifera de vosso Bautismo para me lavar, & matar a fede,
causada do bocado venenoso com que me enganou a serpente
infernál.

Christ. Que nome queres tomar de nouo, para tambem com elle professar a mudança de tua vida?

Peccad. Até agora me prezava Senhor de nomes profanos, & gentlicos; agora dos sagrados, & Christãos escolho o de Inacio; q'ou seja tomado de S. Inacio martyr, ou do fundador de vossa Companhia sempre o acho acompanhado do vosso nome de Iesu; em hum na mão; em outro no coração.

Christ. Que me pretendes pedir, & a minha Igreja nesta primeira entrada?

Peccad. A virtude da fé, fundamêto, & principio das mais virtudes.

Matth. 21.

Chr. Que fruto esperas da fê, crêdo verdadeiramente em mim?
Pecad. Espero Senhor alcançar a vida eterna.

Chrif. Se pretendes vida eterna; guarda os Mandamentos; ama a Deos de todo teu coração, toda tua alma, todo teu entendimento; & teu proximo, como a ti mesmo. Nestes dous Mandamentos se remata a força da ley, & profecias. A fê te obriga crer hum Deos, & tres pessoas. Hũa he a pessoa do Padre, outra do Filho; outra do Spirito santo; mas de todas tres, hũa he a substancia; hũa he a diuidade, & não muitas. Pera alcançar estes bês, dà de mão; & renuncia a Satanas.

Pecad. Renuncio Senhor.

Chrif. Renuncias todas suas obras?

Pecad. Renuncio Senhor.

Chrif. Renuncias todas suas pompas, & vaidades?

Pecad. Renuncio Senhor.

Chrif. Cres em Deos Padre todo poderoso, criador do Ceo, & da terra?

Pecad. Creio Senhor.

Chrif. Cres em mim que sou IESV. Christo, filho vnigenito de Deos, que por ti naci, & padeci?

Pecad. Creio Senhor.

Chrif. Cres no Spirito santo, à santa Igreja Catholica, à communicação dos santos, remissão de pecados, à resurreição das carnes, & vida eterna?

Pecad. Creio Senhor: mas pera bem crer, & receber dignamente vosso Baptismo, lançarei primeiro de minha alma os impedimentos do demonio, que de mim está apossado pello peccado original, & actual.

Chrif. Tu mesmo, que no principio do mundo basejei em teu rosto spirito de vida; agora asoprando, & juntamente basejando, dou final que lanço de ti o mau spirito, & torno restituir o bom, que de ti lançaste pello peccado.

Pecad. Muitas graças vos dou Senhor pello paternal cuidado, & mimo, com que tratais esta criatura vossa: mas pois sabeis minha fraqueza, fechai com a virtude de vossa graça as portas de meus sentidos, que não tenha por ellas mais entrada o demonio em minha alma.

Chrif. Em certeza, que concedo o que pedes com minha propria

De quatro seguintes especies da Religião. 532

propria mão faço o final de minha Cruz em teu rosto, com ella, como com chave fique fechada tua alma ao inimigo. O mesmo final faço nos ouvidos, pera que perpetuamente ouças os preceitos diuinos: nos olhos pera que vejas a luz diuina: no olfato pera que recebas a suavidade, & fragrancia de minhas virtudes. Na boca, pera que fales palavras de vida: no peito, pera que creas em Deos: nos hombros, pera que leues o jugo de meu seruiço; em fim todo corpo em meu nome, do Padre, do Spiritosanto, pera que alcances a vida eterna, & viuas pera sempre comigo em minha gloria, Amen.

Pecad. Esta he a força, & virtude de vossa Cruz, & doutrina, que ja com estes principios, & rudimentos sinto diminuida a cegueira de meu coração, & minha alma mais liure das ataduras de Satanás, em que dantes estaua. Vá Senhor adiante a liberalidade de vossa mão, pera que liure da corrupção de meus appetites, alegre cumpra vossos preceitos; & romando o sagrado Bautismo, vá crescendo de virtude em virtude sem cessar.

Christ. Toma em tua boca esta pedra de sal bento, symbolo da sabedoria, que sabe conseruar a alma fresca na graça, isenta de corrupção de pecado, de que sempre cõ ella te liurarei. Recebe a vnção da salua de minha boca em teus ouvidos, & olfato, & com ella meus auxilios, & graça, pera ouvir, & aprovar a doutrina verdadeira de minha fê. Recebe ultimamente a vnção de oleo bento em teu peito, & hombros; pera que com a limpeza do coração, & boa consciencia te animes ao exercicio dos trabalhos por amor de mim.

Pecad. Com estas sagradas vnções sinto Senhor minha alma branda, & prompta pera receber o sagrado Bautismo, & estou animado pera lançar de mim o espirito imundo, que até agora pello pecado original, & muitos actuaes, que cometi em mim reinaua, & dar lugar a vosso Padre eterno; a vós filho vnigenito; & ao Spiritosanto consolador.

Christ. Chega ja filho meu a fôrte bautifmal, receberás de minha propria mão o sagrado Bautismo, pera cuja materia escolhi âtes agoa, & outro elemento, ou liquor; pera mostrar com ablucção exterior a interior dos peccados; cõ a frialdade natural, a sobre-natural, contrã o ardor de appetites; com a transparencia, & claridade a luz da fê, que a meus baptizados comunico.

Tratado vigesimo setimo

Pecad. Aqui me tendes Senhor com voluntario consentimento, & intenção de receber tão grande merce; & ainda que não fio do arrependimento de meus pecados, q̃tenho verdadeira cõtrição; cõ tudo eu efficazmente detesto, & abomino todos os males passados, & tenho proposito de nunca mais vos offender, cado por amor de vòs, & de minha saluação, & cõfiado em vossa graça, & auxilio diuino. Aqui me prostro de joelhos, cõ cabeça descuberta, maos alevantadas diante de vòs. *Asperges me Domine byssopo, & mundabor, lauabis me, & super niuem dealbabor.* Burrifaimte ja Senhor com este celestial chuueiro, de tão santas, & fecundas agoas, sobre que anda voando vosso diuino spirito, fahirei como pomba prateada, & dourada, & *volabo, & requiescam.* Voarei, & descansarei.

Psalm. 50.

Psalm. 74.

Christ. *Ego te baptizo in nomine Patris, & Filij, & Spiritus sancti.*

Exod. 15.

Pecad. *Cantemus Domino, gloriò enim magnificatus est, equum, & ascensorem deiecit in mare.* Bendito, & louado sejais Senhor, por tão grande merce, & beneficio. Agora que me vejo da banda dâlem, & afogado Pharaõ com seu exercito no mar roxo do Bautismo, tingido com vosso precioso sangue, cheo o coração de jubilos cantarei vossos lououres por toda eternidade sem cessar.

Psalm. 4.

Christ. Por remate das ceremonias deste Sacramento, toma filho, & veste esta roupa branca, & pura de toda nodea, com ella daqui em diante professarás a nouidade, & limpeza de tua vida. Toma esta vela acesa, pera que te obrigues a ter sempre acesa, & viva a fê de meus mysterios até a morte, & cõ isto, *vade in pace.* **Pecad.** *In pace in idipsum dormiam, & requiescam.* Em paz estou em paz viuirei; em paz morrerei; em paz gozarei de vòs por toda eternidade, Amen.

Exemplo pratico do culto do Sacramento da Confirmação.

PEra mais me penhorardes Senhor com merces vossas, & beneficios, nos mysterios da graça, ides m en Deos debuxando, & imitando as obras da natureza. No Bautismo a primeira geração; na Confirmação, o aumento da idade; na Comunhão, a sustentação;

De quatro seguintes especies da Religião. 533

sustentação, & nutrição : na Penitencia as medicinas em tempo de enfermidade ; na extrema unção, a conualecencia de males passados, & assi nos mais. Portanto vós rendo infinitas graças, & particularmente venero o sacramento da Confirmação, & nelle a vós pois por este meyo me communicais o diuino Spirito, que mandastes aos Apostolos em dia de Pentecoste, armais soldado de vossa milicia, & contaes no numero dos acrescentados de vossa casa. Aqui me apresento Senhor pera receber este sacramento com deliberada tenção, & consentimento. E por que fui tão cego que perdi pello pecado a primeira graça baptisimal, que era a verdadeira preparação, eu me arrependo de coração puramente por amor de vós, & com verdadeira contrição, & noua graça quero chegar a receber o aumento della, que aqui concedeis. E pera que as chamas de vosso diuino Spirito, como effeito deste sacramento se ateam, logo em meu coração, chego armado de abstinencia, & jejum a exemplo de vossos sagrados Apostolos, que em dia de Pentecoste em jejum o receberam, venho vestido em roupas brancas, em sinal de pureza, & innocencia cõ que desejo, & pretendo ser confirmado, & perseverar nesta santa Confirmação. Assi quero receber este sacramento em materia de oleo bento, & mistura de balfamo cheiroso, pois nelle recebo a enchente do Spirito Santo, que como oleo me fortalece, alegra, & anima; & como balfamo redunda em edificação, & exemplo dos proximos pera que possa dizer com vosso Apostolo. *Christi bonus odor sum.* E com vossa diuina sabedoria, *In plateis sicut Cinnamomum, & balsamum aromatizans odorem dedi.* Minha vida he continua fragrancia do exemplo de Christo nos publicos; a vista do mundo sobe o perfume de minhas obras até o Ceo.

Actor, 2.

2. Cor. 2.

Eccles. 24.

Na forma das palauras, com que mandais Senhor se administre este sacramento. *Consigno te signo Crucis, & confirmo te chrismate salutis, in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti.* Reconheço primeiramente a vós Santissima Trindade, que como causa de todo bem, dais a enchente de graça que aqui recebo; reconheço a força spiritual com que me fortaleceis; reconheço a insignia sagrada de vossa Cruz com que me assinalais como soldado vosso.

A bofetada, que vosso ministro dá em minha face recebido o sacramento.

sacramento, dizendo. *Pax tecum*, como eu como primicias das injurias, bofetadas, & afrontas, que depois de armado cavaleiro espero, & desejo a vosso exemplo receber por amor de vós. *Confirma hoc Deus, quod operatus es in nobis.* Confirmai Senhor Deus esta confirmação; leuati a diante as forças que neste sacramento me communicastes, pera que não somente não faça naufragio nos effeitos da graça, que comfigo traz, mas sempre com nouo aumento vá crescendo de virtude em virtude, de sanctidade em sanctidade, de victorias em victorias até triunfar com vósco na gloria. Amen.

Exemplo pratico do Culto do Sacramento da Eucharistia quanto ao ornato do que celebra,

POis entro a celebrar o altissimo Sacramêto da Eucharistia, onde vós Senhor Deos, & homem verdadeiro pronunciadas as palauras da consagração ficais, quero entrar não com vestidos ordinarios, & profanos; mas reueſtido de ornamentos sagrados a imitação do summo Sacerdote Arão; & com mais rezaõ, pois o meu sacrificio he tanto mais nobre, quanto vós, que nelle entraes sois mais nobre victima que os cordeiros, & vitellas, que Arão offerrecia. Redundará este nouo ornato não só em vossa honra, & gloria, mas em edificação de minha alma, lembrandose de não ficar vencida da fermosura, & aparato do corpo exterior, na fermosura, & aparato das virtudes interiores. O primeiro ornamento seja o Amto que cobre a cabeça a honra do myſterio da Encarnação em que vossa divindade ficou cuberta com o aluiſſimo amto da humanidade; & da injuria, com que em casa de Cayſas vendado voffo diuino roſto, motejauão os inimigos. *Prophetiza nobis Chriſte*; com elle quero cercar em roda o peſcoço instrumento de falar, pera me lembrar da virtude do ſilêncio, & prudencia de palauras, que de vossos ſacerdotes Senhor pedis. Sobre os hombros tambem o eſtenderei pera mostrar a fortaleza, que em minhas obras espero ter. Seja a Alua o ſegundo ornato em memoria da Alua com que em casa de Herodes por eſtarnio ſoſtes vestido; & da gloria da reſurreição, que Anjos vestidos em aluas denunciaram. E pois não he de peles de animas mortos, com que cubriſtes Adam peccador,

mas

Matth. 26.

Ioan. 20.

Gen. 3.

Das quatro seguintes especies da Religião. 334

mas de linho aluissimo, procurarei vestir com ella juntamente minha alma de pureza, & aluura de vida, que vós Senhor neste mundo professastes, ensinastes, & no baptismo me communicastes; & como esta Alua cobre todo corpo, & dece até os pés farei por perseverar na cãdura, & pureza de minha alma até o fim da vida,

Assi requestido me quero cingir, & atar com cordão pella cintura: manipulo na mão esquerda; estola no pescoço, & peitos á honra da afronta, & tormento com que vós Senhor fostes atado por vossos inimigos com cordas grossas pella garganta; cor-deis delgados, & corredios nas mãos; cadeia de ferro pella cintura. Pera meu aproueitamento spiritual reconheço no cordão o aperto, & continencia de Castidade em que hei de viver comprindo o que mandais, *Sint lumbi vestri praecincti*. No manipulo, a penitencia, contrição de coração, & lagrimas, que com semelhante instrumento da mão se costumão enxugar. Na estola, a obediencia, com que deuo tomar o suave jugo de vossos preceitos, & ley diuina.

Por reímate me reuisto da Casula, ou vestimenta vermelha em memoria da purpura, com que os soldados de Pilatos por escarneo, & afronta vos vestiram. Sendo d'outra cor, será por lembrança da Tunica inconsutil, que vossa santissima mãy por suas mãos teceo, & inimigos tiraram pera vos crucificar, estendidos pés, & mãos na Cruz; o que bem mostra a liberdade, & largeza de mãos, que a vestimenta aberta de si deixa. Pera edificação minha, reconheço na Casula, que cobre os mais ornamentos, a virtude de Charidade, que empata as mais virtudes; della sobre todas procurarei vestirme; pera com ella, & com as mais vos servir, amar, & sacrificar.

Exemplo da mesma quanto ao Altar, & seu aparato.

POr reuerencia de tão alto, & diuino sacramento celebrarei em este altar, lenantado da terra, puro, & limpo de toda imundicia, feito de pedra sagrada ao manas na parte onde vós Senhor auéis d'estar em memoria do sepulcro de pedra em que fostes sepultado, & da vossa inuincivel firmeza, da qual o sagrado Apostolo diz, *Petra aueim snat Christu*. Alem da toalha, que cobre todo altar por mór culto, & reuerencia, acrecento a segun-

1. Cor. 10

1. Cor. 10

1. Cor. 10

Luc. 2.

1. Cor. 10

Marc. 13.

Joan. 19.

1. Cor. 10

1. Cor. 10

da

da ao menos no lugar de vosso diuino Sacramento: de modo, q
se algũa gora distillar do precioso sangue, fique nellas com mayor
limpeza embebido, & com mayor facilidade recolhido. Sobre
todas estendo com muita reuerencia a vltima mais fina, & lim-
pa, que he o corporal sagrado, em que encostarei vosso sacratis-
simo corpo ao modo, que foi enuolto no lençol de Ioseph de-
pois de morto, & decido da Cruz. Do mesmo corporal estende-
rei hũa ponta sobre o Caliz, ou em seu lugar hũa palla da mesma
materia sagrada a honra do sudario, com que vosso bendito ros-
to foi cuberto na sepultura.

Luc. 22.

Ioan. 19.

Ioan. 20.

Estas duas velas de cera bella, acendo pera mostrar a alegria,
& deução com que pretendo offerecer este sacrificio a vossa
honra, o bom IESV, que sois *lux vera, quæ illuminas omnem ho-*
minem venientem in hunc mundum. Luz verdadeira, q allumiais
o mando todo. No lume reconheço vossa diuindade, na cera,
vossa sagrada humanidade. No numero pretendo significar o
amor de Deos, & proximo, que de receber, & celebrar tão alto
mysterio espero.

Ioan. 1.

O liuro, ou Missal aberto seruirá não somente de pronunciat
as ceremonias, & sustancia da Missa sem perigo d'erro, ou irre-
uerencia, mas de ter sempre a memoria viua de vossa sacratis-
sima payxão, na qual como liuro aberto com feridas, escrito com
as rubricas de vosso precioso sangue a força de penas, de tra-
nos, & espinhos, effusos estendido na estante da Cruz, pera que
em vós lessemos a mais mysteriosa escriptura, os mais altos my-
sterios, que nunca se escoreueram, & estamparam no mundo.

E pois vós, o bom I E S V, na mysteriosa noite da Cea consa-
grastes vosso precioso sangue em Caliz; a vosso exemplo també
consecrarei em Caliz sagrado fundido da mais preciosa mate-
ria, que he ouro, pois he pera receber o mais precioso sangue,
que he sangue de Deos. Acrecentarei patena do mesmo metal,
& feicio, pera nella recolher a hostia repartida sem perigo de se
perder hũa minima parte do pão diuino, crendo, que assi o fi-
zeistes no prato da mesa de que fazem menção os Euangelistas;
quando comungastes a vossos amados discipulos. O Caliz offe-
reço a honra do sepulcro em que esgotado de sangue fostes de-
positado. A patena a honra da pedra, que sobre elle se assentou.

Luc. 22.

Marc. 16.

5 Exemplo pratico do culto da Eucharistia, quanto ás Ceremonias da Missa, antes do Euangelho.

ANtes de subir Senhor a vósso altar, afastado no ultimo degrau com cabeça baixa, corpo inclinado, sem ousar levantar olhos ao Ceo, como outro Publicano pecador me confesso a vós Deos todo poderoso, & á Bemaventurada Virgem Maria, & a todos os santos; & conhecêdo as maldades, & imundicias de minha alma, em final de contrição de coração, bato meus peitos, & digo minha culpa, minha culpa, minha grande culpa, pera que purificado possa tratar o Sacramento, que he a mesma pureza. Começo por Introito d' Antifonas deuotas, em final dos brados, & clamores, com que Profetas, & santos Padres suspirauão por vossa primeira entrada no mundo feito homem; & pella segunda no Ceo resuscitado, & glorioso. Eu do mesmo modo suspiro pella terceira a minha alma no diuino Sacramento.

Kyrie eleison Senhor, auei misericordia. Christe eleison. Christo auei misericordia. Tres vezes o peço a vós Padre eterno, pera que me liureis das miserias de ignorancia. Tres a vós Filho vnigenito, pera que me liureis de miserias de culpa; tres a vós Spirito Santo consolador, pera que me liureis de miserias de pena. E pera juntamente confessar ô eterno Deos, que sendo hum em essencia, sois trino em pessoas. Assim o quero da mesma maneira cantar, & celebrar com o hymno. *Gloria in excelsis Deo* tomado da boca dos Anjos, que no dia de vósso nascimento seguindo a carne em Coro, com multidão, & exercitos de Anjos companheiros o cantaram, & celebraram.

Luc. 2.

Mas já he tempo de pedir em nome de toda a Igreja a vossa diuina Magestade merces, & beneficios corporaes, spirituaes, temporaes, & eternos com orações aprovadas por auoridade Apostolica, que não passarão de sete, pois neste numero se rematão as petições do Pater noster, em que se contem o modo de orar: & porque estes são os doês do Spirito Santo, que nas almas se costumão infundir. Nem direi só duas, que he numero de diuisão, que aborreceis; & por isso não lançastes benção ao segundo dia. Sendo menos de sete direi eu húa, á honra da ynidade de de vossa diuindade: ou três á honra da Trindade de pessoas:

ou

ou cinco em memoria das cinco chagas, que na Cruz padeces-
tes. Todas ô eterno Padre rematarei. *Per Dominum nostrum Ie-
sum Christum*; pedindo por Iesu Christo Filho vosso, & Senhor
nosso, crendo verdadeiramente, que por elle temos tudo de vós;
& em vós, & tudo o que em seu nome pedirmos alcançaremos,
como por medianoiro, & auogado, que pode tudo com vosco.

E pois, ô bom IESV, Patriarchas, & Profetas precederam
vossa vinda ao mundo; & vossos Apostolos preparauão com mis-
sões antecedentes as regiões, & terras, em que aneis d'entrar;
eu primeiro que entre ao Evangelho, quero preparar ao povo
com a lição da Epistola tomada, ou do Testamento velho, ou
novo; pois em ambos se contem vossos mysterios, em hum figu-
rados, em outro reuelados; em hum escondidos, em outro cla-
ros, & descubertos. Em dias de Domingo sempre tomarei a
Epistola do Testamento nouo, pois com vossa resurreição signi-
ficada no Domingo appareceo no mundo a luz da ley da graça
em que vivemos. E porque me acho indigno de publicar vosso
Evangelho, pois não tenho subido pellos degraos das virtudes
ao cume da perfeição Evangelica, entãoarei o Gradual como la-
mentação de penitencia no vltimo degrao, com desejo de subir
de virtude em virtude até chegar à vista de vossa divina face
em Sião onde cantarei perpetuas Alleluyas sem mistura de
tristezas como agora faço,

*Exemplo pratico do mesmo começado o Evangelho
até o sagrado Canon.*

E Ntro Senhor ao Evangelho acompanhado de tochas, & lu-
zes em memoria, & agradecimento da luz da Fè, & verdade
a que nos trouxestes liures das trevas da infidelidade; & pella
alegria d'alma, que por este meyo nos comunicais. O thuribulo
com que começo incensar altar, & livro seja á honra de vossa
sagrada humanidade, que primeiro encheo o mundo de odor de
exemplo, que prégasse de palavra, o que também farei por imitar.
Escolho pera este ministerio lugar alto, fazendo primeiro sinal da
Cruz na testa, pera assi professar sem pejo, em publico á vista de
todo mundo a verdade de vossa doutrina. A Cruz do peito fará
comigo o povo, que assiste, pera lançar toda a tentação do de-
monio, que pode impedir a deuação, & pregação do Evangelho,

Dizem

De quatro seguintes especies da Religião. 536

Dizem todos, *Gloria tibi Domine*, ouvindo o principio do Evangelho, dando graças pela merce que fizestes ao mundo, em mandar palavra, & doutrina de salvação; todos assisimos em pè por reuerencia de vossa doutrina em testemunho da prentidão do animo com que estamos prestes a levar a doutrina de vosso Evangelho por todo mundo. Acabado o Evangelho pronunciarei os artigos do Credo, pera que com a crença d'alma ajunte a Confissão de palavra ainda que seja á conta de perder a vida. E pois cada hum de vossos Apostolos sahio com seu particular artigo, eu ensinado de taes mestres com o bemaventurado S. Pedro creio em vós Deos Padre todo poderoso. Com S. Ioaõ, em vós Deos Criador do Ceo, & da terra. Com S. Tiago creio em vós Iesu Christo Filho de Deos hum sò nosso Senhor. Com S. Andre, creio q' fostes concebido do Spirito Santo, & nascestes de Maria Virgẽ. Com S. Phelippe, q' padecestes sob poder de Poncio Pilato, fostes crucificado, morto, & sepultado. Com S. Thome: q' decestes aos infernos, & ao terceiro dia resuscitastes dos mortos. Com S. Bertholameu, q' subistes aos Ceos, & estais assentado á mão direita de Deos Padre todo poderoso. Com S. Mattheus creio, q' do Ceo aueis de vir julgar viuos & mortos. Cõ S. Tiago menor, creio em vós o Spirito santo, & a santa Igreja Catholica. Com S. Simão, creio a Comunicação dos santos, a remissão dos pecados. Com S. Iudas, a resurreição da carne. Com S. Matthias a vida eterna. Amen.

E porque vossos Fieis neste lugar querẽ fazer offertas a vosso altar, & aplacar vossa diuina Magestade com dadiuas, pera que sejam aceitas, & não reprouadas como as de Caim, auisarei, que todos oremos, & que acompanhemos oblações exteriores com orações interiores. Eu tambem Senhor quero offerrecer minha dadiua serã de pão, & vinho como materia remota de vosso corpo, & sangue, que logo como altíssimo sacrificio offerrecerei. Nẽ vós Senhor escolheltes outra materia pera tão alto mysterio, nem ha outra mais acomodada. Quereis Senhor como em banquete amoroso dar a comer vosso corpo, a beber vosso sangue a vossos Filhos; pois não podendo ser em propria especie, & figura, em que especies podia melhor ser, que de pão, & vinho, que são a substancia das mesas, & banquetes, & manjar comum dos homens. Tudo o mais concorda, concorrem as mais circunstancias

Tratado vigesimo setimo

cias em vossa traça ; como de grãos puros, & escolhidos se faz o pão, de bagos fermosos o vinho ; assi vosso santissimo corpo he composto de membros purissimos, & santissimos. As primicias dos mais frutos da terra são pão, & vinho, esta he a fartura dos campos, & cifra dos bês temporaes. Vosso corpo, & sangue Senhor, são as riquezas do Ceo, & fartura de nossas almas; aqui estão cifrados todos nossos bês. Ficando vosso santissimo corpo debaixo de especies de pão; vosso sangue de especies de vinho se faz mais clara representação de vossa morte, em que a alma pela effusão do sangue ficou separada do sagrado corpo; fica tambem mysteriosamente significada nossa redenção; assi do corpo representado no pão, como d'alma representada no vinho ; que eu Senhor não offerecerei, senão misturado com agoa conforme a vosso preceito, pera significar o mysterio de sangue, & agoa que na Cruz de vosso lado aberto com lançada correo.

Plal. 25.

E porque este diuino mysterio pede suma pureza, & ablusão total, ainda de culpas veniaes, & reliquias de pecados. *Lauabo inter innocentes, manus meas;* não contente com o lauatorio primeiro, torno lavar minhas mãos; não entre pecadores, mas entre inocentes, cuja santidade desejo, & pretendo imitar. Tenho Senhor diante dos olhos a importância, & nobreza de tão santo, & diuino sacrificio que logo hei de offerecer: vejo quanta inocencia, & pureza he necessaria pera aplacar com sacrificio em nome do pouo pecador a vossa diuina Magestade ; não fiando pois de minha fraqueza ; corrido das máculas de minha conuersação a imitação vossa, que de certo modo vos aniquilastes ; eu me inclino, & humilho diante de vós Senhor trino, & vno dizendo, Em nome de todos aceitai ô Santissima Trindade esta oblação, que offereço em memoria da Paixão, Ressurreição, & Ascensão de nosso Senhor Iesu Christo, & da Virgem Maria, & mais santos, pera que redunde em honra sua, & proueito nosso ; & pois fazemos comemoração delles na terra, metão petições, & alcancem pera nós merces no Ceo, pera mais facilmente o alcançar pedirei ajuda das orações do pouo, dizendo. *Ora te fratres.* E pois vou chegando ao tempo da consagração do diuino Sacramento, começo com altas vozes bradar ao pouo leuantem seus corações a vós, & se ocupem em acções de graças, & lououres diuinos ; & como prefação de tão grande bem, di-
gão

De quatro seguintes especies da Religião. 537

gão com os Cherubins, & Serafins do Ceo santo, santo, santo sois Senhor dos exercitos, cheo está o Ceo; chea está a terra de vossa gloria, *Hosanna in excelsis.*

¶ Exemplo pratico do mesmo começando do Canon até a consagração.

TE igitur clementissime Pater, per Iesum Christum Filium tuum Deum nostrum supplices rogamus, ac petimus, uti accepta habeas, & benedicas hæc dona, hæc munera, hæc sancta sacrificia illibata, in primis, quæ tibi offerimus pro Ecclesia tua sancta Catholica, quam pacificare, custodire, adunare, & regere digneris, toto orbe terrarum una cum famulo tuo Papa nostro N. & Antistite nostro N. & omnibus orthodoxis, atque Catholica, & Apostolica fidei cultoribus.

O Padre eterno cuja clemencia, & piedade pera vós sois tanta, que estando mortos com o peccado nos resuscitastes, & destes vida por Christo Iesu Filho vosso, por elle mesmo Filho vosso, & Senhor nosso humilmente rogam os, & pedimos, queirais aceitar, & abençoar estes doês, que dais, estas offeras que damos, estes sacrificios, que offerecemos a vossa divina Magestade, & por essa mesma causa illibados, santos, & dignos de serem tratados de vós com alma, & corpo immaculada. As tres Cruzes com que lanço benção sobre esta oblação são a honra das tres entregas de Iesu Christo Filho vosso; a primeira feita por vós ao genero humano por beneficio singular; a segunda por Judas aos Fariseos por preço temporal; a terceira a Pilatos, pera ser crucificado. Ou dos tres generos de afrontas principaes, diante de Pontifices, de Herodes, de Pilatos.

Por este sacrificio, vos rogamos Senhor, queirais governar, & conservar em paz primeiramente a Igreja vniuersal, pois a toda abranje o sangue de vosso Filho; & ainda que muitos de seus membros estejam mortos, também tem santos viuos com vida de graçar, & he governada pello Spiritu santo, que vosso Filho prometteo a seus Apostolos; & assim merece nome de santa lembrai vós principalmênte Senhor de sua cabeça, q he o Papa; & das cabeças particulares, que são os Bispos; & deste que preside á nossa Igreja particular; & dos mais membros unidos com Fè verdadeira, só pretendemos excluir schismaticos, & hereges, que nem com Iesu Christo Filho vosso, ta beça nossa, nem com os mais membros de vossa Igreja estão unidos.

Memento Domine famulorum, famularumque tuarum. Pois vós não lembrai Senhor de fazer bem, lembrámoos destes particulares, que vos apresento de minha obrigação, & dos que assiste, & juntamete com pia deuzação da maneira que podem offerece este sacrificio de louvor verdadeiramente vosso, pois nelle damos o q' nos dais; & he representação da paixão de vosso Filho em q' não entraram merecimetos nossos, mas só graça vossa. Lēbrámoos Senhor de nós, defendeinos dos perigos d'alma, & corpo; lembrámoos dos amigos; concedei paz, se estão em guerra; termo desejado, se estão em caminho; saúde, se estão enfermos; graça se estão em pecado.

Comunhões, & memoria venerantes, in primis gloriosa sēper Virginis Marię, &c. Vñidos na comunicação dos santos, participando seus merecimetos, venerado sua santidade, por sua intercessão pedimos nos defendais, cō seu auxilio, & patrocínio; primeiramente pella gloriosa sempre Virgē Maria mãe de nosso Senhor Iesu Christo; pois por ella merecemos a saúde, & vida; pelos sagrados Apóstolos; pelos Martyres, & mais sãtos da gloria.

Hanc igitur oblationem seruimus nostrę, &c. Por Iesu Christo Filho vosso vós podimos, q' aplacado, & reconciliado com nosco recebais esta oblação q' eu & vossos seruos offerecemos cō culto de lauria, como a verdadeiro Deos. Assigurai nossa saluação nesta presente vida, & idias q' viemos arriscados a pecado; dai paz, não do mudo, q' não a quietar no cōprimeto de appetites; mas vós, sab q' vosso cōforto, & companhia de virtudes, & desta maneira nos liurai Senhor da eterna cōdenação, & tormentos do inferno; pera q' matriculados no liuro da vida, entremos no numero dos predestinados em vossa gloria.

Outra vez pedimos, q' esta oblação offerecida em vosso altar, & acõpanhada de tantas orações, por virtude do Spiritō santo seya tão perfeito sacramento de Eucharistia, q' em tudo seya bendito, contado no numero das confes, q' vos agradão perpetua, & firme; & ainda q' tomada dos fructos da terra por virtude de vossa benção fique racionavel, feita corpo, & sangue de vosso Filho; & assi accita diante de vosso diuino acatamento. As primeiras tres benções com que isto seya feito, sejam em memoria dos trinta dinheiros, porque foi vendido; as duas vltimas, denotão Iudas vendedor; & vosso Filho vendido.

De quatro seguintes especies da Religião. 538

Qui pridie quam pateretur, o qual a vespôra de sua payxão, tratando da vida do mundo, que tratava de sua morte, tomou o pão em suas santas, & veneraveis mãos, dando exemplo, que os que socedessimos neste divino officio, não contentes com a vñção exterior de nossas mãos procurassem a interior de boas obras; & levantando os olhos ao Ceo a vos Padre, seu todo poderoso, pera que também levantemos os olhos das coisas terrenas ás celestiaes, com acção de graças, que sempre devemos trazer no coração, & boca, lançou a bênção com que tudo se aumenta, & crece, & dizendo as palavras da consagração sobre o pão, & logo sobre o vinho, converteo o pão em seu corpo, & vinho em sangue, fazendo o altíssimo Sacramento da Eucharistia, que alevanto em alto, pera assi ser adorado de mim, & de todo mundo, pois também he adorado dos Anjos do Ceo.

Exemplo do mesmo, da Consagração até a Comunhão.

Vnde & memores Domine. Lembrados, & agradecidos Senhor da Payxão, Resurreição, & Ascenção de vosso Filho offerecemos a vossa divina magestade esta hostia, pura, santa, immaculada, pão fante de vida eterna, Caliz de saúde perpetua; aceitai nosso sacrificio, como aceitastes o de Abrahã, & Melchisedech offerecido por mão dos Anjos, venha sobre nós por seus merecimentos vossa celestial bênção, q nos encha de graça, & bñ da alma, & corpo. Lembrai nos também Senhor dos desíto, q desta vida passaram a outra assinalados com fê verdadeira, & oje descaão em paz. Vós Sôis os treslados a logar de refrigerio, de luz, & gloria; a elles, & a nós pecadores ajudai, & cõtaino numero dos Apostolos, & martyres, & santas virgês, q cõ a candura da pureza ajuntaram a purpura de martyrio, quaes forão as Aguedas, Bozias, Inezes, Cecílias, Anastasias, & todas as mais. Tudo q contra deí por vosso Filho, pello qual estas especies de pão, & vinho sempre estais criando, & conservando, santificais, fazendo de peras criaturas, verdadeiro sacramento, & vivificais convertendo o pão morto em carne viva, abençoais com graça celestial, cõdeis em manjar, preço, & premio. Lembrai nos Senhor, q por este Filho, como medianteiro entre Deos, & homês, cõ este Filho como igual a vós, neste Filho como consubstancial a vós, juntamente cõ o Spiritosanto, tẽdes por toda a eternidade,

toda honra, louvor, gloria, magnificencia, & poder. Como a tal peço a santificação de vosso nome, a posse de vosso reyno, o mantimento corporal, & spiritual, perdão de pecados, isenção de todo mal. Tudo pello mesmo Filho vnigenito, cuja hostia quero partir pera mostrar, que neste sacrificio padece da maneira, que pode ser; o que na Cruz não padeceo, pois não soffreo, que osso de seu corpo fosse quebrado.

Mas a vós quero já conuener minha oração, o bom IESV. Creio que ainda que a hostia se parte, em qualquer parte della ficais todo, como todo estaeis em toda, ao modo do sabor do maná em que não achava mais o que delle recolhia mais; nem menos, o que menos. O Cordeiro immaculado, que tirais as manchas, & pecados do mundo auei misericordia de nós; a todos dai vossa paz; & ainda que não sou digno de entrar tão grande Rey em tão pobre casa, com toda a reuerencia Senhor, cabeça descuberta, corpo inclinado, joelho em terra vos quero receber; penetrai esta alma, enchei de graças, & riquezas diuinas este coração; de tal maneira me vni com vosco, que por toda a eternidade nunca me aparte de vós.

Exemplo pratico do culto do sacramento da Penitencia.

O Bom IESV. Salvador das almas, o fonte perene não tanto d'agua, quanto de sangue purificador de pecados, por tal remedio deixastes a vossa Igreja, como he o Sacramento da Penitencia; em que nem ha limite de numero, nem de grazeza de culpas, mas tudo se perdoa liberalmente. Antes que entre a tão alto Sacramento. *Ecce elongabo fugiens, & manebor in solitudine.* Eu me quero apartar do concurso, & conuersação de homens, com vosco só quero ficar, pera me receer o rayo de vossa luz, & com ella a memoria do numero, & circumstancias de meus pecados, conhecimento de sua grazeza, & arrependimento delles. *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anima mea.* Eu me não quero ser o reo, acusador, & testemunha de pensamentos, palavras, & obras; com que até agora vós offendi. Eu mesmo quero ser juiz, & dar sentença de morte, & morte eterna que mereço.

Plal. 74.

Isai. 38.

De quatro seguintes especies da Religião. 339

reço, pera que vós Senhor achandome ja em vossó tribunal julgado teihais materia não de condenar, mas de absolver, & perdoar. Pera assi ser acrecento o verdadeiro acto de contrição; abomino os pecados que cometi sò por serem offensa vossa. O Senhor quem passara antes mil mortes, que offender vossa divina Magestade. Assi proponho Senhor com vossa ajuda, de tal maneira ine auer daqui em diante, que antes escolha morrer, que offender tão grande Deos.

Sayão de meu peito ays, & suspiros; corrão de meus olhos fontes de lagrimas, que como nouo baptismo purifiquem a alma, seja minha penitencia imitadora da penitencia de David, a quem sempre a consideração do pecado trazia triste, & aflombrado: da contrição dos Niniuitas, que aparecendo diante de vós vestidos de sacco, extenuados com penitencia mereceram vossa graça; da humildade da Cananea, & publicano, que não ousauão levantar os olhos a vós, & mereceram ser favorecidos de vós. *Cor contritum, & humiliatum Deus non despicies.* Accitai Senhor este coração não inteiro, & duro, mas brando & mortificado com dor, & proposito firme de nunca mais vos offender, de modo que possa dizer. *Viuo ego, iam non ego;* que viuo estou morto; & morto estou viuo.

Assi aparelhado, & contrito, armado de viuva Fè, & esperança que podeis perdoar pecados; & este poder communicastes a vossos sacerdotes, & Vigairos na terra, com grande reuerencia, & humildade, cabeça descuberta, corpo inclinado, joelhos em terra, batendo em meus peitos em sinal de dor, & arrependimento, como filho prodigo, mas ja rendido a vossa obediencia, como leproso abominavel a vossos olhos, vencido o pejo natural de manifestar a homem mortal meus males; abro minha boca, manifesto as abominações deste peito, dou vista das torpezas desta nojenta sepultura, mostro, como enfermo, minhas chagas, & digo minha culpa, minha culpa, minha grande culpa.

¶ Exemplo pratico do culto do Sacramento da extrema unção da parte do Ministro.

O Medico diuino, q solicito de nossa saude, & vida spiritual, & temporal, entre os mais Sacramentos inuentalles o da

Tratado vigesimo setimo

Gen. 9.

Cant. 2.

santa vnção, como medicina dos que estão vizinhos á morte; pois a mim tomais por ministro de tão saudavel officio; conseruarei, & tratarei com muita reuerencia a materia deste sacramento, que he oleo d'oliueiras, em cujas propriedades mysteriosamente significais os efeitos, & virtudes do mesmo sacramento. O oleo sara feridas, mitiga dores, dá alegria ao rosto, sustenta a chama do fogo. Esta he vossa santa vnção; aliuia o corpo enfermo, alegra a alma, sustenta a Charidade, dá forças á Fè, & Esperança; & como a pombinha de Noe, com o ramo verde de oliueira, deu noua certa de ser acabado o diluuió; assi vosso diuino Spirito cõ este sagrado oleo de oliueira, parece que está dizendo a alma vizinha á morte. *Surge propera amica mea, columba mea, iam byems transijt, imber abiit, & recessit; flores apparuerunt in terra nostra;* leuantate alma minha, amiga minha como pombinha branqueada com o sangue do Cordeiro, dá ás azas, & começa de voar da terra ao Ceo, que as inuernadas, & diluuios de tentações do corpo em que até agora viuias são acabadas.

Pois esta he a nobreza, & forças deste sacramento conseruarei, resguardados com muita limpeza seus oleos em ambulas de prata fechadas, em sacraños dourados, & não ousarei tocar a materia tão santa senão em caso de necessidade, quando vossos fieis chegarem a perigo de morte; & ainda assi o farei com o culto, & ornato, que pede sua dignidade, & vossa Igreja manda. Primeiramente me reuistirei de sobrepeliz pura, & limpa de toda a macula em sinal da pureza, que pedis do que dá, & recebe este sacramento: lançarei aos hombros estola comprida, que deça com as pontas até os joelhos, que diante de vós deuo dobrar com humildade, & mansidão, como ministro, & seruo vosso. Será a estola de cor roxa, symbolo de luto, & tristeza, que de mim pede o estado de enfermo chegado a morte a vosso exemplo que chorastes na morte de Lazaro sobre a destruição de Ierusalem.

Ioan. 11.
Luc. 19.

Irei acompanhado de sacerdotes do mesmo trajo, pera cumprir com o preceito de vosso Apostolo, que por mayor culto do Sacramento assi o manda: leuarei velas acesas de hũa & outra parte, que com a luz exterior mostrem a interior da Fè, & Charidade, que por este sacramento se comunica; leua-

rei

De quatro seguintes especies da religião. 540

rei diante Cruz de prata, mas baixa, & não levantada, em lemb-
rança da morte cujas vesp'oras se celebrão com este sacramen-
to; & pella mesma causa irão os sagrados oleos cubertos de ve-
roxo, sem sinal exterior, mas em silencio. No aparato da mesa
em que se ouuerem de colocar limpera do lugar, & leito em
que se ha de administrar o Sacramento, & mais culto exterior
guardarei os ritos, & ceremonias da Igreja por vossa honra, &
gloria, Amen.

*¶ Exemplo pratico do mesmo da parte do que recebe
o Sacramento.*

O Bom IESV autor da saúde, & vida; eu enfermo do corpo
ameaçado da morte, de caminho pera o outro mundo vos
peço Senhor, me esforceis, & animeis, pera tão comprida jorna-
da com este sagrado sacramento da santa vñção, que peço, & de-
sejo receber como medicina saudavel, esforço do corpo, alento
da alma, companheiro da morte. Entre com elle em esta casa a
felicidade perene, a prosperidade celestial, alegria terrena, Cha-
ridade fructuosa, saúde eterna. A sua vista se aparte de mim, &
desapareça a conquista de demonios, & discordia inimiga; con-
corra a bemaumentada companhia dos spiritos bemaumenta-
dos; esteja sempre presente o Anjo de minha guarda, pera que
minha alma liure de todo temor, & perturbação entre em luta
com a morte, & saya com vitoria de melhor vida.

Com o toque dos sagrados oleos administrados por mão de
vosso sacerdote se apague em mim toda a força, & ardor infer-
nal, com a inuocação dos santos Anjos, Archangjos, Patriarchas,
Profetas, Apostolos, Martyres, Confessores, Virgês: resuscite em
mim a força da Fé, Esperança, & Charidade, pera que appareça
assinalado com a insignia de vossos filhos diante de vosso con-
seito. Amen.

Aqui tendes Senhor meus olhos, por esta santa vñção, per-
doai vistas curiosas fundadas em vaidades, sensualidades, liber-
dades, appetites, & torpezas.

Aqui tendes estes ouvidos, por esta santa vñção perdoai o
que ouui, & aceitei contra vossos preceitos de lisonjas, louvami-
nhas enganosas, murmurações, curiosidades, infamias do proxi-
mo, detrações, misticas, & prolas lasciuas; perdoai o q não quis

ouir do Ceo, da gloria, de minha saluação. Aqui está meu olfato perdoai Senhor por vossa piedade, & misericórdia as delicias, q por este sentido cometi a fim de môr recreação em minhas luxurias.

Aqui está o sentido do gosto, ou sem gosto ja da vida, mas toda a vida recreado, & feruido com manjares saborosos, & deliciosos atropelando vossos preceitos, & conselhos, por vossa misericórdia Senhor; & por esta santa vnção perdoai tudo o que por elle contra vós cometi.

Aqui tendes o sentido do tacto, que como bruto se soltou em toda to peza, & luxuria, não perdoando a gosto carnal, aborrecendo todos os spirituaes, por esta santa vnção, & vossa pijsima misericórdia perdoai Senhor tão enormes pecados com que vos injurie, & afrontei.

Por esta santa vnção, & misericórdia infinita perdoai Senhor os caminhos errados, & desuiados de vossa ley, que andei com estes pês. Em fim toda maldade, & sensualidade, que com este miseravel corpo cometi, pera que purificado com a virtude do oleo de vosso sangue possa apparecer diante de vós, & gozar de vós por toda a eternidade. Amen.

CAPITULO VII.

Do culto dos Sacramentaes.

HA três generos de Sacramentaes. Primeiro de transeuntes, que consistem em acções deuoras, que chamamos ceremonias, & se vñão na Igreja pera se administrarem sacramentos, & sacrificio da missa com mayor aparato, & reuerencia, como são palauras, vnções, ajoelhações, benções, finais, gestos, &c. Segundo, de sacramentaes permanentes, que seruem no sacrificio da Missa, & vso dos sacramentos, como oleo, calices, pedras dara, patenas, corporaes, ornamentos, & outros santificados cõ algũa benção, & cerimonia pera o mesmo effeito. Terceiro he de permanentes da mesma maneira abendiçoados pella Igreja pera algum effeito spiritual; como são Agnus Dei, medalhas de indulgencias, agoa benta, ramos, círios bñtos, templos sagrados,

De quatro seguintes especies da Religião. 541

on ungidos; & semelhantes, que pellos effeitos de santidade pera que são instituidos, & semelhança que tem cõ os que seruem nos sacramentos se podem chamar tambem sacramentaes. E do culto que a elles se deue particularmente, he nosso intento tratar neste capitulo; porque os primeiros transeuntes, ou não são capazes de culto, por serem o mesmo culto, & não terem permanência, que o culto, & deuação do pouo pede; ou se são capazes, como podem ser as palauras sagradas do Evangelho, Missa, & de algus sacramentos, já à volta do culto que cõ elles se dá ao sacrificio, & sacramentos, como asima dissemos, fica bem visto, & em effeito praticado o que a elles se deue, & costuma dar.

O que da mesma maneira corre nos sacramentaes permanentes da segunda especie, pois são instrumentos, com os quaes se costumão administrar sacrificio, & sacramentos; & por esta causa, nem de hũs, nem de outros trataremos, saluo de caminho pera mayor intelligencia do culto dos sacramentaes da terceira especie, & mayor clareza do que elles mesmos pedem, nem se deixou bem entender asima no culto dos sacramentos.

Vindo pois aos sacramentaes da terceira especie de que pretendemos tratar; será bem ver primeiro os effeitos, que causão por rezão da benção da Igreja, pera que com mayor reuerência os tratemos, ainda com aços interiores na oração, como até aqui nas mais especies de religião fizemos, seja pois nesta parte.

Primeira verdade; sacramentaes, não tẽ força, nem virtude pera dar *ex opere operato*, graça habitual; porq se assi fora, differamos, que não eraõ sacramentaes, mas sacramentos, cujo effeito he graça. De outros cinco effeitos que podem causar, que são boa inspiração interior; remissão de culpa ao menos venial; remissão de pena, que fica da culpa, afagentar demonios; dar saude, ou outro comodo temporal, seja em ordem.

Segunda verdade; sacramêtaes, que se benzem com orações particulares em que se pedem boas inspirações; & pera este effeito são propriamente de putados, sahẽ ordinariamente cõ elle; não *ex opere operato*, mas por modo de impetração; por onde se ha de crer, que em templos consagrados assiste Deos mais particularmente, pera ouir orações dos fieis, ou excitar seus animos a deuação; pois a benção com que se contagraõ a este fim vai ordenada. E as orações da Igreja costuma Deos ouir

Tratado vigesimo setimo

ouir como de esposa muito amada; & se ao menos nem este effeito tem de impetração, foraõ escusadas, o que he impio dizer, & por esta causa diz santo Thomas, que nos templos, & semelhantes sacramentaes ha virtude diuina.

Tercera verdade; não tem força sacramentaes pera perdoar peccado mortal, como nem podem dar graça santificadora, sem a qual não ha remissão de peccados mortaes. Podem com tudo causar remissão de peccados veniaes, se forem com bênção, & orações particulares, ordenadas a este fim; como he a agoa benta, que instituiu o Papa Alexandre I. como se acha na primeira sua epistola, & no direito Canonico, capitulo, *Aquam de consecr. d. 3.* E nas orações, com que se benze, se pede santificação da alma, que não se faz sem remissão de culpa. E ainda que Vitoria, Soto, & Ledesma, Cano, & outros tem, que esta remissão se faz *ex opere operato*, & he infaluel, onde não ouuer complacencia do contrario; he com tudo mais prouauel, que se alcança por modo de impetração; como asima dissemos das inspirações nos templos, como se colige de S. Thomas em varias questões do quarto das sentenças.

Vitor.
Sot.
Ledes.
Cano.

Quarta verdade; pode o sumo Pontifice como cabeça da Igreja, aplicar por modo de indulgencia do tesouro da mesma Igreja algũa parte de satisfação, alem da propria, a que vzar de algũ sacramental; como a que orar em tẽplo consagrado, ou trouxer cõsigo algũa particula de corporal, & semelhantes, como se colhe bem dos fundamentos da materia de indulgencias; mas não consta, que assi vze, saluo em medalhas, ou outros instrumentos de deuacão; que pello mesmo caso podemos contar entre sacramentaes, pois tem bênção, ou applicação sagrada da Igreja, & effeito taõ principal, como he perdoão de penas devidas por peccados, que com tudo se hão de fopor perdoados.

Quinta verdade; tẽ a Igreja Catholica especial poder, dado por Christo sobre demonios; de modo que pode mandar sayão dos corpos em que entraõ; se afaliẽ dos lugares, que costumão infestar; não fação dano a criaturas, a que pretendem empecer. Prova seja o vzo da mesma Igreja no exorcismo do Bautismo; no poder que dà aos exorcistas, com particular consagração pera lançar demonios dos corpos, de que falão muitos santos antigos; como Iustino no Dialogo contra Triphonem; Tertuliano

Iustini

De quatro seguintes especies da Religião. 542

liano Apologico: Laetancio Firmiano, no liuro segundo capitulo dezaes, & algus Concilios. Nace este poder, ou effeito, do conhecimento que o demonio forçadamête tem da virtude de Christo, da vitoria que por meyo de sua Cruz delle alcançou; de modo, que ouindo o nome de IESV, vendo sua Cruz, q' são os dous instrumentos de que os santos contra elle vção, não pode deixar de temer, & tremer, & ordinariamente obedecer. Dóde disse Origines hom. 6. in Exod. *Quid timent demones, quid tremunt? sine dubio Christi crucem in qua triumphati sunt.* Següda causa deste effeito he impetração, fundada muitas vezes na santidade dos ministros, & particular poder, que tem de Deos, como teue S. Antão primeiro hermitão; mas ordinariamente fundada na santidade da Igreja, em cujo nome o ministro faz obsecrações, & orações contra o demonio. Terceira causa pode ser especial poder, que prouauelmente Christo deu a sua Igreja sobre demonios, por virtude do qual são forçados obedecer ao mando, & vontade do mesmo Christo; como se vê de varios lugares da sagrada Escriitura; em especial de S. Lucas no capitulo 10. onde o Senhor promete. *In nomine meo, demonia ejicient.* E d'este fundamento se ha de dizer, que quando a Igreja ordena os exorcistas cō particular poder sobre demonios, não he só pera pedir a Deos, & alcançarê por modo de impetração vitoria cōtra elles; mas q' sem duuida trāsferre nelles algũ poder particular q' tem de Christo pera este effeito, que Iustino chama *Iust. q. 46. ad gentes.* força inuisivel, & S. Agostinho ley Imperial, q' ás vezes por causas publicas, ou particulares se pode impedir, & assi não he sempre infaliuel. E ainda que a santidade do ministro ajude muito pera este effeito, com tudo como obra não em seu nome, mas de Christo, como passa na administração dos sacramentos, não será sua indignidade impedimento ordinario pera deixar de alcançar. *D. Aug. 4. 83.*

Vindo pois ao intento principal, dizemos, que pode, & costuma a Igreja, com particular benção consagrar, & aplicar sacramentaes pera effeito de lançar, & afugentar demonios de corpos humanos, & outras criaturas, a que maliciosamente querem empecer, como se vê nas ceremonias, & exorcismos da agoa benta; Agnus Dei, & outras coasas semelhantes.

Sexta verdade; sacramentaes consagrados com particulares

ecce-

Tratado vigesimo setimo

ceremonias, & orações dirigidas a algum beneficio, ou comodo temporal, são aptas pera se alcançar por modo de impetração somente, & não com effeito infallivel, o que se pode fazer, ou có applicação particular, contra pestes, & pragas, animaes nociuos aos frutos da terra; ou contra os demonios com nouos exorcismos, pera reprimir a malicia, & forças com que causão estes mesmos males. Neste numero entra o Agnus Dei, contra tempestades; agoa benta contra pestes de sementeiras, & frutos da terra; cirios bentos contra trouões, & outros males semelhantes. Mas nós explicada ja a natureza, & propriedades de sacramentaes, ponhamos em praxe de oração o vzo de algus, como até agora fizemos nos mais actos da virtude da religião; pois todas podem entrar no numero, & substancia da oração.

Exemplo pratico do culto da agoa benta.

O Bom Deos, que criaturas naturaes podeis levantar a effeitos sobrenaturaes: este sacramental vosso composto de sal, & agoa benta, santificado com benção de vosso nome recolhido eu com cabeça descuberta em vasos de prata; com agoa tão santa. *Asperges me Domine hyssopo, & mundabor; lauabis me, & super niuem dealbabor.* Confio, que sendo eu burrifado ficará minha alma tão alua como a neve, purificada das maculas de pecados, que cometo, & meu corpo aliviado das dores, & doenças, que padece; com ella purificarei também o aposento em que viuo, o leito em que durmo, pera que fujão delle fantasmas nocturnas, enganos, & temores infernaes, & cóbates do demonio, & toda immundicia do inimigo. Esta lançarei com toda confiança, & reuerencia sobre sementeiras, & frutos da terra, pera que de todo se extingão as pestes, & pragas, que as destruem, & ares maos, que as corrópem. Afastemse dos lugares onde algũa gota destas tocar, os terrores da serpente venenosa, as illusões do espirito maligno; entre em seu lugar a presença do diuino Spirito, que có nósco obre, & manifeste sua piedade, & misericordia. E pois a virtude de tão diuino sacramental não se limita a viuos, abranje também a mortos, correrei suas sepulturas, & lançando sobre ellas este celestial orualho, esperarei de vossa diuina misericordia, q por este meyo liurareis estes

lugares

Psalm. 50

De quatro seguintes especies da Religião. 543

lugares em que defuntos descansão de toda desenfiquetação infernal; & temores nocturnos; & enchereis de paz; & luz celestial.

Pera estes, & semelhantes effeitos conseruarei sempre com muita reuerencia; & limpeza este diuino liquor; nunca estarei sem esta agoa da fonte do paraizo terreal; pois nella tenho remedio pera saude da alma, & co'pò, defeza dos inimigos infernaes; fertilidade da terra; ferenidade do mar; paz de viuos; quietação de mortos. Vós Deos viuo com esta agoa nos viuifica; Deos santo com este sagrado sacramento nos santificai; Deos justo, com esta benção nos purificai, & justificai por merecimentos de vosso vnigenito filho, que não sò viuo lançou fontes de agoa de seus olhos por nós, mas morto de seu lado fez correr sangue, & agoa pera juntamente nos lavar, & santificar, Amen.

Exemplo pratico da cinza, cirior, & ramos bentos.

MVdado o trajo rico, em ordinario, & humilde, cingido de cilicio, debruçado diante de vossos altares, ô bom IESV com penitencia, & dor no coração; palavras de contrição na boca, lagrimas nos olhos, pretêdo receber sobre minha cabeça descuberta as sagradas cinzas; em memoria primeiramente do pò, & terra de que fui formado, & em q me hei de tornar, pera mayor humildade minha, & remedio de minha soberba. Ponde Senhor vossos piadosos olhos na postura deste pecador humilhado, & cuberto de cinza; & já que vos abrandais com humilhação, & aplacais com satisfação, lançai vossa celestial benção sobre minha cabeça, inclinada até a terra; dai perdão de peccados, saude d'alma, & do corpo, premios da penitencia; espirito de compunção; como destes aos Ninivitas, que armados de cilicio, & cinza, mereceram indulgencia plenaria de seus peccados, Amen.

Joan. 3.

O grande Deos, que de nada criastes tudo; & por meyo da industria das abelhinhas do campo, com vosso mando, formastes de seu precioso liquor a natureza, & figura deste cirior, & por vossos ministros a honra da sacratissima Virgem Maria, & todos os santos o santificastes com benção sagrada, eu o tomo ja sagrado, & santificado em minhas mãos indignas, & beijando co muita

muita reuerencia, como dadiva de vossa mão, leuo pera o aposento em que viuo. Ali o conservarei toda a vida em castiçal de prata, & altar ornado conforme a minha possibilidade, & em caso de necessidade, quando se levantarem répestades no mar, quando se atenderem relampagos, & cahirem raios do ar, & ameaçarem pestes na terra, & tentações infernaes cōbaterem, & penetrarem a alma, eu Senhor em memoria vossa, que sois luz verdadeira, que alumiais todo homẽ, que vem a este mundo, o acenderei diante de vossa imagem, esperando com muita cōfiança, que abrandareis os mares, asserenareis os ares, liurareis o corpo de enfermidades, a alma de pecados. Nem sō me ajudarei desta luz diuina na vida, mas muito mais na morte. Quando Senhor me vir naquelle ultimo transe, & minha alma eluuer pera sahir, & caminhar pellas regioes escuras, & sombras da morte, em minha mão, ainda que fraca, tomarei esta tocha de guia, como quem professa primeiramente a fẽ verdadeira de vossa ley; & como quem espera luz de vossa eternidade, q̃ vence as treuas do inferno, & tire a cegueira de meus olhos viciosos, pera que limpos, purificados, & alumiaados, se possa fixar directos em vosso diuino rosto, mais resplandecente que Sol, & abraçada a alma com o calor deste diuino fogo, se possa inflamar em vosso amor por toda eternidade, Amen.

O Deus eterno, que com disposiçãõ admiravel, ainda em cousas insensiuels, quereis mostrar mysterios de vossa saluação, estes ramos santificados com vossa benção, leuanto com jubilo, & alegria de coração, guardo, & conseruo com grande reuerencia diante deste vosso altar domestico, em memoria da solenidade com que em dia de Ramos foltes festejado, & recebido das turbas deuotas de Ierusalem. Nos ramos de oliveira, que dão oleo brando, & salutifero, reconheço, & reuerencço o mysterio de vossa Paixão, & Cruz, de que sahe o oleo de vosso preciosissimo sangue, pera remedio, & saude do mundo. Na palma, que tanto mais sobe, & resiste, quanto mōs pezo sustenta, festejo com reuerencia os triumphos de vossa Ressurreiçãõ, tanto mais victoriosa, quanto com mayores tormentos ganhada. E pois na arca de Noe entãõ entrou a noiva feliz, & ditosa de arcaabado o diluio, quando entrou a pombinha com ramo de oliveira verde, seja a entrada destes ramos bentes em meu aposento

Ysa. 22.

1.º.º.º.º

Genes. 8.

apofento hũa de alegria, perpetuo motiço de deuação, & abominação de pecados, pera que sempre me conferue Senhor viço, & inteiro na verdura de vossa graça, Amen.

Exemplo pratico do culto do Agnus Dei.

NEsse sacramental do Agnus Dei composto de cera branda, de balfamo cheiroso, & agoa benta em forma circular, impresso com figura de cordeiro, santificado com benção do sumo Pontifice, reconheço eu, & venero, ô bom Iesu, a mais santa figura vossa, que ha na terra. Na cera bela, & branda composta de varias flores, por industria das abelhinhas do campo, vejo vossa sagrada humanidade belissima, & brandissima pera Anjos, & homens, ornada de varias virtudes, & dotes, organizada por virtude do diuino Spirito nas entranhas da purissima Virgem Maria. No balfamo salutifero, & cheiroso, festejo a fragrancia, virtude, & suauidade de vossa diuindade. *Trabe me post te, eurremus in odorem unguentorum tuorum;* com estes motiços exteriores excitai minha alma, pera que leuãtada, Senhor, a mysterios sobrenaturaes, & diuinos, vã sempre continuando, & correndo nõ caminho de vosso seruiço. Sendo vós este Senhor Deos, & homem verdadeiro, composto de balfamo da diuindade, & cera da humanidade; ja na figura circular, que não tem principio, nem fim, venero o infinito poder com que criastes o mundo; na figura do cordeiro, & oleo bento, a manifestação, & brandura com que redemistes o mesmo mundo. E pois de vossos olhos estilou agoa de lagrimas na infancia, & vida; de vosso corpo na Paixão agoa de fiores mortaes; de vosso coração aberto depois de morte; agoa de miltura, com sangue; na agoa benta; reconheço mysterios da infancia, vida, & morte, que forão os meynos, & instrumentos da redenção. Pois a benção Pontifical que sobre tudo cahe, he em vosso nome ô, bom Iesu, de vosso eterno Padre, & Spirito santo, confiado que com ella será tão sagrada reliquia, arma contra inimigos; medicina de males spirituaes, & corporaes, eu com toda reuerencia, & culto de minha alma a quero meter em reliquiario de fio de ouro, & finos christaes; & lançando tão rica joya ao pescoco, espero ficar isento de perigos de rayos, & coriscos

Cant. 1.

João. 19.

Tratado vigesimo setimo

coriscos, de peste, de mal de coração, de morte subita, & tentações infernaes.

Se por desastre, ou castigo de pecados se atear fogo abraçador nos aposentos, bastará o bom I E S V ameaçar tão fera criatura, com esta sagrada figura vossa, pera parar, & não ir auante. Se nauegando se levantarem tempestades no mar com grande confiança tocarei as ondas com este Agnus Dei; logo cessarão, ficará tudo quieto em mar bonança. Se demonios se apoderarem de corpos de vossos seruos, eu chegarei á sua boca, olhos, & peito este rico reliquario, & logo fugirão. Armado Senhor com este diuino sacramental, nem temo doenças repentinas, ameaças de trouões, arremessos de pedra gerada no ar, veneno de serpentes, malignidade de feitiços, & superstições de encantadores do inferno. *Si consistant aduersum me castra non timebit cor meum.* Fique eu por alto, & barreira de tiros, & artilharia de fogo, se com este sagrado escudo estiuier cuberto meu peito; nada temo, do meyo da morte sahirei viuo. Pois Senhor esta he a virtude, & efficacia do Agnus Dei, com muita deuzação o chego a meus beijos, ponho sobre minha cabeça, & olhos, guardo em meu leyo, & metera se pudera no próprio coração, á sua presença, & vista me defendei de todos os males,

Psalm. 26.

ou concedei todos os bês, o cordeiro de Deos. *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem.* Dai paz da alma, paz do corpo, paz na vida, paz na morte, Amen.

(+)

TRA

TRATADO XXVIII.

Da virtude da Religião, que he Deuação.

Não sem causa reservamos pera o ultimo lugar o tratado da deuação, pois he virtude, que como pedra preciosa fecha; & dá lustre ao circulo das mais especies da virtude da religião; he o fruto desta fermosa arvore, ultimo manjar, doce, & saboroso desta mesa; remate deste sagrado edificio; & como vanguarda, que recolhe, & faz caminhar em ordem o exercito das mais virtudes; vejamos pois, que cousa he deuação; que ordem, & respeito tem a ella os mais actos da oração; quaes são suas causas, seus effectos.

CAPITVLO I.

Que cousa seja deuação.

Nace esta palaura deuação do verbo Latino, *Deuoueo*, que quer dizer, entregar-se a outrem com affeito da vontade; & assi deuação he acção de alma, que com foygeição, & affeição respeita a outrem. Desta maneira tomada a palaura em toda sua largueza, abranje Deos, & criaturas. Assi dizemos, que o discipulo he deuoto de seu mestre; o criado de seu senhor; o Christão do santo de seu nome; o religioso da Virgem nossa Senhora; o que frequentemente comunga, do santissimo Sacramento. Mas quando absolutamente hum se nomea deuoto, sem duvida se entende pera com Deos, a quem com foygeição, & veneração se entrega. Posto este principio, declaremos a natureza, & propriedades desta virtude pellas seguintes verdades.

Primeira verdade; deuação he virtude, que pertence á vontade, como diz santo Thomas na 2.2.q. 8. art. 1. & santo Agostinho

S. August. tinha no liuro *De spirit. & anima*, capitulo quinto. Por estas palauras. *Deuotio est pius, & humilis affectus in Deum; humilis, ex conscientia infirmitatis propriae; pius, ex consideratione diuina clementiae.* Onde o santo poem juntamente a fogação, & afeiçãõ a Deos, fogação nasce da propria baixeza; afeiçãõ, & inclinação á grandeza de Deos. A rezão desta verdade he porque como veremos; deuacaõ he hũa prontidaõ voluntaria, & inclinação pronta pera o seruico, & honra de Deos. O que sem duuida pertence á vontade; pois pella vontade nos inclinamos, & de certo modo consagramos a Deos, & se algũ santos, & Canones sagrados poem a deuacaõ na atençaõ da oraçaõ, que pertence ao entendimento, deusm de se entender como em causa, em forma que seja a deuacaõ causa da atençaõ; porque afeiçoadã bem a vontade com deuacaõ; logo o entendimento se dá por obrigado a sustentar com perfeita atençaõ; & este he o sentido do capitulo *Dolentes de celebr. Miss.* quando manda, que os Sacerdotes orem, *studiosè, & deuotè.*

Segunda verdade; deuacaõ habitual he habito da alma, que pertence á virtude da religião, que se aquire, ou aumenta com actos feruorosos, frequentes, prontos, alegres no culto, & honra de Deos; demodo, que ainda em tempos, que hum não obra; mas dorme, ou se occupa em outras pias obras por rezaõ deste habito, ou deuacaõ habitual, que tem impressa, & radicada na alma, se pode, & costuma chamar deuoto.

Terceira verdade; deuacaõ actual consiste em affeito actual da vontade ao culto diuino; como diz Santo Thomas 2, 2, q. 82. Pode este acto, ou affeito sair do habito que acima dissemos; mas não deixará de ser o mesmo, & merecer nome de deuacaõ actual, ainda que não naga deste principio, como se deixa bem ver no peccador, que do novo se conuerte, que juntamente quando sahe com acto de contriçaõ, pode sahir com acto deliberado de honrar a Deos em todas as cosas, que he a deuacaõ de que falamos, como succedeo a São Paulo, quando chamado de Deos, respondeo: *Domine quid me vis facere?* onde sem duuida sahio com acto de verdadeira deuacaõ pera Christo nosso Senhor; ainda que não nascida de habito de deuacaõ, pois perseguia ao mesmo Christo; mas nabida de auxilio diuino, & graça de vocação do Céo, que Deos tambem pode dar pera o mesmo effeito

Actõr. 9.

peca-

pecadores, que estão em mau estado, se alguma vez se applicão a ter deuação, ainda que não tenham habito precedente de deuação, nem ponhe esse acto fiquem em graça.

De qualquer modo que seja consta, que deuação actual he pio affeito com que hum se consagra ao culto diuino, não prometendo, mas querendo, desejando, resolvendo-se, & amando a honra de Deos em todas as cousas; & a rezão o mostra; porque se hum homem se pode voluntariamente entregar, & offerecer, & dedicar ao seruico de outro homem, como não poderá ao seruico de Deos.

Quarta verdade; este acto de deuação ainda que he particular em sy, com tudo pode se chamar vniuersal, & geral, por rezão do obiecto a que se estende, que he toda a materia comũ do culto, & honra de Deos, que pertence à virtude da religião; de modo, que como esta virtude tem outras especies, & actos, que se occupão em cultos particulares de Deos, como he adoração nas inclinações, & fogueição do corpo, & alma; gratidão, na acção de graças: oração nas petições do entendimento, & lingua, &c. Assim tem esta especie de deuação, que se occupa na honra, & culto em geral, não decendo a cultos particulares das outras especies, salvo com imperio com que pode tambem mandar outras virtudes, como abaixo diremos.

Nem he esta doutrina particular da religião; mas em sua proporção se acha nas mais virtudes, como dizem os Theologos, & Santo Thomas affirma particularmente da justiça; na qual alem das especies particulares, como são justiça legal, distributiva, comutativa, punitiva, que atendem a direitos particulares; ha outra especie que respeita todo obiecto da mesma justiça em geral, & a elle inclina, & affeição a vontade.

Quinta verdade; alem deste acto de deuação, que abraça toda a materia geral do culto diuino, & nella como obiecto se emprega, & chamaõ Doutores, prontidão; pode auer outro acto com que a vontade deseje, & apeteça esta mesma prontidão, & pretenda alcançala, quanto suas forças abrange. E este segundo acto se pode tambem chamar acto de deuação; pois expressamente abraça fogueição, & entra de vontade ao culto de Deos; o que deu a entender claramente Santo

Tratado vigesimo oitauo

2.2.q.32.2.1. Thomas, quando disse. *Deuotio est voluntas promptè faciendi, qua ad Dei cultum spectant.* Deuação, he vontade de fazer prontamente o que pertence ao culto diuino, de modo, que se pode chamar acto de acto; deuação de deuação.

Sexta verdade; caminhando mais a diante nestes actos de deuação, consta da escriptura dos santos, & experiencia, que alem dos que apontamos se acha na vontade hũa suauidade, doçura, & gosto spiritual, que a Theologia mystica chama consolação, que ajuda muito pera a prontidão do culto diuino de que falamos. Sentese, & experimentase esta doçura, & gozo, não só na vontade, mas tambem no corpo proprio, & coração, ou no apetite corporal, que reside no coração, como de sy confessa Dauid no Psalm.oitenta & tres. *Cor meum, & caro mea exultauerunt in Deum viuum.* E Psalm. i 18. *Viam mandatorum tuorum cucurri cum dilatasti cor meum.* E São Bernando serm. primeiro *De Natiuitate*, diz que he, *bilaritas mentis, dulcedo spiritualis, qua bona opera condiuntur*, alegria da alma; doçura spiritual, que dá sabor a boas obras. E no sermão terceiro *De Circuncisione*. *Roga dari tibi deuotionis lumen, diem serenissimam; sabbatum mentis, in quo tamquam emeritus miles in laboribus vniuersis viuas, absque labore, dilatato nimirum corde currens viam mandatorum Dei, ut quod prius cum amaritudine, & coactione tui spiritus faciebas, de cetero, iam cum summa dulcedine peragas, & delectatione.* Como se disseste, depois de vos exercitardes na penitencia, & mortificação, pedia Deos, que acabada a noite, say a com dia sereno; depois do trabalho a cuda com dia santo; depois da milicia, & batalhas vos apolente; sahido do carcere, facilite os caminhos, por onde cõ pès ligeiros, animo alegre, & dilatado, corrais por seus mandamentos; acabados os amargozes, & fel das tribulações, ponha mesa, & apresente banquete de doçura.

He esta doçura, & suauidade consta differente do acto de deuação, ou prontidão, que asima dissemos; porque este acto está em nossa mão com a graça diuina, que nunca falta; & he necessario pera exercicio da virtude da religião; & he propriamente acto nosso deliberado; & pode se achar como muitas vezes acontece, sem companhia da doçura, & suauidade, de que falamos. Pello contrario esta doçura, nem sempre está em nossa mão

mão; ainda concorrendo a graça diuina; nem he tão necessaria, que sem ella não possa auer deuação verdadeira, & ainda que nossa vontade concorra com ella, como principio, & causa vital, mais se pode dizer acto de Deos que nosso; & mais gosto, que logramos, & recebemos, que suauidade, que obramos, & produzimos.

Pera melhor se entender esta verdade, se aduirta, que alem de outros modos com que em nós se pode achar esta doçura spiritual de que abaixo diremos: hum muito ordinario he com que Deos subitamente, antes de toda a deliberação, & vzo de nossa liberdade costuma, como ganhando por mão, anticipar-nos, illustrando a alma, tocando o coração; dando santas inspirações, não somente de temores, desejos, &c. Mas tambem desta suauidade, & gosto spiritual de cousas diuinas, de que falamos. Chamão os Theologos a este modo graça excitante, ou preueniente; porque com ella o Spirito santo, como author total, & principal anticipa, esperta, & levanta nossa alma ao amor, & exercicio de obras diuinas. Concorrem sem duuida nossas potências interiores a esta obra, mas somente como instrumento, ou cordas tocadas por mão do tangedor, que he o Spirito santo, que primeiro toca o entendimento com alguma cogitação santa, da qual natural, & necessariamente se segue, & redunda na vontade a doçura, & suauidade, que dizemos.

E ainda que o Spirito santo he a causa vnica deste fogo spiritual tomado em sy, & conforme ao que de sua natureza pede, muito montará com tudo pera elle, preceder vida santa, & exercicio de boas obras. Não podemos negar que liuremente dá Deos muitas vezes esta côsolação, sem precederem merecimentos nossos, & da mesma maneira a nega sem culpa nossa pera exercicio de humildade, & conhecimento da graça diuina; mas tambem he certo, que ordinariamente faz este beneficio a almas, que se aproveitaõ de auxilios, & graças outras diuinas pera bem obrar com exercicio de oração; santas petições, feruorosos desejos, & mortificação de paixões.

Destas verdades se entenderá bem a definição da deuação dada por S. Thomas na 2. 2. quæst. 82. art. 1. & 2. *Deuotio est voluntas prompta faciendi, que ad Dei cultum spectant.* Deuação he hua vontade pronta de fazer com presteza, tudo o que

D. Th. 2. 2. q^a
82. 2. 1. & 2.

Tratado vigesimo oitauo

pertence ao culto, & seruico diuino: onde por vontade, se entende o acto da vontade, de que falamos na verdade terceira. Por vontade pronta, & prontidão, & facilidade, que pera o culto diuino se acha neste acto; ou o proprio acto de sua natureza pronto, & facil pera o culto diuino, que he o mesmo.

Se alguem perguntar, donde tem este acto de deuação sua prontidão-tão certa, & inseparavel, que elle proprio se chama a mesma prontidão; & quando os Doutores querem explicar sua natureza dizem, que he prontidão pera o culto diuino: respondemos, que primeiramente pode nacer do habito interior radicado, & firmado com o costume, de tal maneira, que armada a vontade delle com muiça facilidade, & prontidão, sahe com acto semelhante. Mas este não basta; porque como assimamos vimos, nem sempre nace de habito este acto de deuação; & muitas vezes se pode achar sem elle, & com tudo sempre he verdadeira prontidão pera o seruico de Deos. Não montará pouco a efficacia, & força do habito pera o feruor, & constancia da deuação actual, quando d'elle nacer; mas como não nace necessariamente d'elle, outra razão auemos de buscar desta sua prontidão; que tambem pella mesma razão não será a suavidade, & doçura de que tratamos na sexta verdade. Porque ainda que ajude muito, pois o que fazemos com gosto, fazemos cõ prontidão, & cõ quanto mais gosto, tanto com mais prontidão; com tudo he cousa distinta deste affeito pronto de honrar a Deos; pois este se acha em nós muitas vezes sem ella; & he acto deliberado, que está em nossa mão; o que não tem a doçura, & suavidade de que falamos; pois não podemos fahir, com ella quantas vezes queremos, & desejamos, como com o proprio acto, ou affeito, que chamamos prontidão.

Desta doutrina se deixa ja ver, que o acto, ou affeito da deuação não tem sua prontidão de cousas extrinsecas, mas de sy mesmo, de sua particular natureza, & obiecto, em que se ocupa, & a que directamente tira, que he o culto, & honra em geral de Deos, como diz santo Thomas nos lugares alegados. O fundamento he, porque este acto de deuação he hum certo genero de amor ao culto diuino, & todo amor da prontidão, & facilidade pera a cousa amada. He tambem hũa intenção

efficaz

efficaz de executar em tudo a honra, & gloria de Deos: & os cultos particulares de adoração, & acção de graças, &c. são como meynos pera esta execução, quando se offerecer occasião, & he certo que toda intenção efficaz de prontidão, he efficacia na execução dos meynos. Por onde fica claro, que a verdadeira deuação consiste na prontidão pera o diuino seruiço, que he o acto del que até aqui falamos.

Pode muitas vezes acontecer, que estando em pè este acto de deuação geral; sinta com tudo a alma grandes difficuldades na execução de actos particulares do diuino seruiço, como na oração mental, ou vocal; no culto do seruiço diuino, &c. ou seja por causa de enfermidades, & impedimentos do corpo, ou por menos exercicio de cousas spirituaes, ou por industria do demonio; porem nada monta pera o acto deixar de receber nome de prontidão. No meyo desses tedios, assombramentos, friezas, difficuldades, he verdadeira prontidão, & deuação pera o diuino seruiço.

Pera melhor se entender esta doutrina, será necessario distinguir dous generos de deuação. Primeira essencial, segunda accidental. A essencial cõsiste neste acto deliberado do culto de Deos, de que falamos, que com a graça diuina podemos exercitar, està em nossa mão, & se pode chamar prontidão substancial. Accidental pode nacer de muitos principios; do habito de deuação, quando o buuer na forma que dissemos na segunda verdade; da boa compreição, & composição do proprio corpo, que muitas vezes com enfermidades, & pezo natural impede operações santas, & deuotas; da quietação da alma liure de remorsos, & perturbações interiores; da suavidade, & gosto interior, que o Spiritu santo estila na alma, como asima se disse; & de outros principios semelhantes.

Posta esta doutrina, dizemos que a verdadeira deuação he a prontidão essencial, & substancial do acto deliberado pera o culto diuino em geral: a segunda, accidental he como effeito, ou accidente da verdadeira deuação, como diz Santo Thomas; como o comum vzo de falar em matérias naturaes chama homem, o que consta das partes essenciaes; que são alma, & corpo, & juntamente de outras perfeições accidentaes, como são tal figura, quantidade, & membros; & assi na materia

spiritual que tratamos, nem a nós, nem a outros damos, por deo os, senão quando concorre juntamente deuação essencial, & accidental. Por mais que hum por sua liure vontade entre á oração, exercite outros actos da virtude da religião em quanto não sente prontidão, suavidade, & gosto, antes dificuldade, & repugnancia, não se tem por deuoto: Auendo prontidão, mas sem gosto sensual cudamos, que ha deuação, mas não perfeita concorrendo vontade deliberada, prontidão, & facilidade, & gosto, julgamos, que ha perfeita, & verdadeira deuação. Os efeitos o mostram; pois por esta via se arrasaõ os montes, & amainão as ondas de dificuldades, que

Psalm. 118. costumão impedir o caminho do Ceo. *Viam mandatorum tuorum cucurri*, dizia David, *cum dilatasti cor meum*. Chega húa alma penetrada de deuação essencial, & accidental, a tal estado, que no meyo das chamas, não sô não se abraza, mas se acha em delicias do paraizo semelhante aos mininos do forno de Babilonia, aos quaes Deos. *Fecit medium fornacis, quasi ventum roris flammam*. Conuerteo o fogo abrazador em orvalho, & viração branda.

CAPITULO II.

Como deuação he sempre especie, ou acto da Religião.

Sendo assi; que a deuação como dissemos consiste na prontidão da alma pera o diuino seruiço, parece q' fica direito a outras virtudes pera tomarem pera sy o nome, & officio de deuação; pois também nellas se acha prontidão pera o seruiço de Deos; comp se vê na obediencia, cujo officio he cumprir em tudo a vontade de Deos, a qual principalmente se cumpre por seruiço, & culto; antes o principal seruiço do escrão, he cumprir a vontade de seu senhor; he logo a virtude da obediencia verdadeira deuação; o que cõ mais razão diremos também da charidade, pois he a que principalmente faz a vontade pronta pera todo seruiço de Deos; que por isso S. Paulo atribue á Charidade o

1. Cor. 3.

com-

comprime nto das mais virtudes. *Charitas patiens est, benigna est* &c. antes ella he a que principalmente faz a alma facil, & pronta pera o culto diuino proprio fim da virtude da religião. Que diremos do acto geral, que a alma pode fazer de estar pronta pera todo exercicio de virtude, quem negará que he verdadeira deuação, & com tudo não he a acto de religião, pois não só abraça o obiecto da religião, mas de toda virtude. Bem q he mais a propria vontade de crer em Deos por a acto de fide pode chamar deuação pois he affeito pio, & humilde pera com Deos, que he a definição, que S. Agostinho dá desta virtude. E se com a virtude da Esperança amamos a Deos por nosso interesse, & gloria que nos espera, claro está que della mesma podemos sahir com affeito vniuersal de viuer bem, & servir em tudo a Deos em quanto entendemos que isto serue pera alcançar a mesma bemaventurança, o que parece verdadeira deuação.

Pera defendermos este titulo de deuação na virtude de que tratamos, se ha de aduirtir, o que ja do primeiro capitulo fica entendido; & he que deuação propriamente significa affeito d'alma, que respeita a outrem ao modo da promessa, ou voto, que tem o mesmo. E ainda que por esta via affeito pio a Virgẽ Nossa Senhora, & santos mereça nome de deuação, principalmente o toma pera sy o affeito pera com Deos com tanto, que tenha as condiçoẽs da religião, que he pretender culto, & honra do mesmo Deos, ou dos santos.

Posto este fundamento dizemos, que affeito de obedecer em quanto sahe da virtude da obediencia, não se pode chamar verdadeira deuação; pois não se dirige a outrem; respeitandõ sua honra, & culto; mas somente atende a guarda do preceito de Deos, alem do qual passa a virtude da religião, & deuação, pois se estende a muitas cousas, que não são de preceito, & são da honra de Deos, & seu culto pera o qual pode dirigir, & com imperio ordenar a guarda de preceitos, & a mesma obediencia.

Affeito geral de viuer santa, & virtuosamente se for absoluto, & solitario, sem se ordenar a outrem parando em sy mesmo, pela mesma razão não he deuação; se se ordenar, & dipigir a culto de Deos he verdadeira deuação, que com imperio pode dirigir os actos das mais virtudes a que abranje o mesmo culto. O affeito da Fẽ não respeita formalmente honra, & culto de Deos, mas

ma sua revelação; & crença. Affeito da esperança da mesma mençã, não he propria deuacão; porque com elle formalmente fãis queremos a Deos por amor de nós, que por amor d'elle mesmo. E ainda que por força da esperança possamos ter affeito geral de viver santamente, & de servir a Deos em todas as coisas, em quanto isto he necessario para alcançar a bemaventurança, que pretendemos; o que tem duvida tem muita semelhança com deuacão; com tudo não he verdadeira deuacão; pois com elle não respeitamos tanto a outrem, quanto a nós mesmos.

Resta a Charidade, que ama, quer, & se goza em Deos, por elle mesmo, por sua bondade, & perfeição; & não ha duvida, que por esta mesma benevolencia, & amizade de Deos, como fim, & motivo proprio pode abraçar a honra, & culto todo de Deos, que he a materia da virtude da religião. Donde se segue, que o acto com que hũa alma movida do amor diuino, deseja, & pretende buscar em tudo a mór honra, & gloria de Deos he perfeita deuacão; pois por motivo mais nobre, qual he o amor, manda a virtude da deuacão; & a este mesmo amor ordena seu objecto, & materia, que he o culto que dizemos. Já se meter mot nesta coiza a suauidade, & gozo de que a alma falamos; de nenhum acto pode sahir melhor, que da Charidade. Por onde outro a dizer, que a perfeita deuacão pede hum, & outro acto, & então merece nome de deuacão, quando concorre, & se acha junto co affeito de Charidade, da maneira que acto de Penitencia se chama contrição quando sahe revestido da mesma Charidade. Mas avendo de se fazer distincção de hũa, & outra virtude: nome de deuacão mais propriamente se acomoda ao acto de religião, que da Charidade; porque deuacão diz respeito a outrem com sujeição, & assi respeita a Deos com sumissão, & humiliação, por ter olho em sua excellencia; & Charidade he amizade, que não atenta formalmente excellencia de Deos, & sujeição a elle; mas sua bondade, & perfeição, & vnão com elle.

E porque a alma fizemos menção da virtude da Penitencia, so advertir, que ainda que se pareça com deuacão o acto com que a alma se offerece toda para satisfazer a Deos pella injuria, que fez a sua divina Magestade como o peccado; com tudo não he deuacão, porque respeita satisfacção, & não serviço, & honra

honra, & não he acto que de sy faya, mas só por occasião do peccado. Por onde se penitencia algúas vezes se chama deuação, he porque da contrição de coração, & afflicção, & mortificação do corpo, ordinariamente se gera, & nasce deuação.

CAPITULO III.

Da distincção entre deuação, & mais actos da Religião.

Confundem ordinariamente os Santos a deuação com outros actos da virtude da religião, em especial com oração mental, na qual coimo até aqui vimos todos elles se comprehendem. Hugo de S. Victore: *Oratio est deuotio ex compunctione procedens*. Santo Agostinho, *Oratio est mentis deuotio*. S. Boaventura em sensio puseolos tomando por empreza tratar da deuação, diz muitas cousas, que pertencem à meditação, & oração mental. S. Ambrosio no liuro de Caim, & Abel; qualquer affecto ao culto, & seruicio de Deos, ou seja por sacrificio, ou por acção de graças, & lembrança dos beneficios diuinos, ou proposito de obedecer chama deuação. Nós per a mais declaração distinguiremos esta materia por algúas verdades.

Hugo.
S. Agost.
S. Bonau.

S. Ambro.

Primeira verdade. Actos da religião, que pertencem ao entendimento, como he meditação actual, petição propria, consideração da verdade, louvor, acção de graças intellectuales não se podem chamar deuação; porque esta como dissemos reside na vontade; & por ella nos consagramos a Deos; o que não tem estes actos, & outros semelhantes. Por onde quando os Santos dizem que meditação he deuação; querem dizer, que he causa da deuação, no qual sentido tambem a petição he deuação, porque a alcança de Deos, ou porque se segue da deuação, & della tomã forças, & suavidade.

Segunda verdade. Tomada oração em geral em quanto incluye em sy não só actos do entendimento, mas da vontade, como no principio dissemos, sem duuida abraça deuação, como parte sua, ou como ham dos principaes actos, ou especies da virtude.

virtude da religião, & neste sentido he deuação verdadeira oração, ou especie da oração, como he tambem louuor, acção de graças, & os mais.

Terceira verdade. Das especies da virtude da religião que pertencem á vontade, hũas são particulares, porque se dirigem a particulares cultos de Deos; outra he geral, porque se dirige a geral, & total culto, & honra de Deos: As particulares são meditação, petição, insinuação, adoração, louuor, sacrificio, & as mais que por sua ordem até aqui declaramos; & na mesma conta podem entrar affectos das mais virtudes, como são Castidade, misericordia, charidade, humildade, &c. Quando por imperio da virtude da religião se ordenão á honra, & gloria de Deos.

A especie geral, he como ja dissemos propriamente deuação; & ainda que se chame affecto geral, por causa da materia geral do culto de Deos em que se ocupa, com tudo em sy he particular acto da vontade. E no officio da virtude da religião he de sua natureza como principal, & primeiro. Porque da meditação ou consideração da diuina excellencia, & sogeição que a ella se deve, o primeiro affecto que nasce he a vontade vniuersal de sogeição a Deos, & geral culto de sua diuina magestade. E este he o mais intrinseco, & proprio acto, q̃ ha da virtude da religião, porque a lem de sahir della immediatamente não fopõem outro primeiro da vontade, antes comparado com os mais particulares de louuor, sacrificio, adoração, &c. he como primeiro mouel, que todos leua apòs sy: & da vontade do culto de Deos em geral se seguem actos de vontade particulares de particulares cultos do mesmo Deos. De modo, que este affecto geral de deuação não sahe a exercicio de outras potencias, senão mediante outro acto da vontade, com que quer aplicar o entendimento a orar, a lingua, a louuar, os membros do corpo a sacrificar, &c. Mas aduirtase, que não he necessario, que sempre se guarde esta ordem no exercicio da deuação, porque precedendo meditação acomodada, pode nessa vontade sahir logo com affecto de cultos particulares, como de petição, insinuação, acção de graças, & ainda de outras virtudes particulares dirigidas a culto, & honra de Deos, sem preceder acto geral de deuação, que dê principio, como a experiencia mostra; mas o modo mais natural he o que apontamos de preceder acto de deuação.

Em fim rematando esta materia dizemos, que por esta via o acto geral da honra, & culto de Deos, he o que absolutamente toma pera sy o apellido, & titulo de deuação; pois por elle se dedica a alma totalmente a Deos, não abraçando materias particulares, mas de hum impeto, & impulso da vontade, todas. As de mais especies da religião tem seus nomes particulares, como já dissemos, & se chamaõ, meditação, petição, louvor, voto, sacrificio, &c. ainda que não podemos negar, que por participação, & proporção certa se podem chamar deuações particulares, por serem limitadas a certas materias; ainda que entre ellas mesmas ha algũas, que merecem melhor este nome; porque virtualmente, & como em raiz, grangeam todo o culto, & seruiço de Deos, & a entrega, que por este titulo a alma de sy faz a sua divina Magestade. O principal será affeito dos votos, & estado religioso, & vontade efficaz de professar pois por este meyo abarca a alma todo o culto, que se deue a Deos. Outro pode ser affeito, & proposito de gastar a vida sem interromper dia em oração mental de largas horas; pois oração desta maneira não pode deixar de ser fonte, & principio de toda deuação, & bom desejo de honrar, & servir a Deos. Mas de qualquer modo que falarmos nesta materia sempre fica em pé a doutrina que ensinamos da distincção destes actos, & principal titulo da deuação. Aduirtase por vltimo remate, que esta doutrina da deuação tanto corre pera com Deos, como pera com a Virgem nossa Senhora, & mais santos, por mais que hũa seja mais nobre, & auantejada que as outras, pois todas merecem titulo de verdadeira deuação.

CAPITULO III.

Das causas, & effectos da deuação.

DE duas maneiras se pode levantar em nossa alma a deuação, que no primeiro capitulo chamamos accidental que cõsiste na doçura, & suauidade interior. A primeira he antes de qualquer acto deliberado da nossa vontade. Segunda precedendo algum acto, ou exercicio voluntario, & santo. O primeiro modo he bem praticado dos Doutores Theologos, na materia de gratia, com que Deos sem esperar vso precedente de nossa liberdade.

berdade principia noster entendimento e abraço de bom pensamento, toca nella vontade com inspiração de santo desejo; move, & levanta possas almas a exercicio de boas obras, como diz S. Agostinho: em muitos lugares ora assembrando com subitos temores; ora convidando com gosto, & consolação repentina; q' sendo pera culto; & honra sua; em especial pera oração mental com rezaõ se pode chamar deuação; ou graça de deuação pois traz a alma a deuação deliberada; q' he a essencial, & verdadeira; & pella mesma rezaõ se pode chamar oração porque he causa della; mas tomada em si mesma nem he propriamente oração; nem denação; porque não he acto deliberado da vontade; mas pode se chamar principio, & seminario de toda a deuação, & oração mental.

De qualq' modo q' seja a causa propria de deuação tomada neste sentido he o Spirito Santo a cuja conta somente está a graça excitante qual está he quanto ao que pede de necessidade; porque se precederem boas obras, & vida santa poderão muito ajudar pera acedir o mesmo Spirito Santo com esta graça de deuação como já dissemos.

Segundo modo desta deuação he quando nasce da deuação deliberada, & substancial, & com ella se ajunta em hum corpo como obra de graça sobrenatural. Desta, da mesma maneira dizemos q' a causa he o mesmo Spirito Santo obrando, & cooperando cõ sua divina graça. O modo cõ que faz esta celestial obra em nossas almas he primeiramente excitando a vontade pella graça, ou deuação antecedente; & desta passando a deuação substancial, & deliberada concorrendo com ella a mesma vontade. Mas como Deos he todo poderoso não está atado a começar sempre pella doçura, & suavidade antecedente, & indeliberada: outros muitos modos te de despertar a vótade, como são principalméte temores das penas eternas, esperanças da gloria, & bemaventurança, mas de qualq' modo que obre sempre ha de preceder bom pensamento no entendimento; boa inspiração na vontade, de que sempre Deos he autor, & por conseguinte de toda deuação perfeita, & oração mental.

E porq' todo este negocio spiritual se remata em actos do entendimento, & vótade, claro está, quando a alma, q' dantes não orava, começa a orar; dantes não estava deuota, começa ser deuota; se

se ha de tomar o principio, & ponto de alguma attenção di-
to, pois sem elle nada pode obrar a vontade, he pois o primeiro
acto algum pensamento, ou cogitação pia, & santa, & acomoda-
a este effeito. E como precede, & vai diãte da applicação liure da
võdade, cõ rezão dizemos q̃ nasce de outro principio extrinsecõ,
q̃ he o Spiritõ santo; não se pode negar, q̃ semelhante cogitação
pia depẽde muito de diligências nossas precedentes, porq̃ não he
a primeira como fomos de toda vida, mas he este dia, ou hora,
pera effeito de entrarmos em oração por onde ha lugar de pre-
ceder diligencia, & industria pera a sentirmos. E importa muito
meterse todo o cabedal em grangear esta primeira cogitação
santa, pois vai na vanguarda deste exercito bem ordenado de ora-
ção, & actos interiores, & della depende o bom successo de tão
diuino exercito.

Seja pois a primeira diligência pedir a Deos dante mão q̃poira
excitar em nosso entendimẽto estas santas cogitações, servirã a
petição de alcãçar ao menos de congruo o q̃ pedimos; & assi es-
ta petição, ou oração precedente, serã causa da cogitação santa;
& esta da oração subsequente; de modo que andem em hum ci-
culõ d'outro, & como em coro, & dança aprazivel ao Cõo, me-
recendo a oração esta primeira cogitação, causando esta cogi-
tação a seguinte oração como causa natural ao modo que o en-
tendimẽto costuma mouer a vontade.

Segunda diligência he vida santa conservada com boa consci-
ência, boas obras, & bom uso da graça diuina, que se for applicado,
& offerecido com intenção de alcãçar de Deos esta cogitação
de orar, & meditar, será mais efficaç.

Terceira diligencia será costume firme, & infalivel de orar to-
dos os dias certo tẽpo, ou hora, não obstãte qualquer impedimẽ-
to, & occupação, como se fosse obrigação de precito, grãue sem
nunca interromper; porq̃ neste caso se dá Deos por obrigado
a concorrer com este curso de vida, dando a graça salda diuina
do bom pensamento.

Quarta diligencia he memória, & proposito firme da hora em
que se ha de ter a oração tomando seu final por instrumento da
voração diuina a que de adesso se trata; porq̃ he mais
se ha de acudir. Por onde esta oração se ha de ter palleto mui
antes de qualquer outra occupação, servirã seu deãte mui fino ol-
gimo

Tratado vigesimo oitauo

timos pensamentos com que adormecemos, o primeiro com que acordamos; & lutar com toda a diligencia, & animo contra a repugnancia de deixar o leito, & sono, estando certos que a falta desta diligencia causará a falta das cogitações santas, de que depende o successo da oração.

Quinta diligencia será de orações breues, & frequentes, que santos chamão jaculatorias, que conseruão sempre fresca a memoria de Deos; & como acendetalhas preparam a alma, pera receber facilmente o rayo do diuino Sol; & pera estas servirão muito algũs sinais externos, principalmente do sentido do ouir, que sejam como espertadores pera este effeito, como diz Dauid Psalm. 118. *Memor fui nocte nominis tui Domine, & custodiui legem tuam.* E ainda que estas industrias, & artificios sejam humanos tambem nace de fê, & graça diuina, & pertencem à cooperação, que Deos pede de nossa parte, & se inclue no conselho, que dá a diuina Sabedoria; *Ante orationem prepara animam tuam.* Ecclef. 18.

Ecclef. 18.

Leuantada deste modo no entendimento esta santa cogitação, logo naturalmente se segue algum mouimento interior na vontade, que ao principio costuma ser indeliberado por modo de desejo, alegria, & gozo de que ja falamos, & falou Dauid, quando no Psalm. 76. dizia. *Memor fui Dei, & delectatus sum.* Não ha de parar a alma aqui, nem se ha de contentar com esta lambugem spiritual, que como he indeliberada, & sustentada só da mão de Deos, se não acodimos, & concorremos parará, & acabará de pressa em castigo de nossa negligencia, como se detretia o maná no deserto, se os filhos de Israel não madrugauão pera o colher. Por onde tocada a vontade com bom affeito ha de concorrer, & acodir com acto deliberado, & efficaç quanto em sy for pera a oração, ou culto diuino conforme ao que se sente mouida. E como a alma por esta via se vai engolfando no pego da oração, ordinariamente desta vontade deliberada se torna aplicar o entendimento, a considerar, ou meditar nas cousas diuinas; & da mesma meditação se tornão acender na vontade bõs desejos, & affeitos de Charidade, & outras virtudes pera com Deos; dandose as mãos estas potencias hũa a outra, & tecendo hũa cadeia de santos pensamentos, & affeitos, com que se leuantão ao Ceo.

Psalm. 76.

Mas

Mas aduirta a alma deuota, que ainda que este he o modo ordinario deste exercicio, acodindo o entendimento com meditação, ou consideração acomodada ao affeito da vontade; pode com tudo acontecer, que a primeira cogitação indeliberada seja tão clara, tão efficaç, & com juizo tão pleno, que deue com si go a vontade com liberdade vagarosa, & perfeita a Deos, & obiectos diuinos, o que sem duuida será verdadeira deuação; nacerá este fauor, & mimo de Deos, ou da abundancia da graça actual, que na quella hora communica, ou porque acha a alma disposta, & aparelhada com mayor copia de luz sobrenatural ganhada com as industrias, que disse-mos, & com frequente, & feruoroso uso do amor de Deos.

Vindo pois a ordem, & harmonia das cousas que concorrem pera deuação; ou do modo que deuação he causa da oração. O primeiro lugar tem a cogitação santa indeliberada do entendimento. O segundo vontade ao principio indeliberada, mas logo liure, & deliberada de meditar, & considerar. Terceiro, entendimento ja meditando, & considerando por mando da vontade. Quarto, outra vez a vontade de honrar a Deos, contentar a Deos, servir a Deos com actos liures, ou particulares de louvor, petições, sacrificios, &c. ou geral do culto diuino, ou seja por motiuo de Charidade, ou de religião, ou de qualquer outra virtude conforme a materia da meditação, disposição do que ora, & moção do Spirito Santo, pois se não pode dar regra certa. Quinto lugar depois destes affectos tem o gozo, & suauidade que na oração mental se sente, & a ella da todo sabor, que Santo Thomas chama alegria spiritual, & diz que he effeito de deuação substancial, de que diz David Psalmo 118. *Memento* 2.2. q. 83. *mor sui iudiciorum tuorum à seculo Domine, & consolatus sum.*

Donde se segue que esta suauidade, & consolação ganhada por esta via, he como propriedade, que segue a deuação substancial, & por essa causa com rezão dizemos, que he accidental, & assi numerando as causas, que concorrem pera ella. Primeira he a deuação substancial, ou seja geral de todo culto diuino, ou de particulares especies, como ja disse-mos. Segunda tambem proxima como a primeira, he nossa vontade cooperan-do

Tratado vigesimo oitauo

do com a diuina graça. Terceira, mas principal he Deos como autor da graça. Quarta he a meditação propria, que faz officio de espedidora da deuação. Quinta a mesma materia, ou obiecto da meditação, em quanto serue de atrahir a deuação. E ainda que esta causa he larguissima, & se estende a muitas cousas, como dissemos tratando do obiecto da meditação, com tudo as que principalmente espertão a deuação interior, & gosto de que falamos, são attributos diuinos, & effectos que causão como beneficios, providencia, & protecção de seus escolhidos, &c. E ainda tambem consideração da propria baxeza, & fogueição de vida a Deos, como diz S. Bernardo no liuro das sentenças, Caietano, & outros. Mas ainda que as consolações diuinas se alcancem por esta via metido cabedal, & indultia, por nossa parte; outros caminhos ha mais diuinos, & sobrenaturaes da graça especial de Deos com que elle a concede, & liberalmente reparte de sua mão, posto que ordinariamente tem respeito a nossos merecimentos, & cooperações com auxilios, & graças precedentes, como disse S. Ambrosio no liuro 10. sobre S. Lucas. *Pro deuotione credentis uniuersum spiritale lumen infunditur.*

Ainda que a Oração, petições, &c. nace da deuação substantial, muito serue a accidental de suavidade, & gozo, pera que a mesma oração, saye mais ardente, & feruorosa, & perseuere mais tempo: donde tem rezão os santos de dizerem, que deuação he perfeição da oração, & como oleo, & balsemo em q̃ este celestial lume se sustenta. Guardão tal harmonia estas duas virtudes entre sy, oração, & deuação q̃ como a deuação he causa da oração; assi oração pode ser da deuação. Formado a alma conceito, & opinião da nobreza de deuação por lição de liuros deuotos, por praticas, ou sermoes de homens santos, & deuotos, ou por outros conhecimentos, & experiencias; & entrando em oração, ou petição pera a alcançar concorrendo as condições requisitas da boa oração, sem diuida alcançará; assi fica sendo a oração causa da deuação; antes a propria oração pode ser causa de oração, pedindose a futura pella presente, a perfeita pella imperfeita, que são modos com que tambem deuação pode ser causa de deuação.

Assi consta qual seja a concordia destes actos interiores, & a pro-

D. Bern.

D. Ambro.

a proporção que guardão entre sy deuação, & oração; porque tomada a Oração em geral por todo acto sobrenatural de entendimento, & vontade, fica deuação especie, ou parte da oração. Tomada deuação pella suavidade, & gozo interior fica propriedade da oração com que ella se anima, & aseruora. Tomada a oração por petição ja he effeito, ja causa da deuação, conforme a diuersos respeito, como fica dito. Do modo que os effeitos, & proueitos que se achão na oração se podem attribuir à deuação, & della podem nacer todos em quanto he virtude vniuersal, que exercita seu imperio sobre as mais; & quando principalmente traz de companhia a consolação, & doçura que dissemos, torna ligeira, & pronta a alma pera todo seruiço, & honra de Deos. Donde teue rezão de dizer Sam Bozuentura tratado de sex alis Seraphim. *Deuotio est fulcimentum religionis, & pinguedo omnis exercitij virtutis*. Deuação he columna da religião, & sabor de todo exercicio da virtude. E por esta via a doutrina da satisfação, mercedimento, impetração, que se deu da oração, igualmente quadra à virtude da deuação.

D. Bonan

Da mesma maneira muitas propriedades, & circumstancias que até aqui se differão da deuação em sua proporção se achão em todo affeito, & operação honesta de nossa alma. Porque primeiramente todo affeito pio, & santo da vontade, nace de algũa cogitação santa do entendimento; nem he possiuel bem desejar, & obrar, sem primeiro bem considerar. Do mesmo modo se ha de dizer do gosto honesto, que infalivelmente acompanha, & segue todo exercicio, & acto de virtude. Por onde os actos interiores, que até aqui se declarão não estão limitados ao fim, & officio da virtude da religião, aos fins das mais virtudes se estendem, & abrangem precedendo consideração, & meditação das materias proprias. O que principalmente se acha na Charidade, da qual nace a perfeita deuação, acompanhada sempre de consolação, & gozo spiritual de Deos amado. Ainda que particularmente seja de Deos honrado, & venerado, quando nace da virtude da religião.

E pera que em remate se acabe de declarar tudo o que pertence a esta doutrina se aduirta, que gosto, & gozo da vontade se pode achar em tres cousas; ou pode ser de tres cousas. Pri-

Tratado vigesimo oitauo

meira da cogitação fomento do entendimento. Segunda dos bês, & perfeições do objecto em que se considera. Terceira da efficacia, & deliberação do afeito com que sahe a vontade. O primeiro gozo, não he propriamente deuação de que falamos; porque esta he operatiua de virtude, inclina a bem obrar; & este gozo he de certo modo speculatiuo, porque nasce fomento do conhecimento, & inuengão de algũa verdade, & nella para, sem mais fructo; & se acha a seu modo em qualquer arte, & sciencia, em quanto nella se descobrem nouas noticias, & verdades. O segundo genero de gozo se cahir sobre objectos naturaes; será fomento natural; se cahir sobre Deos, pertencerá à deuação spiritual, mas com distincção. Porque se cõsiderando a alma nos attributos, & perfeições diuinas, sente gozo de Deos, as possuir, de serem suas, de Deos as lograr; este gozo pertence à virtude da Charidade, & se pode chamar deuação da Charidade. Se cõsiderando nos beneficios que Deos nos fez, ou ha de fazer, de criação, redenção, & gloria, &c. Sentimos gozo, & consolação; esta pertence à virtude da Esperança, que atenta mais ao proprio comodo sobrenatural, que ao de Deos, & assi se pode chamar deuação da Esperança, com que ella se alenta, & toma nouas forças. Se cõsiderando em fim na honra, & gloria de Deos, que elle de nós, ou de outros recebe, ou ha de receber experimentamos gozo, & gozo; este sem duuida pertence à virtude da religião; & he o que merece, como já disse-mos, nome de deuação; ainda que não substancial; mas verdadeira propriedade da substancial, que atenta sempre ao culto de Deos.

Vindo ao terceiro genero de gozo, que nasce immediatamente da operação, & afeito da vontade, cõforme a doutrina do segundo gozo, dizemos, que se nasce da vontade q̃ temos de Deos lograr, & gozar seus bês, & não outrem, por ser elle quem he este gozo he proprio da charidade, se nasce do acto da vontade, cõ que agardecemos a Deos beneficios que nos faz, ou ha de fazer, he da Esperança: se nasce em fim da vontade com que honramos, ou determinamos honrar a Deos nasce da virtude da religião; & he a propria, & verdadeira deuação na forma que declaramos. Esta doutrina se deixa bem entender, quando acõtualmente exercitamos com a deuação o proprio acto diuino, pois o gozo que

que então sentimos he do bẽ presente; mas se falarmos do desejo do mesmõ culto, quãdo determinamos, ou desejamos, de honrar a seu tempo a Deos como se pode dar gozo; pois este bẽ da honra de Deos ainda estã ausente? A esta duida respondemos, que ainda que o perfeito gozo sò se acha na prezença, & alcance do bẽ presente, com tudo o mesmo amor, & affeição ao bẽ amado, ainda não alcançado ja por sy deleita, & dá gozo por ser de sy mesmo algum genero de bẽ que estã presente. Por onde o proposito deliberado com que a alma se dedica, & offerece ao culto diuino ja por sy recrea, & dá gozo; pois assi o tem por grã de bẽ seu, em especial ajuntandose esperança certa da execução, que por sy deleita, & recrea; pois este culto, ainda q̃ ausente se representa como presente, como se ja se estiuera dãdo a Deos.

Exemplo pratico da virtude da deução por dialogo entre Deos, & Religioso.

Relig. O Deos excellentissimo, antes a mesma excellenciz ensinai-me o fim que tiuestes em me tirar das misérias do mundo, & trazer ao paraizo da religião?

Deos. Do cativeiro de Pharaõ, & seruidão do Rey barbaro te trouxe a minha real Corte, não pera passar a vida ociosa, isento de trabalhos do mudo, acõpanhado de commodos do corpo, mas pera que occupado no seruiço diuino sò trates de minha gloria, & honra.

Relig. Ay de mim Deos de minha alma, q̃ sendo vos digno de toda honra; eu, & o mundo de toda a deshonor atẽ agora não soube mais q̃ deshonnar a vòs; honrar o mundo, & a mim: mais estimei a seruidão do barbaro tirano, que peor que a escravo me tratou, que o respeito, & vassalagem, q̃ a vòs grande Rey deuo, que como filho sempre me tratastes.

Deos. *Solue vincula colli tui captiua filia Sion.* Quebrêse pois ja as cadeas, rompãose as ataduras, cayão as algemas das mãos, soltêse os grilhoes dos pès, sacode de teu pescoço alma criada a minha imagẽ o jugo petado do mundo, & toma o jugo suave de meu seruiço pera mór honra, & gloria de teu criador.

Relig. Obedecendo a vosso mandado Senhor, guiado por vosso preceito quero dar de mão a tudo o que não sois vòs; ja não fa-

Tratado vigesimo oitauo

rei caso de riquezas; não estimarei delicias, nem dignidades, só vossa gloria, & honra buscarei. *Deos.* Se por esta via me queres servir, & agradar, considera qual sou pera contigo; a providencia singular com que te acudo; a presteza com que te socorro; os olhos cheos de misericordia, que sempre em ti trago; a vigilancia com que a ti assisto, & conforme a este cuidado de pay, fazo por corresponder com deusação de filho.

Relig. Pois com titulo grandioso de filho me quereis honrar sempre com titulo de pay amoroso vos honrarei, pois com providencia singular em tudo me acodis, com diligencia singular em tudo por vossa honra acodirei: pois com presteza me socorreis, com presteza vos obedecerei. Aos olhos, que em mim traheis, vigilancia com que me assistis corresponderei com olhos sempre postos em vós. *Deus Deus meus ad te de luce vigilo.* Com presteza ao romper da alua cortando por sono a vós Deos meu vigiarei.

Deos. Eu sou a cifra de todos os bés, a suma de todas as riquezas, gostos, & honras, tudo governo, tudo mando, & aos santos, & justos que pretendem meu serviço cõ particular cuidado amo, & quero.

Relig. Grande motivo Senhor pera a vós só queret, só vós buscar, servir, & honrar. Mas ay de mim, que sendo vós Senhor dos Senhores, Rey dos Reys, melhor servidos são os Reys da terra de seus vassallos, do que vós Rey meu sois servido de mim; mais prestes elles ao aceno de seus senhores, que eu a vossos preceitos, & mandamentos, mais madrugão por interesses temporaes, que eu por spirituaes, & proprios de salvação.

Deos. Não he necessario para confusão de tua frieza buscar exemplos dos Reys da terra; o primeiro, & principal tés em mim, de quem está escrito. *Qui de luce vigilauerit ad illam, non laborabit, & sedentem enim illam foribus suis inuenit.* Por mais que madrugues a mim, mais madrugou eu a ti; dormindo estás em profundo sono a portas fechadas, eu de fora toda a noite estou bradando. *Aperi mibi soror mea sponsa; caput meum plenum est rore, & cinnamini mei guttis nocturnum.* Abreme alma minha mouão te brados de teu Deos, que por ty está chamando, com a cabeça orna-lhada das gotas, & ar da noite.

Relig.

Relig. *Pessulum ostij mei aperui dilecto meo.* Eisme aqui, ô bom IESV, amor meu com portas abertas, desejos rendidos, pés ligeiros, & prestes pera vos seguir. *In odorem unguentorum tuorum curremus.* Apòs vos hirei correndo leuado da suavidade, & fragrancia dos balsamos, que de vòs vão destilando. *Quemadmodum desiderat Cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus.* Com a ligeireza, & sede com que corre o Ceruo ferido as fontes das agoas vou eu correndo, & sospirando a vòs meu Deos.

Cant. 5.

Psalm. 41.

Apocal. 21.

Deos. *Ego sitienti dabo de fonte aqua vita gratis.* Corre alma minha, toma ligeireza, & pés de veado, vem a mim fonte d'agoas viuas, que eu te matarei a sede, que o mundo não pôde matar, nem fatar.

Relig. *Domine da mihi hanc aquam, ut non sitiam; fiat in me fons aqua salientis in vitam eternam.* O fonte de agoas viuas, de amor perene: desse alto donde da eternidade estais correndo, lançaí ao menos hũa gota sobre este peccador maculado com peccados, & males sem conto; alegrai com vossa corrente a terra seca de minha alma; & pois tanto sobem as fontes quanto decem; do profundo do meu coração onde deçe voffo amor torne a subir ao alto de voffo peito pera me grãgear vida eterna, & beaueiturada.

Ican. 4.

Deos. Eu que sou fonte perene, que sempre estou manando, sou também fornalha de fogo que sempre estou ardendo, inflamado viuo da eternidade sem me consumir em fogo de teu amor, & meu, como sarça que sempre arde sem se queimar. Pòs assi he com a mesma denação com que vês a mim como a fonte tirar agoa pera matar a sede, vem a mim como fragoa ardente acender fogo com que inflames tua frieza.

Relig. O fogo ardente, lume increado acendei a tocha apagada dos affectos de meu coração, abrazaí as potencias frias, & amortecidas da minha alma pera que se cumpra em mim o que diz vossa divina Sabedoria. *Falgebunt iusti, & tanquam scintilla in arundine discurrent,* que a efficacia, & ligeireza com que o fogo se atea, & corre por siluás, & canaveaes essa tenha eu no fervor, & denação de voffo serviço.

Sap. 3.

Deos. Assi a tinerão meus santos, que por essa causa se desquitaram, & descarregaram do peso dos bês temporaes, & os proprios corpos extenuaram pera ficarem mais ligeiros, & prestes

a meu seruiço. Assim a teue a Virgem minha mãy, que depois de abrazada com o fogo do diuino Spirito, & santificada com minha Encarnação, *Abijt in montana cum festinatione*; com toda pressa passou as montanhas de Iudea por honra, & gloria minha. Assim a teue eu mesmo em minha vinda ao mundo: tal me viu a alma santa, quando dizia, *Eccc iste venit saliens in montibus, transiliens colles, similis est dilectus meus caprea, binuolue ueruarum*. Pera te saluar com minha Encarnação, vida, & morte, como gamo, & veado ligeiro apressadamente vim a este mundo saltando de monte em monte, de outeiro em outeiro. Do alto do Ceo vim nacer nos outeiros de Belem; destes appareci transfigurado no Thabor; do Thabor desfigurado acabei no Caluario; em fim resuscitado, & glorioso do Oliuete subi ao Ceo; onde estou esperando por ti; & pois tão apressados, & deuotos caminho; tomei por te saluar, toma tu tambem os mesmos pera me glorificar, & louuar.

Relig. Muitas graças vos sejam dadas, ô Deos de minha alma, pois cõ vosso exêplo, & doutrina não somente animais, & apressais, mas também consolais, & adoeçais minha deuação. *Quã dulcia faucibus meis eloquia tua super mel ori meo!* O que consolações, & riquezas da alma se achão Senhor no exercicio de vossos louvores. São fauo de mel a minha boca, doce harmonia a meus ouvidos. *Anima mea liquefacta est, vt dilectus locutus est*, como cera se derrete meu coração, quando falo cõ vósco, & falais comigo. E se vosso Profeta diz, *Quam magna multitudo dulcedinis tue Domine, quam abscondisti timentibus te*. Que não tem numero, nem medida as consolações que dais a quem vos teme, como q terã as que dais a quem vos ama.

Proverb. 8. *Deos.* Ego diligentes me diligo; & qui mane vigilant ad me inuenient me. Eu a quem me busca cõ amor, pago com retorno de amor; anticipo a quem m'adruaga a me buscar. Vigia, apressate alma deuota, nem te deixes vencer da acidia; toma azas de pomba, voa, corre nos caminhos de meu seruiço, sube apressadapella escada de virtudes, que chega da terra ao Ceo, que no topo te espero com braços abertos: pera apremiar teus trabalhos com descanso eterno.

Psal. 56. *Relig.* *Paratum cor meum Deus, paratum cor meum cantabo, & psalmum dicam Domino.*

T R A T A D O

Ultimo da Contemplação.

Dialogo entre Deos, & alma contemplatiua.

Deos.



VRGE prope amica mea, columba mea, formosa mea, & veni. Cant. 1.

Alma. O Deos meu, ò amado meu, que vozes são estas tão brandas, & amorosas com que me chamais, dandome titulo

indigno de pomba, & amada vossa?

Deos. Passada a via purgatiua, & illuminatiua, te vejo ja branqueada com as lagrimas de contrição, empenada com as penas de penitencia; resta dar ás azas pomba minha, & voar ao alto da contemplação.

Alma. Deixai Senhor esta vossa alma por mais tempo, estar gemendo, & chorando neste vale de lagrimas, ainda dura a inuernada de minhas culpas; ainda as chuvas me não deixão sahir; ainda o pezo de pecados me não consente voar.

Deos. *Iam byemis transijt, imber abijs, & recessit. Flores apparuerunt in terra nostra; vinee florentes dederunt odorem suum, ficus protulit grossos suos.* Não ha que temer alma minha, ja as inuernadas são passadas, ja não a sopráo os ventos rijos, ja no tacto spiritual com que me has de sentir reponta a primavera, teus olhos, enxutas as lagrimas de dor, daqui em diante se empregarão em rosas, & boninaes do paraizo, teu olfato se recreará no suauissimo cheiro, que de sy lanção as vinhas de Engadi, teu gosto se empregará nos pomos laborosos da aruore da vida.

Alma. Infinitas graças vos dou amoroso Deos, por me conuirdades com promessas paternaes; & mimo com que tratastes a vosso amado Moyles, quando dissestes. *Ego ostendam tibi omne bonum.* Exod. 33.

Deos. Em mim estão todas as riquezas, a fermosura das estrelas;
a gra-

Tratado ultimo

Plalm. 42.

a graça das flores. *Pulchritudo agri mecum est.* O preço de ouro, & pedraria; a suavidade dos cheiros; a harmonia das musicas; o sabor dos manjares, & todo o bem.

Alma. Pois tudo quereis que logre nesta vida por virtude da contemplação; em vós contemplarei, em vós sempre cuidarei.

Deut. 34.

Deos. A Moyses leuei ao monte Nebo; dali com os olhos na prometida Palestina; nos palmeirae de Cades; nos rosacs de lerico; nas ribeiras frescas do Iordão, entre meus braços, & abraços suavisimamente espirou. A melhor monte te quero alma minha levantar, que he da contemplação, do alto della com os olhos em mais frescos palmeirae, & rosacs; em mais fertis ribeiras, a força de amor te furtarás ao corpo, & sentidos, & virás a mim.

Alma. Ia parece Senhor com este fauor, & mimo; me começo ver liure do catiueiro de Egypto, dos tedios, & esterilidades do deserto, ja me acho nos pateos da celestial Ierusalem; ja com a boca nas ribeiras de mel, & manteiga, que correm na fertil Palestina do Paraizo; aqui quero com vosco viaer, aqui quero com vosco morrer.

Esteh. 17.

Deos. Ora pois aguia real, deixa os baixos da terra, fta os olhos em mim, dá ás azas, & subindo a este mote Libano, tira cõ o bico dourado da contemplação a medula do cedro da eterna verdura, que sou eu: sô em mim terás perfeita consolação, subitancia de teus gostos, tudo o mais he casca, & engano.

Isa. 41.

Alma. *Sicut malus inter ligna sylvarum, sic dilectus meus inter filios.* Sub umbra illius, quem desideraueram sedi, & fructus eius dulcis gutturi meo. Quem cuidara, que no meyo deste deserto, entre syluas, & matos agrelles auia de achar aruore tão fresca, & frutuosa, como sois vós? Sub umbra illius quem desideraueram sedi, a vosso trôco me encofarei a vossa sombra passarei a festa, & fugirei do fogo de concupiscencia com que arde o mundo. Et fructus eius dulcis gutturi meo; de vossa fruta comerei, & cõ o sabor, & substancia della me sustentarei.

Can. 1.

Deos. Aqui dormirás o sono repousado da contemplação, fechados os olhos a todo criado; retirados os sentidos, dos gostos da vida, viuendo morrerás; & morrendo vivirás, dizendo. *Ego dormio, & cor meum vigilat.* Eu estou dormindo, o coração está vigiando; em quanto o corpo dorme a alma vigia.

Alma

Alma. Quid mihi est in celo, & à te quid volui super terram? Sem vós o bondade suma, nem quero riquezas da terra, nem quero riquezas do Ceo: em vós acho recreação de sentidos, em vós sustentação, fartura, & descanso, em vós quero sempre cudar; em vós dia, & noite contemplar.

Deos. Surge propere amica mea, & veni; acaba ja alma de voar, acaba de chegar.

Cant. 2

CAPITULO I.

Da definição da contemplação.

A Definição da Contemplação tirada de São Bernardo, Ricardo, Santo Agostinho, & outros he esta. *Contemplatio est ascensus ad Deum in itinere elevato, & cum admiratione suspensa simplex, & innoxia, & latius in sua dulcedinis gaudia degustans.* Contemplação he hũa villa, ou cogitação simples, fixa, & permanente da alma levantada a Deos, com admiração, & suavidade; & o gozo que ja nesta vida começa lograr a doçura da eternidade.

Pretende esta definição, mas não acaba de declarar a natureza, & efficacia da contemplação, que em effeito he como termo, & fim a que nossa alma nesta vida pode chegar: he o mais alto monte dos que suspira nossa esperança, quando diz. *Leuatis oculis meos in montes, vnde veniet auxilium mihi.* Oceano largo de consolação viua, onde vão parat os rios de nossos desejos. Rainha, cuja valia pera com Deos: vence a de Esther pera com Asuero; de Abigail com Dauid; de Bersabe com seu filho Salomão. Della he pouco dizer. *Astitit regina à dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate,* que está à mão direita do Rey eterno ornada de ouro, & pedraria rica. A mais chega, pois chega a ter sempre os olhos fixos em seu diuino rosto; a boca posta em seu amoroso peito; a cabeça encostada a seus braços. *Leua eius sub capite meo, & dextera eius amplexabitur me.* E se atrene a pedir osculo de paz ao grande Rey. *Osculetur me osculo oris sui;* como tudo vê, & logra por espelhos, & enigmas nesta vida mortal; assi tudo passa debaixo da cortina em que o diuino

Psal. 120.

Psal. 44.

Cant. 2.

Cant. 2.

Esposo

Tratado ultimo

Exod. 20.

Esposo se comunica recolhido, & escondido; como fez a Moyses; o qual pera lograr estes diuinos mimos, & delicias sobrenaturaes. *Accessit ad caliginem in qua erat Deus.* Se meteo debaixo da espessa nuuem em que estaua Deus; mas nós vejamos ja o particular de cada hua das partes desta definição.

CAPITULO II.

Da primeira parte da definição da contemplação, que he alma.

SOpomos, como cousa verdadeira, que a contemplação he certa operação de nossa alma, cujo exercicio pede hũ estado de vida cõtemplatiua, que ainda que admite outras operações, como em seu lugar se diz, esta cõ tudo he a principal. Afsi resta inquirir se he operação do entendimento, se da vontade; se de ambas as potencias. S. Agostinho no tratado *De spiritu, & anima*, parece quer seja da vontade. *Contemplatio (diz elle) est perspicua veritatis iucunda admiratio.* Contemplação he admiração suaua da verdade conhecida. E consta, que admiração he affeito da vontade, que cõsiste em certo temor, como a diãte se dirã. A mesma opinião parece tem saõ Bernardo no liuro *De scala claustralium*, onde diz. *Contemplatio est ipsa dulcedo, qua iucundat, & reficit;* que he a mesma doçura, que cõsola, & recreas; ou affeito de gozo, que sem duuida sahe da vontade. O mesmo S. Bernardo no liuro *De cõsideratione*, parece muda de parecer, & faz a contemplação acto do entendimento; quando diz. *Est verus, certusque intuitus animi siue apprehensio veri non dubiè.* He vista, conhecimento, apprehensão da alma, que com certeza fita os olhos na verdade.

D. Aug. de
spir & anim.
cap. 32.

D. Bern.

D. Th. 2. 2. q.
280,

Concorda com esta doutrina São Thomas, o qual antes de resolver esta verdade faz rezenha dos actos de entendimento, q̃ saõ os seguintes. Cogitação, consideração, meditação, especulação, audição, lição, locução, visão. Cogitação neste lugar he a primeira applicação do entendimento antes da oração a muitas cousas, que se representaõ, pera dellas fazer escolha em hua particular; & nella parar a yagueação com que se acha antes desta

elci-

eleição, & com que anda salpicando de hũa em outra, sem ac-
bár de formar a materia de que ha de meditar, & se divide em
muitas, aê se resolver em hũa certa. Lição: que se exercita em
liuros spirituaes, serue de ajuntar a lenha, & preparar a materia
pera a meditação, & sem ella como diz S. Bernardo fica expô-
sta a oração a perigo, & erro, pois parece se faz temerariamête,
& a calo; com tanto que por lição se entenda qualq̃er outra
preparação, que pôde ser, ouvindo, ou refrescando a memoria
certa de meditação, & oração, porque não condenemos os que
não sabem ler, ou estão impedidos por outras vias pera o fazer.
Daqui se deixa bem ver, que actos sejam locução, & audição, os
quaes em quanto tocão aos sentidos corporaes, seruem sô de
aplicar o obiecto, ou materia da meditação: & em quãto totão
ao entendimento causão cogitação, de que dissemos, ou consi-
deração, que segundo S. Bernardo, he discurso com que se pre-
tende descobrir a verdade, assi he o mesmo que meditação.

D. Bern. l. 2.
de confid.

Especulação segundo S. Thomas, se toma de *Speculum*, espe-
lho, & he o mesmo, que meditação de Deos por criaturas, nas
quaes como em espelhos o mesmo Deos resplandece; como diz
S. Paulo. *Videmus nunc per speculum*. O vltimo acto do enten-
dimento, he *visio*, visão, que consiste na cogitação simples, fixa,
& permanente de Deos, de que abaixo diremos largamente.

2. Cor. 3.

Posta esta doutrina, diz Santo Thomas, que a substancia, &
essencia da contemplação, consiste em este vltimo acto de enten-
dimento, que he visão; os demais actos do entendimento, que se
apontaram, & os da vontade, que ao diante se apontarão, pre-
cedem, ou seguem a mesma contemplação, ou visão, a qual he o
fim, & termo feliz da vida humana, & bemanentprança, a que
neste mundo se pode chegar. Nem se chama visão, porque seja
clara vista de Deos, q̃ essa sô na patria se acha; mas porq̃ he hũa
simples, & fixa intelligencia da summa verdade. Por onde a vista
clara de Deos no Céo, se pode chamar perfeita contemplação;
a desta vida contemplação imperfeita, & vista escura.

Mas como meditação, ainda que seja acto de entendimento,
com tudo pera ser sobrenatural, religiosa, & ordenada á salua-
ção; he necessario que se acompanhe de affectos virtuosos da
vontade, como largamente em seus lugares temos apontado, &
declarado, assi a contemplação; posto que principalmente co-
siste

Tratado ultimo.

Este em acto do entendimento, com tudo, pera merecer nome de sobrenatural, religioso, & divina, he necessario que se ache junta com affectos meritorios da vórade, que ao diante iremos declarando. Assim neste sentido podemos dizer que contemplação de que tratamos, denianda acto do entendimento, & juntamente affecto da vontade, sem fim concurso de ambas as potencias. De modo, que contemplação, não será outra coisa, que hũa oração mental, subida, leuanteada em supremo grao com eminencia a tudo o criado, exercitado com entendimento, & vontade.

Ephes. 3. 17.
bunoo ob

Iob. cap. 11.
1. 10. 11

O amado de minha alma, poderoso pera fazer tresbordar em mim as riquezas de vossa gloria, fortalecei, estendei com a virtude de vosso poder estes meus deus braços de entendimento, & vontade, *ut possim comprehendere cum omnibus sanctis, quae sit latitudo, & longitudo, sublimitas, & profundum*, pera que com elles possa abraçarme com vosco, & abarcar a immensidade de vossa eternidade, a largura do poder, a altura da Magestade, a profundeza de vossa sabedoria. Conheço com o vosso contemplatio. Iob, que sois mais alto que o Ceo, mais profundo que o inferno, mais estendido que a terra, mais largo que os mares, mas a tudo me atreuo abranger, se com vossa mão estenderdes o conhecimento de meu entendimento, se dilatares os affectos de minha vontade,

CAPITULO III.

Da segunda parte da definição da contemplação, que he cogitação simples.

Como meditação he o mesmo que discurso do entendimento, ordenado a descobrir alguma verdade acerca do objecto em que se pretende meditar, a honra, & culto de Deos, & proveito da alma; assim contemplação he o mesmo que a conclusão, & fim em que remata a mesma meditação; que em effeito he hũa cogitação, ou qualidade simples, que acabado o discurso fica no entendimento, & sem discurso, se está detendo na consideração, & conhecimento na mesma vontade divina, que por discurso se alcançou.

Este

Este acto contemplativo chama Dionysio Areopagita circular com uniformidade das virtudes intellectuales, *quia scilicet, cessante discursu figitur eius intuitus in contemplatione unius simplicis veritatis*. Porque cessando o discurso se emprega o solitario na contemplação de hũa verdade simples; & dentro della como em circulo bem auenturado se anda reuoluendo tempo largo sem ter necessidade de se ajudar de algum dos doze tesouros da meditação, em que consiste o discurso de que falamos.

D. Dionis.
Areopag.
D. Thom.

Não pode nossa alma alcançar conhecimento das verdades senão por discurso, mas feito discurso pode ficar, como em effeito muitas vezes fica, em permanencia fixa, conhecendo, & contemplando as mesmas verdades, que com discurso alcançou. Das verdades que se podem contemplar, como advertimos na definição da meditação, hũas são de fé; outras deduzidas da mesma fé, ou prouaveis em mysterios de fé. He pois certo, que pera hũas, & outras, he necessario discurso, ou meditação, mas com esta differença, que as de fé não nascendo de discurso, como de causa, mas como ajuda, & disposição de melhor se conhecer, ou aplicar, ou explicar o objecto; pois só a revelação diuina he causa directa de se crerem. O conhecimento das mais verdades que não são de fé, nasce do discurso, ou meditação, como causa sua. Ponhamos exemplo.

Alcancei por discurso, ou meditação das criaturas, conhecimento do poder infinito de Deos; desta cogitação simples como que fico contemplando, & pasmando neste poder por espaço de tempo, a causa he ser verdade revelada por Deos, mas o discurso ajudou muito pera dar noticia com môr clareza; & aplicar com efficacia este objecto, ou verdade ao entendimento. Ao contrario; alcancei por discurso, que a Virgem nossa Senhora foy bella, & fermosa sobre todas as filhas dos homẽs, o conhecimento, ou contemplação fixa, com que me detenho em sua vista, sem duvida nasce da força da meditação, ou discurso, por não ser verdade formalmente revelada. Nem he necessario que sempre prece da discurso actual, & proximo a effecção de contemplação; basta que algũa hora o conheça; & sua virtude, & força fique na alma, de maneira, que representados outra vez os termos da verdade contemplada, logo a alma sem mais discurso a receba,

Tratado ultimo

a receba, reconheça, penetre, respeite, & nella com suspensão contemplativa se detenha, cõcorrendo as condições necessarias pera a contemplação.

Nem porque dizemos, que este acto he cogitação simples, queremos dizer, que serve só de representar a verdade contemplada, como representa o espelho a imagem do que a elle se vê, mas sem dõvida sendo em sy simples, inclue intrinsicamente juizo, & conhecimento; & fõrma sentenças perfectas sobre o objecto em que o entendimento está contemplando, sem entretanto recorrer a discursos, ou meditações, pois está no termo dellas; como o philosopho natural na consideração vagarosa da conclusão da verdade natural; que aquinho por discursos e em õs tratiuos; ou com mais propriedade; como o bemaventurado, cuja contemplação da essencia divina, que he a suprema, he cogitação simples, que com tudo eminentemente he judicativa, & apprehensiva do objecto, que ás claras por toda eternidade está contemplando, que he o sumo Deos.

O alma minha, pois este he o bemaventurado termo, & fim supremo a que nesta vida podes chegar, como aguia generosa depois de voar junto da terra, sube ao Ceos; depois de considerar cousas criadas, dá ás azas, voa ao criador; depois de discorrer por enigmas, & semelhanças, chega a fitar os olhos no rosto verdadeiro de teu Deos. Corre, voa, sube, penetra os altissimos mysterios, que estão escondidos na bemaventurada estancia de teu Senhor. Fabricarei Senhor meu degraus, & subidas em meu coração, & por ellas farei por chegaria vós. Apartemse de mim cousas terrenas, & visiveis, fechemse meus olhos, & sentidos ao que tambem gozão brutos animaes; fique liure, & solitario meu entendimento; metase pello deserto aprazivel da contemplação, & levantandose a' sy sobre sy, esteja por toda eternidade parado em vosso fermosissimo rosto, amor meu, & bem meu. Então alma minha te poderei chamar bemaventurada; & competidora dos Serafins dos Ceos, quando puseres teu ninho nos picos mais altos dos montes eternos, & sem pellenhejar tiveres os olhos fitos no verdadeiro sol de justiça: que mór fermosura se pode achar, que mór gozo pode pera trazer, que com vista fixa, & permanente ver o inuisivel, com ouvidos interiores ouvir o que exteriores não ouvem, com olhos de se gozar a luz, o dia

a que

a que não socede noite; com a delicadeza do tacto. spiritual lo-
grar a aprazível primavera do paraizo, a que não socedem tu-
fonos; nem invernós. Ora Senhor meu; ainda que nesta vida
não posso ver a luz increada; & incomutavel de vossa divina
essencia; pois he só premio de bem afortunados; da maneira que
posso vos contemplarei, por vós suspirarei no baixo da terra,
até vos ver; & dograr presente no alto Ceo.

CAPITULO III.

Da terceira parte da definição da cõtemplação,
que he Deos.

SE he verdade o que asima dissemos, que cõtemplação he
termo da meditação; bem se segue que tantos generos auerá
de cõtemplação, quantos ha de meditação. E como a medita-
ção se divide em purgatiua, illuminatiua, vñitiua; assi a cõtẽ-
plação parte será purgatiua, parte illuminatiua, parte vñitiua. E
como a meditação abranje a varios objectos em que se empre-
ga; assi a branjerá a cõtẽplação. Por onde se inferno. q
he objecto da meditação purgatiua; assi será da cõtẽplação
purgatiua. Se virtudes de Christo, santos, & da Virgem nossa
Senhora são objecto em q se emprega meditação illuminatiua;
tambem o serão da cõtẽplação illuminatiua; & como Deos
em quãto Deos he objecto da meditação vñitiua, assi será de cõ-
tẽplação vñitiua, que he o mesmó, que dizer, que os discursos
sobre o inferno se virão a terminar em cogitação simples, cõ q
nosso entendimento esteja parado na grãdeza, & eternidade das
penas do mesmó inferno. E a meditação das virtudes de Christo,
santos, & da Virgem, virá parar em cogitação simples, suspen-
sa na fermosura, & perfeição das mesmas virtudes. Em fim as me-
ditações de Deos em quanto Deos terão por termo; & remate a
cogitação simples, & cõtẽplatiua da immesidade, eternidade,
infinitude do mesmó Deos. E como dos affectos da voutade o
temor, odio, & tristeza acõpanhaõ a meditação purgatiua, assi
acompanharão a cõtẽplação purgatiua; & como amor, dese-
jos, & resoluções, a meditação illuminatiua, assi a cõtẽplação
illumi-

102
 illuminatiua, & gozo transeunte, que se acha nas meditações
 unitiuas se achará permanente nas contemplações unitiuas. O
 que melhor se entenderá quando tratarmos dos affectos cō que
 a vontade corre na contemplação.
 Conste entre tanto, que todas as vezes, que nos achamos na
 oração suspensos com cogitação simples, tristezas de pecados,
 & temores da morte, juizo, purgatorio, inferno, sem duuida
 estamos em contemplação purgatiua. E ja pode ser que pela
 confirmação desta verdade se dá por titulo no livro dos exer-
 cicios a meditação do inferno, contemplação do inferno. Da
 mesma maneira, quando estamos suspensos na cogitação, amor,
 & desejo das virtudes de Christo, nossa Senhora, & santos, sem
 duuida estamos em contemplação illuminatiua. Em fim quan-
 do o entendimento está parado em a immensidade, eternidade,
 & mais attributos de Deos, & a vontade fixa no affecto do gozo
 do mesmo Deos, felizmente descansamos na contemplação
 unitiua, de modo, que a proporção que tem a meditação uniti-
 ua para a contemplação unitiua; e esta sem duuida tem as me-
 ditacões unitiua, & purgatiua; para as contemplações illumina-
 tiua, & purgatiua; pois igualmente podem ter por termo a cogi-
 tação simples, & permanente em que consiste a verdadeira
 contemplação. Assim a mesma proporção, que tem os affectos
 de alegria, & gozo, da vontade para a contemplação unitiua,
 effa tem amor, desejos, resoluções para a illuminatiua, tem os
 odios, iras, tristezas, para a purgatiua. A contemplação unitiua
 adoece a alma; illuminatiua, atraihe; purgatiua atemoriza; uniti-
 ua atributa com alegria, illuminatiua enleua com amor, &
 desejos; purgatiua suspende com tristezas, & odios. Contem-
 plação unitiua he gloriosa; illuminatiua amorosa; purgatiua,
 temerosa. Unitiua une com Deos; illuminatiua imita a Christo;
 purgatiua afasta do inferno. Unitiua abraza com charidade;
 illuminatiua enriquece com virtudes; purgatiua purifica de pecca-
 dos. Unitiua nos põe no termo da perfeição; illuminatiua
 no meio; purgatiua no principio. Quando estamos em con-
 templação purgatiua, decemos ao baixo do inferno, & mais
 penalidades do peccado; quando na illuminatiua caminhamos
 por planicie de virtudes; quando na unitiua, descansamos no
 termo do amor diuino.

O soberano Deos, que por varios caminhos nos leuais a vós; com varios effectos vindes a nós; entrai nesta alma Senhor, & primeiramente a suspendei com affeito de aubrrecimento de pecados passados, temor das penas por elles merecidas, com contemplação purgativa: logo a illuminai com o resplendor das virtudes: contemplação illuminativa alheia da affeição das cousas da terra, apostada a seguir as do Céo: em fim abrazaí cō o fogo do amor, & charidade diuina; com contemplação vñtíua abismada na grandeza de vossas perfeições, & fermosura, pera que alheio de mim, leuando sobre mim mesmo, fique so branceiro a pecados, isento de penas, rico de virtudes, inflama-do em amor; em nada men, em tudo vosso, de nada necessitado; de tudo rico, possuindo, & gozando de vós, que sois a mesma fermosura, & riqueza.

CAPITULO V

Da mesma parte da definição da contemplação, que he Deos.

Ainda que a doutrina do capitulo precedente he certa, & fundada em principios verdadeiros, com tudo nem Doutores Theologos, nem santos contemplatiuos conhecem contemplação purgativa, nem illuminativa; somente celebrão a vñtíua: assi quando tratão da natureza, propriedades, & circunstâncias da contemplação; tudo entendem da que se occupa em Deos: em tanto grão, que toda oração, que tem por obiecto immediato a Deos, ou seja formada por cogitação simples contemplativa, ou por discursiua, que he o mesmo que meditação, só, & toda chamão contemplação. Basta occupar-se hũa alma em considerar em Deos pera se dizer que esta em contemplação; assi não attendem tanto ao modo, & forma de contemplar, quanto a materia de contemplação.

Daqui nasceo inuentar Richardo de S. Victore seis modos de contemplação na primeira parte do seu Benjamin no capitulo sexto, que todos, ou quasi todos são em realidade meditação. Ponhamos suas palavras, que são as seguintes. *Six sunt contempla-*

Ricard. de
S. Victor.

et contemplationum genera. Primum est in imaginatione, & secundum solam imaginationem. Secundum est in imaginatione secundum rationem. Tertium est, in ratione secundum imaginationem. Quartum est in ratione & secundum rationem. Quintum est supra rationem, sed non prater rationem. Sextum supra rationem, & uidetur esse prater rationem. Ha seis generos de contemplação, primeiro he da imaginação conforme só á imaginação. Segundo da imaginação conforme á razão. Terceiro da razão conformetá imaginação. Quarto da razão conforme á razão. Quinto, he sobre a razão, mas não fóra da razão. Sexto, sobre a razão, & parece que he fora da razão. Contemplação da imaginação conforme só á imaginação, he quando lançando os olhos, & applicando os sentidos a este mundo visuel em grosso sem chegar ao meudo de cada húa das criaturas, com admiração consideramos, & considerando nos admiramos da multidão, grandeza, & diuersidade de suas partes, & daqui subimos ao poder, sabedoria, & grandeza daquella supersubstancial natureza criadora, & conservadora de tudo.

Contemplação da imaginação, conforme a razão he a que com entendimento discore mentalmente pello obiecto da imaginação, que he este vniuerso visuel tomado em grosso, como osima dissemos, o que faz repartindo as partes de qe consta, esquadinhando cada húa das criaturas em particular suas propriedades, natureza, effeitos, ordem, & fermosura. De modo que o primeiro genero de contemplação se contenta com formar na imaginação este mudo em geral, este segudo deee ao particular. O primeiro parece qpara na imaginação; este passa adiante com a razão. O primeiro tomando como a vulto este mudo. Geo, terra, mares como por hu degrao sobe a Deos; o primeiro considera a propriedade da estrela, a fermosura do planeta, a figura, cheiro, suavidade da flor, sabor da fruta; membros instrumentos, do animal sobe por muitos degraos ao mesmo Deos.

Contemplação de imaginação, segundo a razão he a que com actos do entendimento se levanta a Deos, mas fundados em imagés interiores que se formão na imaginação, tomadas por semelhanças de criaturas exteriores, & visueis de que em seu lugar mais largamente diremos, & ja tratando dos doés do Spirito santo dissemos, declarando o dom do entendimento.

Contem-

Contemplanção de rezaõ, segundo a rezaõ, he quando cessando o officio da imaginação, sô com entendimento discorremos por obiectos a que a imaginação não pode subir, quaes são as luzes, & conhecimento do entendimento, & affectos da vôtade, q de nossa alma experimentamos, & delles subimos a mais alto conhecimento dos bẽs eternos, & mysterios diuinos, que não vemos, mas esperamos; de que ja falamos no tratado dos doẽs do Spirito santo, & falaremos adiante.

Contemplanção da rezaõ, que he sobre a rezaõ; mas não fora da rezaõ, he a que sobe a mysterios de Deos reuelados, que por rezoẽs humanas, & discursos naturaes do entendimento se não podem conhecer, nem comprehender, qual he a charidade cõq Deos se resolveo a tomar carne humana pera nos salvar, & semelhantes, q se achão naquella simplifsima, & beatifsima essencia de Deos, que excedem as forças naturaes de nossa alma.

Contemplanção da rezaõ, que he sobre a rezaõ, & parece que he fora da rezaõ, exercita nossa alma quando levada de azas diuinas, & illustrada com resplandores celestiaes, contempla, & conhece mysterios que são sobre, & fora de toda a rezaõ humana; quaes são todos quãtos que pertencem ao mysterio da santissima Trindade; distincão de pessoas; geração do filho; processão do Spirito santo, &c. Estas são as especies da contemplanção, celebradas de Ricardo de S. Victore, a cuja deuacão, & inuencão deuem muito as almas deuotas, que pretendem perseguição contêplatina, pois tem variedade, & facilidade de caminhos por onde cõ facilidade podem subir.

Mas tambem se deixa ver o q no principio dissemos, & he que nem Ricardo, nem outros Doutores da mystica Theologia, tratão tão do rigor da forma da contêplanção, quanto da nobreza do obiecto da mesma contêplanção. Assim a todas as meditações de Deos, & seus diuinos attributos dão titulo de contêplanção, o que fazem não sem fundamento. Porq como a perfeita bemaenturança da outra vida consiste na perfeita contêplanção, & clara vista de Deos; assi a imperfeita bemaenturança desta vida cõsiste na imperfeita contemplanção; & escura vista do mesmo Deos, & como qualquer cõsideração, ou meditação de Deos he de algũ modo vista do mesmo Deos, daqui nasce merecer nome de contemplanção: mas nós como imos falando nesta materia cõ todo

rigor escholastico, daremos a cada cousa destas seu titulo, separã do discursos da meditação, de cogitação fixa cõtêplatiua; seja tudo vista de Deos da maneira que nesta vida pode ser; mas o q he discurso, & meditação seja vista como de treuas escuras, que pouco, & pouco vão esclarecendo, o que he contemplação vista que de frecha prega os olhos na luz do sol.

C A P I T V L O VI.

Da quarta parte da definição da cõttemplação, que he alma suauemente levantada a Deos.

NÃO anda a cõtêplação vaitiua, de q particularmente falamos pellos baixos da terra, leuãtada viue nos altos do Ceo; não se detem em criaturas, sô para no Criador: despreza cousas visiuais, & estima sô as inuisiuais; esquecida das tẽporaes, sô se lêbra das eternas; não he como aue rasteira q voa junto à terra; mas como aguia real q sobe ao paraizo cõ as duas azas da alma, q são entendimento, & vontade. Cõ entendimento sobe, conhecendo; cõ a vontade sobe, amando; igualmente penetra a diuina essencia o entendimento cõ acto de fẽ; & vontade com acto de esperança, & charidade. Cercada vejo esta rainha como a do Apocalypse, de rayos do sol, coroada de estreias, com a lãa, ou variedade de couas terrenas debaixo dos pẽs, voando cõ duas azas de aguia ligeira aos môtos da gloria, apartados do reboliço da terra, isentos das misérias da vida, sobranceiros a todo crizido, pera nelles lograr liurementes a vista clara do Rey dos Reys, do Senhor dos senhores em Siazõ. *Quis dabit mihi pennas, sicut columba, & volabo, & requiescam?* O Spirito diuino, q em figura de poba decesses do Ceo à terra sobre a cabeça do Rey da gloria, communicai a minha alma algũa parte da ligeireza de vossas azas, pera q possa voar, não do Ceo à terra, mas da terra ao Ceo, & cõtêplando descãsar; & descãsado cõtêlpar não sô na cabeça do mesmo Rey da gloria, q he sua diuindade, mas nos pẽs, q he sua humanidade. Mas nõs tratemos ja de cada hũa destas azas em particular, digamos da aza do entendimento, & da aza da vtrade; do cabedal cõ que cada hũa destas potẽcias entra na Sancta sanctorum da cõtêplação; & primeiro do entendimẽto.

Apocal. c. 12.

Psal. 54.

Matth. 3.

CAPITULO VII.

Da primeira virtude do entendimẽto, que entra
na contemplação, que he a fẽ.

Sendo o acto contemplatiuõ vnitiuo de nosso entendimento de q̃ imos falando hũ sô; & infinito o obiecto em q̃ se ocupa, que he Deos, sem duuida ficará fraco pera a cometer tão grande empresa; desproporcionado pera tão alto officio; de braços muy curtos pera abarcar, & abraçar immensidade tão grande, se não se ajudara da variedade, & multidaõ de actos, dos quaes armado, acompanhado, & cõposto, ficará robusto, & esforçado como gigãte, *adcurrẽdam viam*, pera correr caminho tão comprido, & chegar ao fim desejado, q̃ he a vista, & conhecimẽto de Deos, & de seus attributos da maneira q̃ nesta vida pode ser.

Psalm. 18.

Afsi somos cõstrangidos a dizer, q̃ o acto da cõtẽplação he hũ, & muitos; hũ porq̃ he cogiração de sua natureza simples, como afima dissemos: muitos, porq̃ recolhe com o centro as linhas de outras virtudes. He como estilado cõposto da variedade de flores de outros doẽs, recolhido na ambula do entẽdimẽto, pera cõ elle borrisar a alma o throno de Deos, como faziã os anciãos do Apocalypse, cujas arredomas se estauão cheas de agoas chei rosas de oraçõs de santos como diz S. Ioaõ, principalmẽte estauão das estiladas da cõtẽplação de q̃ falamos. Nem quadraõ menos a nosso intento as cytharas cõ que tangiaõ; porque como a cythara pera fazer hum som se ajuda de variedade de cordas; que com serem differẽtes em sy, na harmonia vem a ser hũa; afsi este acto da contemplação, cõ ser encordado de variedade de virtudes, & doẽs he hũa sô harmonia, & musica q̃ se faz a Deos.

Apocal. 9.

Qua est ista (podemos perguntar com a Sabedoria) *qua ascendit per desertum sicut virgula fumi ex aromatibus myrrha, & thuris, & omnis pulueris pigmentarij*? Quem he esta, q̃ do deserto vai subindo, como piuete composto de varias confeiçõs aromaticas? esta sem duuida he a cõtẽplação, que sendo hũa por acto de entendimento, he muitas por cõposiçãõ de varios actos, & doẽs, como piuete de especies de confeiçãõ com q̃ abrazada em fogo de amor ao Ceo se està enaporando, & subindo.

Cant. 3.

Tratado ultimo

Ezech. 17.

A primeira linha que vem dar a este centro, primeira flor de que se compoem esta agoa de misturas, primeira corda, que soa nesta musica; primeira especie aromatica, que entra na cõfecção deste pinete, he a fê, que como aguiã real, tomando voo, firme, & certo da reuelação diuina, com summa ligeireza chega ao throno de Deos, & com seu bico dourado tira crendo a medula do cedro da eterna verdura, que são as perfeições, & attributos de Deos; cujo vigor, & verdura nunca se seca, nem por toda eternidade secará. Não he o lume da fê tão claro como o lume da gloria, que descobre claramente o rosto de Deos; mas he mais claro que o lume das criaturas, que he reflexo, & de enigmas, & espelhos, como diz S. Paulo; & así melhor, & mais claramente, que ellas nos dá vista do Criador, porẽm ainda escuramente, & como sol dentre nuẽs, atẽ acabarem as neugas, & se correr a cortina, & vermos a Deos *facie ad faciem*; de rosto a rosto.

1. Cor. 13.

3. 1. m. 1. 9

D. Thom.

Evindo ao particular, quem duuida, q a alma, q está contemplando, juntamente está crendo o q contẽpla; como pode contẽplar na immensidade, & grãdeza de Deos, sem erer q he Deos immenso, & grande; em q se pode fundar a firmeza da contemplação, na qual como diz S. Thomas, não he possivel acharse erro, ou falsidade, senão na certeza da fê q nella cõcorre. Cõste pois como verdade infallivel, q se acha, & entra este rio da fê no mar immenso da contemplação, & nelle tem seu effeito as agoas caudalosas, com q entra; mas não de maneira q seja necessatio lebrarse a alma, & aduertir cõ reflexão actual, q está crẽdo; quando esta cõtẽplado, basta a firmeza cõ q se ocupa em obiecto certo, & reuelado pera se entender, que cõtẽplando crẽ, & crendo contempla.

3. 1. m. 1. 9

Não se ocupa contemplação sô em mysterios de fê, & verdades reueladas, mas tambem em outras pias, & deuotas, que facilmente se inferem, & tirão por discurso das reueladas, de que ha muitos exemplos nas contemplações, purgatiua, & illuminatiua; & tambem se acharão na vnitiua de Deos. Pera estas pois serue a que chamamos sciencia Theologica, que depois de discorrer de Artigos de Fê a estes mysterios pios de que falamos, depois de os achar, & considerar, se vai encorporar em seu termo, & fica como as mais meditações, que he a contemplação, & em fim feita contemplação, como dissemos, que se faz a virtu-

a virtude da fê; se detem com a cogitação simples suspensa na mesma verdade, & myfterio tenão com certeza immediata da Fê, ao menos com mediata, & remota, tomada por meyo do discurso da mesma Fê. E deste genero de contemplanção são não somente capazes varões doutos, & que sabem discorrer, & inferir semelhantes conclusões; & verdades de seus principios; mas ainda varões idiotas, & simples, que ajudados da graça divina, & alumiados com o exercicio, & uso da oração penetraão a profundeza das virtudes diuinas; sabem fazer definições, diuifões; & deduzir conclusões em materias de espirito com mais facilidade, & fructo, que os que gastaão a vida em queftões, & sutilezas de escolas, de Philosophia natural, & Theologia speculatiua sobrenatural; como foraõ os Paulos, Antonios, Egidios, Iuniperos, & Anachoretas sem conto, que S. Boauentura chama Philosophos contemplatiuos.

Em contemplanção me acho, ò grande Deos animado com a firmeza da Fê; contemplando creio, & crendo contemplo assi ò que sois, como o que não sois; assi o que tendes de perfeição, como o que não tendes de imperfeição. Sois immenso sem limite; eterno sem principio; & sem fim; immovel, sem variedade de lugar; immutavel sem mudança de parecer, ou querer; immortal, sem corrupção de essencia, & natureza; sabio sem ignorancia; santo sem pecado; fetmoso sem fealdade; poderoso sem fraqueza; alegre sem tristeza; rico sem pobreza; viuo sem doença; sem morte. Não sois luz que vemos com os olhos; nem harmonia, que sentimos com ouuido; nem sois cheiro; & perfume, que percebemos com olfato; nem sabor, que logramos com o gosto; nem delicias corporaes que tocamos com tacto; mas sois luz sobre toda luz que olhos não vêm; harmonia sobre todas as harmonias, que ouuidos não ouem; balfamo, & cheiro precioso, q' olfato não percebe; sabor sobre todos os sabores, que gosto não sente; amado sobre todos os amados, que tacto não pode abarcar, nem abraçar. Isto, ò grande Deos, em quanto me ajudardes estarei crendo; isto em quanto me fauorecerdes estarei contemplando.

(*)

CAPITULO VIII.

Da segunda virtude intellectual que concorre na contemplação que he dom do entendimento.

A Segunda virtude intellectual, que como rio entra no mar largo da contemplação: a segunda linha que vai dar no ponto do acto contemplativo: a segunda corda que descanta nesta cythara diuina he o dom do Spirito Santo que se chama Entendimento, de que dissemos em seu lugar.

O officio deste dom na contemplação vnitiua de Deos he representar a Deos debaixo de especies, figuras, & semelhanças corporaes, sem ajuda das quaes nossa alma em quanto está no corpo mortal nem pode perceber a Deos, nem Anjos, nem a sy mesma, ou qualquer outra criatura puramente spiritual.

Estas especies representadoras de Deos, & seus attributos são sem duuida sobrenaturaes, pois nasce de dom sobrenatural, mas são muy conformes, & parecidas ás especies, que por meyo dos sentidos exteriores nossa alma recebe dos obiectos naturaes: de modo que sendo hum o dom do Entendimento em seu ser, he muitos em representar.

Já como pedra triangular de vidro artificioso representa em Deos, luzes, cores, circulos dourados, & figuras admirauéis proprias da vista: já como echo sonoro, representa suavidade de vozes proprias do ouvido: já como thuribulo d'ouro parece que está evaporado em Deos fragrancia de especies aromaticas, & balsamos cheirosos. Em fim como mesa rica apresenta variedade de sabores diuinos; como primavera apraziuél delicias honestas do tacto, da maneyra; que se podem achar em Deos.

He utilissimo este dô pera o felice vso da cõtêplação; por virtude d'elle se sustêta nossa alma contêplando cô môr firmeza em seu vltimo fim; pois o conhece cô mais diuina representação, cô especies mais nobres do q são as naturaes. Cô ellas, como com aras de pomba prateadas, & douradas sobe, & se leuanta sobre as cousas criadas, & nas eternas para com mais subida admiração; & ali conhece melhor, & acha mais dignas de Fê as verdades em que contempla, & recebe com este auxilio, & representação suavidade, & consolação altissima semelhante à eterna.

Do dito se deixa bem ver como o dom do entendimento sem do hum só, se pode chamar todos os objectos dos cinco sentidos. Luz, cor, som, cheiro, sabor, toque. Pois faz officio de todos elles em os representar, & tambem em correspondencia, nossa alma sendo hũa só se pode chamar todos os cinco sentidos pois faz officio de todos elles em obrar com o que o dom do entendimento representa. Assim he juntamente vista, ouuido, olfato, gosto, tacto. E no acto da contemplanção ao modo do que dorme, & sonha, fechados os olhos exteriores, interiormente está vendo cousas marauilhosas em Deos; & o mesmo corre nos de mais sentidos, em forma que não ouuido ouue, não cheirando, cheira; não comendo, gosta; não tocando, toca do modo que pode ser a Deos.

Assi o experimento, ó grande Deos, estendendo o olho da contemplanção pella grandeza de vossa diuina essencia, ora vos acho hum fogo immenso, abrazado, & abrazador; ora vos vejo como hũa neuoa clara, & transparente sem fim; já hum ar delicado de cor do Ceo, que se estende sem termo. Em fim hum mundo infinito de crystal, dentro do qual vejo bosques, espessuras, jardins, caças, montarias, exercitos, mundos novos, montes fertis, vales frescos, campos bemaueiturados de rosas, & boninaes que nunca marchão, fontes, rios, que nunca se turbaõ, Ceos estrellados, Planetas de noua fermosura, que nunca se eclipsaõ. O que vistas tão alegres, & apraziueis, me dais de vós, ó Senhor meu: ó como enchem o olho de minha contemplanção; ó como fartaõ a curiosidade de minha alma. E se o olho contemplatiuo vê grandes cousas em vós, ó grande Deos, não ouue menos em vós o ouuido contemplatiuo de meu espirito. O que musicas tão suaves, ó que harmonias tão doces: que descantes tão concordes de frautas, citharas, violas, orgãos sem algũa discordancia se ouem dentro de vós. Recreado por todas as partes de suauemelodia me leua a contemplanção por espaços infinitos de vossa immensidade. Por mais que por ellas me vá alongando sempre vou ouindo suauidade de vozes, & instrumentos; antes a vós acho a mesma musica, o mesmo descante, & consonancia; tudo o mais fora de vós he desconcerto, & dissonancia.

In odorem unguisitorum tuorum curremus. O que fragancia, & suauidade sente minha alma Senhor meu quando como pom-
binha

Cant. 2.

binha branqueada com a pureza da consciencia, dando as azas da contemplação he leuada apòs o cheiro, que de sy estão lan-
gando os montes de myrrha, & outeiros de incenso de vossos di-
vinos attributos. O como vai confortada quando toma o voo
por entre os aruoreos de balsamos preciosos de vossas suauis-
simas perfeições. O como se recrea quando descansa, & se apa-
centa entre os rosas, & açucenaes cheirosos de vossa bondade,
& fermosura infinita. Não chegão aqui as especies aromaticas
de Arabia feliz; a fragrancia dos matos de Canella de Ceilão;
nem os perfumes dos piuetes, & pastilhas de confeição. Sendo
isto assi que queres alma minha dos charcos, & monturões no-
jentos do mundo, que de sy continuamente estão vaporando ex-
halacões pestilentas, & cheiro do inferno. O Senhor meu, &
Deos meu. *In odorem unguentorum tuorum curremus.* Pois re-
creais Senhor ao olho contemplatiuo de minha alma com luzes
diuinas, o olfato com fragrancia celestial; o ouuido com suau
harmonia. He tempo de recreardes meu gosto com diuinos sa-
bores. *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Minha con-
templação esta no ponto do meyo dia, ponde Senhor a mesa,
corrão as iguarias, & pois por vossa brandura, & bondade assi
quereis, meterei a mão no mesmo prato, comerei das mesmas
iguarias, que vós comeis que he vossa diuina essencia, sois vós
mesmo.

Cant 2.

Psalm. 36.

*Quam magna multitudo dulcedinis tue Domine, quam abscon-
disti timentibus te.* O que doçura tão grande he a que tendes
guardada Senhor pera esta hora pera os que temêo vos amão,
& amando vos temem; que iguarias tão saborosas, & preciosas
as de vossos diuinos attributos. Não chegão aqui as quintas subs-
tancias das mesas dos Reys; abaixo ficão os sabores da terra,
que fartando enfastião, & enfastiando fartaão; os vossos que são
vossas diuinas perfeições me sustentão, farto sem fastio, faminto
sem fome; Nem se pode dizer deste vosso celestial banquete. *Vini-
um non habent*, tudo experimento; que esta nadando em pre-
ciosos liquores; comprida vejo em mim a promessa do vosso
Profeta *Inebriabuntur ab obertate domus tue, & torrente volupe-
tatis tue potabis eos, quoniam apud te est fons vite.* Tomado meu
gosto da suauidade de vossa doçura a força da consolação fico
como fôr de mim; sois fonte perene de suauidade, & gosto de
minha

Ioan. 2.

Psalm. 35.

minha alma; a qual pondo a boca a vossas correntes quanto mais bebe, & logra, tanto mais se farta, & quanto mais se farta, tanto mais deseja de beber, & lograr.

Inueni quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam. Bem-dito sejas Senhor, que depois de fartardes os mais sentidos co a variedade de vossa presença, quereis recrear também meu taçto interior com delicias celestiaes, & diuinas, a que não chegam gostos da carne, mimos do corpo, brandura de primavera, aqui vos tenho Senhor presente, & vnido comigo, & parece vos apalpo com minhas mãos, & estou abraçando com os braços de minha alma. Não vos largarei Senhor, nem vos apartarei de mim. Osculetur me osculo oris sui. Dai licença Senhor a minha contemplação pera vos dar osculo de paz; assi em vosso osculo suavissimamente viuirei como outro Moyses com os olhos na bema-uenturada Palestina, em vosso osculo morrerei.

Cant. 3.

Cant. 2.

Deut. 3.

CAPITULO IX.

Da terceira virtude intellectual que concorre na contemplação que he o dom da Sciencia.

Dissemos em seu lugar, que o dom da sciencia he levantar a alma a Deos pellas criaturas naturaes. Medita pois nellas primeiramente, por tesouro de comparação, de menos a mais; de menos perfeição a mais perfeição, até chegar a suprema, que he a de Deos; & começando por criaturas mais baixas que são os elementos logo entre elles proprios acha ventagem de perfeição dos superiores aos inferiores. Daqui sobe às criaturas mais nobres, que são as que Philosophos chamão mixtos; como ouro, prata, pedraria, metaes. Considerada a perfeição destes sabe com medirações de plantas, aos pumares, & jardins do paraíso terreal, aos bosques espessos do monte Libano, às vinhas de Engadi, rosas de Iericó, flores de campo, lyrios de valles, & já nestas criaturas acha auentajada perfeição de vida vegetatiua por virtude da qual com as raizes, como com boca recebe,

& di-

& dilgerem o mantimento, & o lançaõ aos ramos, & braços com que se aumentão, & fruitos que de sy produzem.

Daqui sobe a sciencia aos ares, deçe aos mares, corre as terras, & obseruando os voos, & musicas das aues, as voltas, & curtos dos pescados, o mouimento progressiua, & local dos animaes terrestres, acha em todos ja mais subido graõ de vida sensitiua; & ainda esta em hũs mais perfeita que em outros, como nas baleas mais que nos mariscos; nas Agoias mais que nas abelhas. Sobre todos considera mór perfeição nõ animal racional, que he o homem; em que alem do ser dos mystos, da vida das plantas, sentir dos animaes descobre entendimento com que discorre, o que se não acha em os demais.

Dando-las azas a sciencia chega a lugar mais nobre que he o Ceo, leuantado em sitio, auantajado em fermosura; & nelle vè os spiritos bemauenturados de entendimento mais alto, que os homens; de substancia spiritual, & alhea de toda a materia, & correndo por ordem de perfeição seus coros, & hierarchias começa por Anjos, vai sobindo a Archanjos, Principados, Poderios, Virtudes, Dominações, Thronos, Cherubins; em fim remata em os mais altos Serafins, cuja perfeição natural vence toda a outra das mais criaturas; & porque a natureza limitada não sofre processo infinito, tem termo ultimo, de necessidade vem o dom da sciencia com sua meditação comparatiua a parar em hũa perfeição increada infinita, sobre a qual não ha outra mayor, eminente, & sobranceira a todas, & a esta chamamos Deos: a fima do qual não pode mais subir a sciencia pois nelle acha infinitamente auantajado tudo, o que soy descobrindo, & pode descobrir de perfeição nas criaturas. Mas em armado do mesmo dom de sciencia, deixado o tesouro de comparação entrando no de causas, & effeitos quero primeiramente discorrer por varios, & admirauéis effeitos, que acho na natureza, pera delles subir a causa suprema donde nace. Começarei pella firmeza da terra, que nomeyo do mundo está parada sem se mouer a hũa parte, nem a outra, & com tudo sobe em montes; deçe em vailles, & segrafa em dampinas; & abre em bocas, & grutas profundas. Que direi da perenidade, com que brotão as fontes, correm os rios, & está embaçando continuamente suas ondas o mar. Da sutileza, & ligeireza